



# militia

ANO V

N.º 26

JANEIRO/FEVEREIRO — 1952



Ilmo. Sr.  
Ten. Cel. RUBENS TEIXEIRA BRANCO  
S. M. B. da F. Publica  
CAPITAL - S. Paulo

1387/19-24

# SUMÁRIO

Nossa Capa .....	116
------------------	-----

Editorial .....	3
-----------------	---

## DIVERSOS

A Torre de Babel e o Esperanto — Ten. M. M. Sendin .....	4
John Locke e a Sociedade — Cleusa Ferreira Veloso .....	6
Combate de Pontal — Ten. cel. Antônio Medeiros de Azevedo .....	8
Vivência — Poitiers .....	12
Coisas da Força Pública — Cel. Anchieta Torres .....	14
O coração é que decide — Felix B. Morgado .....	18
Sorocaba — sd. J. Damaceno Guimarães .....	22
Dos Crimes Editoriais praticados pelas Tipografias — Nelson Palma Travassos .....	24
Cultura e Arte — Laura Della Mônica .....	28
O Grande Problema — Ten. cel. José H. Trigueirinho .....	32
Defesa do Cinema Nacional — Ortiz Monteiro .....	35
Gaveta de Cartas .....	115

## NOTICIÁRIO

O 120.º Aniversário da Força Pública .....	38
Tribunal de Justiça Militar — Posse do Novo Presidente .....	43
Aniversário do 1.º B.C. ....	44
O Batalhão de São Paulo — Euclides da Cunha .....	51
As Comemorações do dia da Bandeira .....	54
Homenagem do Jockey Club à Força Pública .....	56
Ecos do Aniversário do 2.º B.C. ....	60
Semana da Marinha em São Paulo .....	62
Nova Tabela de Vencimentos da Força Pública .....	63
Papai Noel nos Quartéis da Força Pública .....	64
Encerram-se as Atividades do Depto. de Fisc. da C.E.P. ....	72
Encerramento dos Cursos da Escola de Ed. Física .....	87

## NOTÍCIAS DAS CO-IRMAS

Bahia .....	74
Ceará .....	75
Distrito Federal .....	75
Minas Gerais .....	77
Pernambuco .....	78
Rio de Janeiro .....	79
Rio Grande do Norte .....	81

## EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS

Brilhante Atuação dos oficiais Brasileiros .....	85
Confraternização Policial-Militar .....	91
Inaugurada a Praça de Esportes do 6.º B.C. ....	93
Olimpíada Anual .....	96
Gloriosa Carreira de Soldado e Esportista .....	101
Corrida de São Silvestre .....	105
O que foi o IV Campeonato Brasileiro de Tiro .....	103
Sociedade Hípica de Campinas .....	112

Secção de Edipo .....	113
-----------------------	-----

# Editorial

*Escoara-se apenas meio século do descobrimento do Brasil.*

*A terra, vestida de cerrada vegetação, permanecia quase ignota, fora da orla que serpenteava a costa.*

*Aqui ou acolá, heróicos desbravadores se aventuravam penetrar-lhe o interior.*

*Pouco a pouco, amiúdavam-se as incursões.*

*Já se viam, raras e raras aldeias, resistindo as investidas indígenas e dominando a natureza.*

*A colonização se esboçava paulatinamente. Qual sentinela vigilante, levantava-se a Cruz de Cristo no extremo do chão conquistado palmo a palmo.*

*Prosseguiam as entradas e concretizavam-se os núcleos de fixação.*

*A 25 de janeiro de 1.554, debruçado no planalto de Piratininga, erguia-se sobranceiro, divisando o vale do Anhembi, o símbolo do Cristianismo.*

*Chantava-se mais uma vila.*

*Jesuítas, impulsionados pela fé ali edificavam um colégio e uma igreja.*

*São Paulo, nascia assim, sob auspicioso desígnio.*

*Fé e saber embalavam-lhe o berço.*

*Uma iluminando-lhe a alma, outro esclarecendo-lhe a mente.*

*Corre o tempo e com êle Piratininga.*

*E na ante-véspera do seu quarto centenário, a modesta vila, apresenta-se como imensa cidade, ávida de espaço, coalhada de arranha-céus e com mais de dois milhões de habitantes que, fraternizados, a engrandecem e dignificam.*

*Viça em Piratininga o mesmo espírito de concórdia e fraternidade que presidiu ao seu nascimento.*

*Nesta hora, quando o mundo se contorce, pungido pelo desentendimento dos homens, é mister que São Paulo reafirme bem alto seu credo nos valores espirituais, porque só assim se justificará o*

*"NON DUCOR DUCO".*

# A Torre de Babel e o Esperanto

Gen. M. M. Sendin

Conforme reza a Escritura Sagrada, depois de Adão, houve uma série de homens, cuja longevidade, que culminou em Matusalém, se tornou proverbial. Eis que o célebre macróbio chegou quase aos mil anos. E, diga-se de passagem, essa foi sua maior obra, porquanto a seu respeito só se sabe que, «gerou a Lamech e filhos e filhas». Moisés, vivendo menos de um oitavo desse tempo ficou na História, como legislador, estrategista e homem de Fé. Dispondo de uma vida quase eterna, dentro das contingências materiais, o homem tornou-se cada vez pior. Para diminuir o mal o Criador «tabelou» a existência em 120 anos, idade em que, até então, costumavam casar-se os jovens — naturalmente mediante permissão dos pais.

De nada valeu a ameaça — nossos ancestrais continuaram a praticar o mal até que: «Arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a face da terra»

Mas, como «Noé era varão justo... e andava com Deus» foi escolhido para perpetuar a raça dos «bons».

Ao que consta a escolha satisfez plenamente. O patriarca, nos 350 anos que viveu após o dilúvio, se embriagou só uma vez e, desta feita, amaldiçoou seu neto Canã, como castigo, por ter o pai deste, Cam, zombado do estado do ge-

nitor, que se despira completamente — pagou o justo pelo pecador.

A despeito da lei vigente, Noé viveu uns bons anos — só lhe faltaram 50 para o milênio.

Continuaram a crescer e a multiplicar-se, até que resolveram construir a torre que viria a chamar-se de Babel e, é neste ponto que nos desparamos com o Esperanto:

De fato, uma só língua para a humanidade, antes de ser Esperança foi realidade.

O artigo sobre o assunto, escrito pelo culto colega Bianco Júnior, nos entusiasmou e, por isso, lhe pedimos escrevesse lições sobre o aprendizado da língua universal, o que ele prometeu fazer oportunamente.

Realmente a perspectiva de uma língua, capaz de garantir cabal entendimento entre as nações constitui nova deveras alviçareira. Surpreende, até, que não se tenha dado apóio oficial a essa Esperança tão sincera de, com fórmula assás simples, pôr término aos desentendimentos universais.

O remédio proposto é digno de ser experimentado e talvez possa «remediar» a angustiada situação da humanidade, proporcionando, como proporcionaria, mais amplo entendimento.

Seria esperar demais se almejássemos cura radical com um paliativo.

A identidade da fala jamais proporcionou compreensão mútua — as guerras civis e as interamericanas, levadas a efeito pelas nações de língua castelhana podem corroborar tal verdade.

A verdadeira panacéia está no texto citado pelo autor de «Esperanto»: «de um só acôrdo» ou com «um mesmo, espírito», segundo outras traduções. O que traz as guerras não é a diversidade de formas de expressar o pensamento, mas, a essência desse pensamento.

O passo bíblico em que se estribou nosso amigo pouco apóio empresta ao Esperanto; refere-se à essência e não à forma. Não que à Bíblia faltem asserções acêrca da importância da palavra entre os homens. Destaquemos apenas dois fatos.

Voltemos à torre de Babel e encontraremos um. A famigerada construção tinha por escopo abrir caminho para o céu e impedir a dispersão dos sobreviventes do dilúvio, grandemente multiplicados.

Revela-nos o autor do Gênesis que a obra estava em andamento quando «desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam». Ao ver o vulto do trabalho em execução pareceu-lhe estarem a caminho da onipotência: «Eis que... não haverá restrições para tudo o que eles intentarem fazer».

Qual a arma de que lançou mão Jeova? Simplesmente confundiu-lhes a língua: «Eia, desçamos, e confundamos ali a sua língua, para que não entenda a língua um do outro».

Dizem que a algaravia foi assustadora — um verdadeiro pandemônio!

Se o pedreiro pedia tijolos, o servente dava-lhe argamassa ou sa-

fa espavorido, julgando estar na presença de um louco.

Os primos não se entendiam. Os filhos de Sem teriam começado a falar aramaico, seus primos talvez o fenício ou o africano primitivo, conforme fôssem filhos de Jafet ou de Cam.

Tendo em vista os cruzamentos, efetuados através de séculos entre os três troncos originais e de acôrdo com a lei de Mendel teria surgido algum poliglota?

Era o fim do idioma universal.

Não fôra essa medida e a ordem de povoar abundantemente a terra teria ficado sem cumprimento durante muito mais tempo. O espírito cosmopolita que, prematuramente, revelavam — já queriam construir arranhacéus — só poderia atrazar o plano de Deus.

Milagre oposto teve lugar no dia de Pentecostes, quando vários milhares de pessoas pertencentes a diversas nações e falando diferentes línguas ouviram os discípulos, que eram judeus, falar nas suas línguas natais, de forma que diziam: «Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua?»

Era o despontar de uma nova língua universal a compreensão pregada pelo Cristianismo.

Estamos, pois, com os esperantistas quanto à importância da língua universal. Não reconhecer-lhe os benefícios seria discordar do próprio Deus que considerou a humanidade apta a realizar todos os seus desejos desde que continuasse com uma única língua.

Com a palavra agora os esperantistas para nos ensinarem a milagrosa gramática de 16 regras.

## JOHN LOCKE E A SOCIEDADE

John Locke foi talvez o mais notável escritor inglês do período da Revolução Puritana, em meados do século XII; suas teorias, refletem a direção geral dos conflitos políticos d'êste período.

«Dois tratados do govêrno», seu principal trabalho político foi escrito com referência direta à Revolução de 1689; representa a defesa filosófica do partido parlamentar naquêle conflito e é uma das mais influentes exposições dos princípios do govêrno representativo, até hoje escritas.

Ao lado de sua formação de família puritana, do dogmatismo, formalismo e escolasticismo métodos acadêmicos dominantes na Oxford que cursou, Locke recebeu influências liberais que cêdo começaram a se manifestar na Inglaterra.

Sua formação filosófica recebeu influência direta de Descartes e seu cargo de secretário do liberal Lord Shaftesbury, deu-lhe a tendência liberal do pensamento.

Do exílio de Lord Shaftesbury em França, (1675, 1679) e Holanda (1685), de sua própria experiência em países europeus, saíram os traços marcantes do pensamento de Locke contra os princípios dominantes da teoria do direito divino dos reis. A obra acima citada é uma refutação ao «Patriarcha» de Filmer, que apresenta a teoria de que a soberania política deriva exclusivamente de uma autoridade dada por Deus a Adão, herdada por Noé e transmitida, por auspício divino,

por uma sucessão contínua, de acôrdo com as regras da primogenitura aos soberanos. O segundo tratado, «Do govêrno civil», que contém a teoria positiva de Locke, é uma discussão compreensiva da origem, caráter e proveniência do govêrno.

Locke inicia, como Hobbes, com uma descrição do «estado de natureza», pré-político e com uma análise das leis, que controlam os homens nestas condições; daí segue para uma explicação da origem do estado, através do contrato social. As leis que para Locke são manifestações da razão natural do homem, são controladas no estado de natureza, impelem os homens à sociabilidade e geralmente ao respeito voluntário sôbre certos direitos primários dos outros homens.

Locke formula assim o contrato social para estabelecer a supremacia do povo sôbre o govêrno e demonstrar que a esfera e o poder deste, são limitados pelos termos do contrato.

Êste contrato social, assume com Rousseau a teoria da absoluta e inalienável soberania do povo e da subordinação de todo govêrno aos direitos do homem. Difere de Locke, quanto ao estabelecimento dos termos d'êste contrato. São, no entanto posições de inteligências, ao lado de Hobbes, na continuidade de pensamentos dos séculos XVIII, principalmente no nascimento da idéia democrática que iria se debater nos acontecimentos históricos da França, Inglaterra e América.

# Banco do Estado de S. Paulo S. A.

---

CAPITAL REALIZADO: CR\$ 100.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS —  
CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS —  
TÍTULOS — COFRES DE ALUGUEL



M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SAO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA



53 AGÊNCIAS NO INTERIOR DO ESTADO; UMA NO RIO DE  
JANEIRO E OUTRA EM CAMPO GRANDE (Estado de Mato Grosso)



AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES  
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA



### FOGO A VONTADE!...

Metálico, imperativo, nervoso, o som da corneta vibra no espaço, impelindo a tropa ao combate. Ouve-se o «gargalhar tétrico» da fuzilaria. Aqui, soldados que rastejam. Ali, outros que atiram. Acolá, alguns mais intrépidos, que avançam a peito descoberto. Todos são possuídos da incontida fúria do extermínio, do anquilamento, da coragem.

A vitória depende da supremacia do fogo.

JOAQUIM ALVES DE SOUZA, vulto ciclópico de valente, homem

Eis senão quando, sai baleado o cabo de esquadra Raimundo Camilo Barboza.

Lance soberbo, eletrizante, sensacional.

O ferido, banhado em sangue, porém, de ânimo ainda mais forte pelo incentivo da dor, prossegue na pelêja, sempre de pé, entusiasmando os que lhe assistem o exemplo.

Esta demonstração de coragem, de desprendimento pela vida, de acrisolado amor ao Dever, faz com que

---

## Combate de Pontal

*Pelo Ten. Cel. Antonio Medeiros de Azevedo  
Da P.M. do Est. da Bahia*

*À memória do 1.º Ten.  
Joaquim Alves de Souza*

---

afeito aos combates perigosos, «condotiere» com um passado pontilhado de heroísmo, espirito retemperado na fornalha das lutas pela ordem, caráter plasmado na escola da caserna, oficial estóico, intrépido, abnegado, dirige o combate, denodadamente, e, de pé, insulta a morte, fazendo os soldados, agachados ou rastejantes, avançarem um a um.

E a tropa, automatizada pelo exemplo do chefe, afronta, resoluta, a estacada sombria da tocaia sinistra. Disputa-se o terreno palmo a palmo.

o oficial, pessoalmente, sob um gotejar ininterrupto de projéteis, conduza aquêle bravo para a retaguarda da força (um ângulo morto).

A tropa que levava a missão de ocupar Pontal, povoado distante da séde da Vila de Pilão Arcado, 42 léguas, havia caído numa emboscada e — dura realidade! — com os flancos descobertos, estava completamente envolvida, recebendo quase todos os fogos de escarpa e revés.

Ela se compunha de 25 praças e 15 civis e resistia ao ataque de 60

bandoleiros, bem armados e municiados, procedentes de Pernambuco, Ceará e Piauí e chefiados pelos celeberrimos criminosos Policarpo Fôlha e João do Lago.

Esta horda de facinoras vinha cometendo uma série inominável de assassinios, saques, estropos e depredações no interior do Município de Pilão Arcado. E a sua perseguição se fazia por ordem do Governo do Estado.

Ressoam as primeiras notas de AVANÇAR!

O corneteiro interrompe o sinal, porque, ao seu lado, cai uma saralvada de balas, cobrindo-lhe a corneta de terra.

Torna-se impossível a progressão.

A tropa aferra-se ao terreno.

O oficial manda aumentar a intensidade do fogo para neutralizar a ação inimiga e procura manobrar, desviando pelos flancos duas esquadras comandadas pelos anspeçadas Fernando Alves da Cruz e Porfírio José da Silva e com os demais elementos fica ao longo da estrada para cavaleiros, «Chique-Chique-Pontal», face ao primeiro objetivo, escolhido no momento: orlas externas de Pontal.

O terreno é inteiramente desconhecido pela força, cujo comandante nem sequer dispõe de uma carta topográfica da região.

Os jagunços gritam:

«Soldados!! Legumes!... Ponham a cabeça fóra da trincheira!... Endureçam os ossos, porque vão morrer a faca de páu!...

E a soldadesca responde, também, chistosamente.

Abrigados por detrás de um «murundú» (casa de formiga ou

cupim), estamos: o ten. Joaquim, o Delegado de Polícia, o corneteiro Décio Emídio de Oliveira e eu, 1.º sargento naquela ocasião.

Atiro para o flanco direito na fumaça que sucede aos estampidos das armas adversas.

Não se vislumbra um inimigo sequer.

Os bandoleiros protegem-se nas dobras do terreno, mascarados pela densidade da caatinga.

O tenente Joaquim, ajoelhando-se para observar, fica inteiramente descoberto.

Segundos depois, diz-me: «Azevêdo, não atire porque são companheiros».

Presumia êle que o tirotear do flanco direito fôsse já produzido pela esquadra Fernando.

Pondero que os projéteis partidos daquele flanco, continuam a bater na crista do nosso abrigo, tendo alguns passado zunindo aos meus ouvidos.

O tenente deita-se.

Instantes depois, ajoelha-se novamente. Descobre-se. Torna a observar.

Em seguida, volta-se outra vez para mim e repete:— Azevêdo, não atire porque são com!...

Engano fatal!

A morte corta-lhe a última palavra na garganta.

Uma certa bala, partida do dito flanco, alcança-o à altura do frontal, varando-lhe o crânio de lado a lado.

Tomba fulminado no campo da honra.

O tiro fôra dado pelo próprio João do Lago, segundo o apurado posteriormente. Instante de indecisão, de horror, de desarticulação!

Generaliza-se o desânimo em toda a tropa.

Um dos bandidos, talvez o mesmo que atirou no tenente, faz-me fogo.

A pontaria porém, vai desviada pelo Destino, tendo o projétil aberto um sulco no solo, de mais de um metro de extensão, junto à minha perna esquerda.

O Delegado, julgando-me ferido, passa para a retaguarda da força.

Os bandidos gritam para infundir pavor:

«Soldados, preparem-se porque vamos buscar o cadáver!»

A honra militar exige-nos que não abandonemos o corpo do inditoso oficial.

Assumo o comando da tropa.

Apelo para as suas reservas morais.

Transformo o cadáver em trincheira.

Nesse momento, o mais crítico da luta, em que todos anteviam uma derrota quase inevitável, ouvi alguém proferir estas palavras de incitamento.

— «Meu sargento, onde o senhor morrer morro eu.»

Era o corneteiro Décio que falava.

Num preito de justiça à sua figura humilde de soldado, é-me impossível deixar de salientar aqui os seus altos dotes: disciplinado, fiel, dedicado e corajoso.

Os soldados reanimam-se.

**AVANÇAR!...**

Notas soluçantes da corneta partem como se fôsem pedaços ritmados da alma do chefe que tombara...

E a luta recrudescce.

A tropa progride por lanços sucessivos, até que, ao anoitecer, toma o reduto de assalto.

Os bandoleiros, acusando perdas, aproveitam a escuridão da noite e esgueiram-se pela caatinga, passando para o território piauiense cuja linha limítrofe dista de Pontal 2 léguas.

Ao amanhecer de 12 o reduto estava reduzido a cinzas e escombros

Às 10 horas, mais ou menos, formada a tropa, sob o meu comando, de frente ao cemitério local, foram prestadas ao morto-herói as devidas honras fúnebres.

Depois... pás de terra... uma cruz... lágrimas... preces... saudade.

Soldados de hoje e de amanhã, como os de ontem, — em homenagem à memória imperecível dêsse bravo.

— Sentido!

Em funeral!

Preparar! Apontar! Fogo!

Carregar! Apontar! Fogo!

Carregar! Apontar! Fogo!

Descansar — Arma!

Corneteiro:

— Silêncio em surdina.

Companheiros:

— Silêncio!

Sim. Este foi o sinal que êle cuviu na refrega, ao comando da Morte.

— Silêncio!

Não perturbemos, com as lágrimas sentidas o sono do herói!

Após o silêncio do túmulo, a alvorada da Imortalidade ao comando da Glória.

Corneteiro:

— Alvorada!

Companheiros:

— Apresentar — Arma!

*Já combati com Haute et Claire  
Espada de Oliverius!  
Já desembainhei Haute et Brune  
Espada de Godofredo!  
Já entrei em Jerusalém  
E, por três vêzes Senhor, clamei teu nome.*

*Hoje meu escudo é coberto de preto!*

*Se luto e sofro na subida da Montanha,  
Se tudo é vão, se Vesper não responde,  
Por que, Senhor, não rolar pela Planície,  
mudo e quieto de vizeira erguida?*

*Senhor, se por ti suplico  
Por que não me deixar, dormindo,  
perdido nas curvas dos caminhos,  
escondido nas raízes dos carvalhos?*

*Ouvindo ao longe o Oráculo de Eleusis:  
Eu te transformarei em pedra,  
de pedra em areia,  
de areia em pó,  
E o vento te carregará!*

Poitiers

# COISAS DA FÔRÇA PÚBLICA

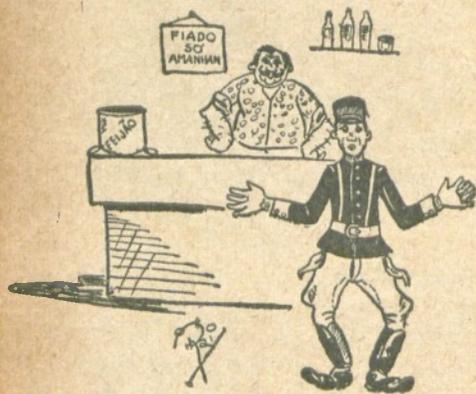
*Cel. Anchieta Torres*

*Ilustração do al. of. Iral Catalano*

— I —

## Um prato de feijão

Bananal, a linda cidade do vale do Paraíba, não era na, metade do século passado, uma das «cidades mortas» descritas por Monteiro Lobato. Não era, também a cidade que renascia há pouco mais de 25 anos sob o influxo da abertura da primeira rodovia Rio-S. Paulo. Bananal, naquele tempo, era uma cidade próspera. Rica mesmo, podendo ombrear-se com Santos e Campinas, as mais importantes cidades do Estado.



Seu comércio era intenso. Situada entre os dois mais desenvolvidos centros comerciais do País, e próxima dos núcleos populosos deste e do Estado de Minas, com os quaes se comunicava através das antigas estradas de mulas, calçadas

de lages de granito, era, então, uma espécie de entreposto entre o interior e o litoral, próxima que se acha, também, do então movimentado pôrto de Angra dos Reis.

Solo fértil, sua lavoura estava em pleno desenvolvimento, predominando a cultura do café. As fazendas dos seus arredores abrigavam os opulentos senhores de escravos, que não prescindiam de casas na cidade, onde passavam as festas.

Seu clima ameno, saudável, atraía os visitantes e não era raro ver-se muita gente da «Côrte» ali passando temporadas, ora na cidade, ora nas fazendas, visitando os «compadres da roça», os barões, que muito se orgulhavam com a distinção.

Bananal era uma cidade rica. Cidade para gente de posses.

Em 1855 foi mandado para ali um destacamento policial sob o comando do tenente ajudante Inácio Joaquim da Silva, o qual, chegando ao seu destino, logo se viu em sérias dificuldades.

O soldo das praças era pequeno, insuficiente, mesmo, para o meio em que iam viver. Daí as queixas, os murmúrios, as reclamações. O comandante do destacamento não podia ficar de braços cruzados e, ao fazer a primeira comunicação ao presidente da Província, de que se

encontrava «a Povoação d'este Município em tranquillidade, tanto que desde que aqui cheguei, só foi preso pela patrulha o paisano Antônio Rafael, por ser encontrado armado de um canivete», não se esqueceu de tocar no ponto cruciante da questão — as difficuldades dos seus comandados, possivelmente dêle também — afirmando que «os gêneros de primeira necessidade acham-se por um preço muito caro nesta cidade, que não he possível que um soldado possa passar com o sóldo de quinhentos reis, visto que os quinhentos reis mal apenas dão para comer um prato de feijão de cada vinte e quatro horas e como he de meu dever participar a V. Excia. de todas as novidades decorridas, tanto as ordinárias como as extraordinárias, e vendo a lamentação das praças, e sem eu poder remedial-as motivo este porque V. Excia. tomando em sua alta consideração mandará o que for servido».

Ignoramos as providências tomadas.

É possível tenha mais uma vez o povo da cidade acorrido para a manutenção do destacamento.

E assim afirmamos porque, anos antes, quando ali estivera uma força mista — tropa de linha e permanentes — a fim de evitar que a

mesma fôsse retirada, uma autoridade local, em officio ao Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, apelando em nome do povo da cidade dizia que «os habitantes deste município, contentíssimos por existir nesta Vila uma força militar dedicada somente para conservar o socego publico, principiarão a concorrer gratuitamente com mantimentos para o sustento da mesma, sendo os primeiros a concorrer os cidadãos Luciano José de Almeida, Manoel d' Aguiar Vallim e major José Ramos Nogueira, bem como outros muitos que se oferecem a concorrer, esperançosos de que V. Excia. teria em vista conservá-la, atento a necessidade que presentemente existe não só para a captura de criminosos, como também para o recrutamento; acusando a geral satisfação pelo otimo comportamento do capitão comandante Bento Marcolino Avena, do Alferes e permanentes, é nesta ocasião que communica-me o referido comandante que teve ordem de retirar-se com as forças e que venha substituí-las 15 fuzileiros».

Teriam os soldados do destacamento de Bananal conseguido alguma coisa mais que um prato de feijão cada vinte e quatro horas?

## — II —

### Escôlha de um cavallo de salto

O cavallo de saltos segundo os entendidos, nasce feito. A difficuldade está em encontrá-lo, num grande grupo, aqui, ali ou acolá. Dizem até, que célebre saltador pertencente a um official francês, foi descoberto

entre os varais de uma carrocinha de verdureiro. Passou o official, observou as linhas do animal, sua vivacidade e outras coisas mais, e offereceu algumas dezenas de francos ao seu proprietário que aceitou, jul-

gando haver feito ótimo negócio. De fato fez. O oficial também, porque, pouco tempo depois estava «papan-do» glórias e prêmios, por intermédio daquele cavalo de carroça.

Logo, a dificuldade está, em primeiro lugar, saber encontrar o bom saltador. Em seguida saber prepará-lo para as lides desportivas.

Ainda, segundo os entendidos, há vários modos de fazer a escolha. Pelo aspecto exterior do animal, conforme ficou assinalado linhas acima, pela sua origem e... pela sorte. Muitas vezes um cavalo sem ascendentes conhecidos e sem aqueles característicos clássicos, que só os entendidos conhecem, dá um ótimo cavalo de saltos. Entrou aí a sorte.



Outras vezes um cavalo considerado de muito futuro, pela pureza de sua origem e pela fidalguia de suas linhas, dá em droga. É o azar.

Contarei hoje a história de um grande saltador, pertencente ao Regimento de Cavalaria da Força Pú-

blica. Sua escolha não obedeceu nenhum dos sistemas acima. Ele foi descoberto por acaso. Um oficial antigo no Regimento, o tenente Rodopiano, entendeu de pilheriar com um aspirante recém-saído da escola e que, confiado na sua «camaradagem» solicitou-lhe que o auxiliasse na escolha de um cavalo que pudesse ter algum futuro. Não precisava ser um animal destinado a grandes feitos, porque ele não era ainda cavaleiro capaz. Queria apenas um cavalo com o qual pudesse acompanhar seus camaradas nos serviços de rotina. Só isso.

Dias antes, estando o tenente Rodopiano de dia ao Regimento recebeu, vindo do 1.º Batalhão, um cavalo para ser trocado por outro. O que fôra devolvido era «caidor», conforme mandara dizer o oficial a que servira de montada; e foi justamente esse cavalo «caidor», que não prestara para servir de montada a um oficial de infantaria o indicado!...

— Vá ali nas baias do 3.º esquadrão, perto do box onde está o meu cavalo que você encontrará o animal que precisa. Não o escolhi para mim porque é um pouco pequeno para a minha estatura, mas, para você, serve.

O aspirante não pôs em dúvida a indicação, embora notasse que o tal cavalo não tinha «pinta» de campeão. Distinguiu-se, isto sim, pela magreza extrema e pela feiura. Era um verdadeiro «punga».

Mas... um oficial antigo e entendido no assunto e além disso amigo, o indicara. Não podia estar errado.

Tomou o cavalo para sua montada, tratou-o convenientemente, submeteu-o a treinamento, orientado

pelos mais antigos que também queriam participar da brincadeira e aí veio a surpresa. O tal «Pileca» revelou desde início dos trabalhos, ser possuidor de notáveis recursos e de muita fibra. Para encurtar a história: com um ano de trabalho conseguiu, em Santos, uma terceira colocação em prova interestadual. Dois

anos depois era o terror das pistas nacionais.

Assim, foi feita a escolha do extraordinário «Avai», o cavalo que mais prêmios conquistou durante sua vida esportiva e que tanta satisfação e glória deu ao seu feliz possuidor, o hoje tenente coronel Luiz Concistré.

### — III —

... «a Cesar o que é de Cesar» ...

A partir do presente número de «MILITIA», muita coisa das «Colhas da Força Pública», não me pertence. Não me pertence, repito, porque o trabalho de pesquisa não é meu. Meu trabalho, se é que isso é trabalho, consistiu e consistirá apenas em escolher o assunto que, a meu ver, é mais interessante. Em seguida apresentá-lo aos leitores. Nada mais. O principal é obra do meu digno camarada e amigo major José Nogueira Sampaio que, é sabido, há perto de 12 anos vem paciente e laboriosamente coligindo, selecionando e anotando, tudo que se refere à história da Força Pública.

Não lhe sendo possível, agora, continuar esse extenuante trabalho, por se terem avolumado os encargos do seu escritório de advocacia,

confluiu-me o que já havia feito, com uma condição apenas: deverei continuar sua obra de modo que, no futuro, possa ser escrita a História da nossa centenária Milícia.

Como fui autorizado a publicar, em pilulas, aquilo que entendesse e como coincidissem com as festas de fim de ano a distinção com que fui distinguido, posso dizer que recebi um régio presente de Festas. E, retribuindo o gesto fidalgo do presado major Nogueira Sampaio, escolhi para o presente número de nossa revista, «Um prato de feijão», que diz respeito à cidade de seus antepassados — BANANAL — e focaliza, também, um gesto fidalgo de um de seus maiores — o major José Ramos Nogueira.

— :: —

A sede do comando da Força Pública sempre se localizou na Capital, excetuado o período compreendido entre 5 a 16 de outubro de 1893, durante a revolta da Armada, quando foi transferida para Santos, por ordem do Presidente do Estado.

— :: —

O oficial que por mais tempo comandou uma unidade da Força Pública, foi o coronel Artur da Graça Martins, do 5.º B.C.

Criado o batalhão em 1913, foi ele promovido a tenente coronel e classificado no comando da unidade, onde permaneceu até 1930, quando se reformou no posto de coronel.

# O coração é que decide

Felix B. Morgado

Ilustração de autor



sempre uma lembrança a forçar-lhe a intenção, até vencê-la. Quando isto acontecia levantava-se aborrecido, com um formigamento pelo corpo. Agarrava um livro, mergulhava numa leitura forçada, fumando desesperadamente. Aquela nova posição para dormir viera salvá-lo duma neurastenia perigosa. Logo que Marcelo pôde compreender ensinou-lhe essa forma de ir encontro ao sono.

Ficou por alguns instantes a olhar o pequeno. Não era um homem carinhoso, mas sempre que fitava o filho dormindo, com as mãos gordas espalmadas — como se estivessem amparando a cabeça — os cílios compridos e recurvados como os de boneca, a boca entreaberta deixando vislumbrar a alvura dos dentes minúsculos, de leite, enternecia-se ao ponto de sentir um apêto na garganta. Tinha vontade de enfiar os dedos entre as falépas louras dos cabelos eternamente despenteados, rebeldes. A tôdas essas manifestações afetivas sobrepunha-se um profundo sentimento de dó, como se aquela criaturinha frágil e inocente estivesse à mercê de tudo e de todos, dos sortilégios do destino, sempre incerto, sempre despótico. Nesses momentos sentia que lhe cabia alguma culpa, algo involuntário que corria por conta da sua noção defeituosa da paternidade, sujeita até agora às arremetidas da dúvida e da incerteza, que o impossibilitavam de avallar o alcan-

Alvaro abriu a janela vagorosamente, para não fazer ruído. Cerrou as cortinas de tecido leve e voltou para o fundo do quarto, onde estava a pequena cama de Marcelo. O menino dormia tranqüilamente sob um cortinado e, como de costume, de bruços, com a cabeça enterrada no travesseiro. Alvaro dormia também dêsse jeito. Essa posição apresentava-lhe o sono, afugentando a multidão de idéias que fatalmente lhe surgiriam na mente, caso não a adotasse. Antes era comum ficar por longas horas meditando sobre fatos quase sempre corriqueiros. Queria esquecer tudo, abandonar-se física e espiritualmente, relaxar os músculos e afrouxar o raciocínio, mas havia

ce dum gesto, o valor dum sorriso, a sinceridade duma expressão. Talvez não fôsse bom pai. Castigava Marcelo sempre que êle se excedia nas suas peraltices, perturbando-lhe a leitura, enchendo de brinquedos e de ruído tôdas as dependência da casa. Não era assim que devia agir? ou devia dedicar-se inteiramente a êle e resistir ao desejo, que já era um hábito, de afundar numa poltrona e ficar lendo, lendo, horas a fio. Nunca soubera histórias para criança, ou melhor nunca as ouvira; como saber contá-las então? Tudo lhe indicava, contudo que devia mudar. Aquela criança dependia d'êle, só d'êle, da sua proteção e do seu amor.

Voltou até a janela e ficou espiando a noite lá fora, quente, densa.

Puxou uma poltrona para junto da janela, prendeu as cortinas, sentou-se e ficou como que a esperar o término da noite.

E, precisava mudar. Tudo tinha andado errado até agora. Desde o princípio, aliás. Chegava a concluir que fôra vítima duma cilada do destino, que alguém diabòlicamente o induzira a tomar um atalho que o levaria a uma armadilha bem disfarçada.

Acendeu um cigarro e sorveu a fumaça, para soltá-la dum jacto, sacudido por um acesso de tosse sêca. Atirou o cigarro pela janela, irritado. Já nem podia fumar direito. Vinha-lhe logo aquela tosse enervante, que lhe feria a garganta até brotar sangue. No início chegou a ficar alarmado, quando viu a saliva sanguinolenta. Tinha um medo terrível da tuberculose. Havia casos na família, dessa doença insidiosa que minava o organismo sem se deixar presenciar. Tivera também amigos

que a haviam contraído sem saber como nem quando, e foram acabando, a vida a escapar-lhes pela boca, em forma de hemoptises seguidas. Alvaro ficou sossegado quando o médico proibiu-o de fumar. O sangue vinha-lhe da garganta e dos brônquios atacados pela nicotina.

Pela janela entrava um cheiro bom de mato orvalhado, de jasmineiro em flor. Alvaro sentia aquela mescla de odores que embalsamam as noites quentes e ressumam do arvoredo parado e dos canteiros mergulhados nas sombras. Teve vontade de sair e andar um pouco lá fora, sob o céu coruscante de estrêlas. Lembra-se agora de que quando era criança tinha medo de andar sozinho à noite, por lugares sem iluminação. Arrepiava-se todo quando o vento sacudia a folhagem das árvores e estas como que murmuravam qualquer coisa. E era com o temor a comprimir-lhe o peito que olhava constantemente para trás, certo de que lhe seguiam os passos assombrações, almas-do-outro-mundo. Para romper o silêncio e fazer de conta que não estava sozinho assobiava nervosamente ou respondia às perguntas dum suposto interlocutor. Agüentava-se até não mais poder, para romper de súbito, numa disparada até atingir ofegante, quase sem fôlego uma zona iluminada onde estaria a salvo dos duendes da noite. Com o tempo foi perdendo o medo da escuridão e chegou a ir até o fundo da chácara, à noite, atraído pelo alarme da cachorrada acuando os gambás que punham em pânico o galinheiro.

Cheiro bom o dos jasmineiros em flor.

Marcelo mexeu-se na cama e Alvaro acercou-se novamente do pequeno. Demorou-se a fitar outra vez aquêle rostinho afogueado pelo calor da noite. Parecia-se com a mãe, parecia-se muito. No formato do rosto, de zigomas salientes e rosados, o mesmo nariz levemente arrebitado, imperioso; o traçado da boca, onde o lábio inferior recurvado e polpu-do, acentuava o índice de sensualidade, de arrebatamento. Que bela criança!

Alvaro afastou-se da cama antes que fôsse tomado por aquêle estado de espírito incômodo, que constantemente o martirizava agora. Um misto de revolta e arrependimento. Procurava dissipá-lo a todo custo, reafirmando a si mesmo que êle não passava dumã vítima, sim, dumã vítima.

Ao encaminhar-se para a poltrona consultou um calendário que se achava sôbre uma camiseira, ao lado dum pequeno oratório de madeira. Fazia quase um mês, mas a impressão era de que já se fôra um ano... um ano de longos dias de angustiante expectativa, reagindo sempre àquêle desejo cada vez mais irresistível de capitular, de reconsiderar. Como refrear-se, como opor-se a essa vontade cada vez mais intensa de retornar à paz e à tranqüilidade dumã existência normal e harmoniosa? Como decidir entre a razão e às imposições dumã personalidade voluntariosa? Nem sempre era dono de si mesmo e quantas vêzes passou por rude ou arbitrário sem o perceber.

E ela, onde estaria e essas horas?, enquanto êle velava o sono de Marcelo, no fundo dumã poltrona, remoendo suas dúvidas. Vinha con-

servando, até agora, a decisão de não se preocupar mais com Cerise. Deixá-la ir e apagá-la da memória com aquela determinação que sempre o auxiliou a neutralizar seus dissabores mais profundos. Fazer de conta que nunca a conhecera e que aquela criança que dormia tranqüilamente tinha surgido como por encanto, a um toque de varinha mágica dumã fada bôa.

Fada... Cerise.

Onde estaria ela a essas horas? e por que essa ansiedade em saber o seu destino? Se estava certo de que a havia arrancado da lembrança. Mas Alvaro já não tinha a mesma certeza, agora, depois de fitar demoradamente o semblante de Marcelo tão semelhante ao de Cerise: aqueles olhos de cílios longos e recurvados, aquela boca...

Quis imaginar que a essas horas Cerise estaria dando largas ao seu temperamento arrebatado, mas alguém parecia dizer-lhe, com insistência, que uma grande angústia acutilava o coração de Cerise também. Lembrou-se de que ao partir ela confessara que sofria muito, por Marcelo, uma criaturinha inocente que nada tinha que ver com os motivos que os separavam. Partira sem implorar, como era do seu feitio, sem transigir, mas evidenciando o firme propósito de vir buscar Marcelo.

Então ela voltaria, por um único motivo... mas voltaria.

Alvaro ficou remoendo êsse pensamento com certo prazer, tomado por uma agradável sensação de alívio, como um homem que encontra o caminho após perambular perdido pela floresta.

Ela voltaria ... poderia revê-la e valer-se do ensejo para provar

a sua coerência. Estava certo de que já não mais sofreria com o que lhe impusesse o futuro. Seria bom, porém, provar, reforçar a certeza, já que se tratava dum sério passo dado na vida. Que viesse Cerise e ele a receberia sobranceiramente, senhor da situação e dos seus nervos.

Fazia um mês que ela tinha partido, mas a impressão era de que um ano já se fôra. Por que não eliminar logo essa situação incômoda e viver outra vida? Livre da tensão nervosa que enchia de instantes amargos tôdas as suas horas.

Alvaro levantou-se e passou para a sala contígua ao quarto, onde tinha suas estantes repletas de livros e sua mesa de trabalho. Escreveria uma carta a Cerise, uma carta formal cujo conteúdo se limitasse a um convite e mais algumas frases esparsas que evidenciassem bem estar. Alvaro acima de qualquer fraqueza. Um convite apenas: vir buscar Marcelo, cuja existência e educação dependiam mais dela.

Sentou-se, pegou o papel e dispôs-se a iniciar a carta. Deteve-se por uns instantes, porém. Estava diante do retrato de Cerise, que mantinha sôbre sua escrivaninha, dentro duma moldura de ônix azulado. Havia doçura no seu semblante focalizado de meio perfil, as linhas aristocráticas do rosto salientadas com muita felicidade pelo fotógrafo. Aqueles lábios... aquêles olhos de cílios longos e recurvados... aquêles traços revelando um temperamento afetuoso e sincero.

Alvaro demorou-se na observação. Nunca o fizera por tanto tempo. Foram instantes de retrospectiva, como se ele, mais veloz que o tempo, repisasse seus próprios passos e os sentisse agora mal dados, desorientados, indecisos. Saiu desse transe meio assustado, meio contente, para iniciar a carta, antes que fôsse tarde demais:

«Minha querida Cerise Você precisa voltar...»

# Comércio e Indústrias Arguiso Ltda.

FORNECEDORES DA FORÇA PÚBLICA,  
EXÉRCITO E REPARTIÇÕES PÚBLICAS

Rua Duque de Caxias, 144

Caixa Postal, 4062

Fone 36-2397

— End. Teleg. «ARGUIISO»

— SAO PAULO

# Sorocaba

*Sd. J. Damasceno Guimarães*



Gentileza de "A GAZETA"

Distante 100 quilômetros da Capital bandeirante Sorocaba, terra do Brigadeiro Rafaél Tobias de Aguiar, o fundador da Fôrça Pública, é um dos grandes centros industriais de São Paulo.

Ali nasceu também o marechal Bento Manoel Ribeiro, bravo militar, herói das campanhas Cisplatinas e da Revolução Farroupilha.

Sorocaba de hoje não é mais a cidade da época daqueles bravos militares, quando não passava de uma vila de reduzidas proporções e só

era conhecida pelo avultado comércio de animais. Ponto das feiras periódicas, em Sorocaba reunia-se gente de tôdas as regiões do sul. Patrões capatazes e peões, vinham atraídos pela excelência do mercado paulista.

Hoje, Sorocaba é uma cidade moderna. Comunica-se facilmente com as localidades principais do país por meio de estradas de ferro, de rodagem e vias aéreas.

A Manchester Paulista, como é conhecida, possui escola industrial com um belo prédio, grupos escolares,

colégios estaduais e particulares, Seminário, escolas normais diurnas e noturnas, escolas de comércio, datilografia, ginásios estadual e particulares, curso do Senac e Sesi, escolas de Agrimensura de Medicina e de Filosofia. Brevemente terá sua Faculdade de Ciências Econômicas. Não lhe faltam bons hotéis e pensões. Conta, ainda, com hospitais, duas estações de rádio, Orquestra Sinfônica, Pronto Socorro, Aéreo Clube com escola de paraquedismo e diversas praças de esportes.

Em Sorocaba praticam-se quase todas as modalidades de esportes: natação, voleibol, futebol, atletismo, tênis, ciclismo, beisebol, pugilismo etc. O basquete é praticado com o maior cuidado pelos rapazes e moças.

Em atenção ao grande entusiasmo esportivo do povo sorocabano a Prefeitura construiu um monumento digno desta cidade.

É o Ginasium.

O seu comércio a sua indústria compreendem: fiação e tecelagem, seda, linho, celofane, cimento, cal, laminação, móveis e muitas outras de menor importância.

O rápido progresso de Sorocaba obrigou os urbanistas locais a uma discussão sobre o alargamento e prolongamento das ruas.

O plano elaborado já teve início de execução com o alargamento da rua 15 de novembro, prolongamento da rua da Penha e, no largo Sto. Antônio, com a demolição da igreja do mesmo nome, para construção de um «balão», de bondes.

Atualmente Sorocaba é uma cidade moderna.

O clichê publicado mostra o intenso movimento de pedestres e veículos sobre a estreita ponte do rio Sorocaba.

Aconselho os assinantes de «MILITIA», a conhecerem esta cidade.

Tenho orgulho de Sorocaba.

Foi onde nasci e me criei.



O maior canhão do mundo montado sobre trilhos, jamais construído, foi descoberto na Alemanha em um caminho virtualmente abandonado, entre Auerbach e Eschenbaun, Baviera, pouco antes do Dia da Vitória. Este super-canhão Gustavo Goeschtz foi construído pela fábrica Krupp, situada em Essem. Foi desenhado para ser empregado contra os fortins da linha Maginot, porém, foi mais tarde utilizado pelos alemães para reduzir as defesas de Sebastopol. Não se revelou quantos canhões foram construídos ou onde se encontram os terminados, para tal ação. Dois foram transportados para a Alemanha depois da batalha da França e mais tarde destruídos pelas forças alemãs em retirada, quando se tornou impossível o seu transporte.

Peso do canhão e reparo — 1.344 toneladas; calibre — 800 mm; comprimento do canhão 32m; velocidade inicial aproximada 891 metros por segundo; alcance aproximado — 72 Km.

# Dos Crimes Editoriais praticados pelas Tipografias (\*)

*Nelson Palma Travassós*

(Da Academia Brasileira de Escritores)

Um dos mais graves problemas da vida literária é, sem dúvida, o da proteção dos direitos autorais, porque envolve um sem-número de questões importantes.

O leigo que ouve falar em «direito autoral» tem a impressão de se tratar, apenas, da proteção da qualidade artística de um trabalho, e o direito autoral seria, pois, a proteção do autor de um escrito contra os seus plagiários. Entretanto, incluído sob o título genérico de «direito autoral» está toda a garantia da obra artística, não só da sua parte idealística, como, também da sua feição comercial. Assim, estão compreendidos nos «direitos autorais» os furtos editoriais, tais como edições clandestinas, empreendidas por pessoas não autorizadas, o aumento indevido de tiragens pelo editor autorizado da obra e também de uma feição que não tem sido bem estudada, qual seja a dos furtos editoriais praticados pelas oficinas impressoras de livros.

Este é um assunto delicado, porque é fácil para uma casa impressora ludibriar o autor e o próprio editor de livros. Basta que o tipógrafo se mancomune com um indivíduo qualquer que se encarregue de distribuir uma edição paralela à legitimamente encomendada. Recebendo, por exemplo, a incumbência de im-

primir 10.000 exemplares de um livro que certamente terá grande número de leitores, como «Escritores na Intimidade», de Raimundo de Menezes, a tipografia imprimirá, digamos, 13.000 exemplares. Destinará, ao editor legítimo, os 10.000 da encomenda e os 3.000 restantes, desviará ao distribuidor mancomunado, que os venderá a pequenos livreiros desonestos, por preço inferior ao cobrado pelo editor verdadeiro. Eis aí um furto de difícil apuração, pois estas livrarias terão o cuidado de comprar também, do editor autorizado, alguns exemplares da mesma obra, que servirão para disfarçar a venda da edição clandestina. É esta a modalidade de furto tipográfico mais perfeita, pois os livros expostos à venda são, em tudo por tudo, idênticos aos verdadeiros e são, por sua vez, vendidos ao público por pessoas credenciadas, uma vez que vendem também os mesmos livros adquiridos de maneira honesta.

Outra forma de roubo tipográfico é o da edição totalmente clandestina; e o fato mais divulgado a este respeito ocorreu há anos com o livro de Remarque: «Nada de novo na Frente Ocidental». Essa obra, de êxito universal, foi editada quase ao mesmo tempo, em todos os países e em todas as línguas. No Brasil, de-

(\*) Transcrito de "INVESTIGAÇÕES" — N.º 6

terminado indivíduo, de confusão com uma tipografia, fêz traduzir, imprimir e expôs à venda este livro, sem autorização ou conhecimento do autor. E já havia vendido muitas dezenas de milhares de volumes, quando Remarque teve conhecimento do fato. Mandando um seu procurador ao Brasil para resolver a questão, viu este que o mal era sem remédio, pois o livro fôra editado por pessoa sem recursos financeiros, impresso por uma casa desconhecida e impossível era comprovar o número de exemplares vendidos. Assim, julgou melhor, em lugar de processar o falsificador — o que redundaria em prejuízo total — liquidar a questão amigavelmente, por pequena quantia.

Este fato, como dissemos, passou-se há muitos anos, quando ainda no Brasil não residiam, como hoje sucede, representantes de tôdas as grandes casas detentoras dos direitos autorais de escritores estrangeiros.

Muita gente pessimista dirá que estes fatos ocorrem no Brasil e somente no Brasil. Entretanto, não é verdade. Na Argentina e na Espanha, os furtos desta natureza são freqüentes e quase normais na vida editorial, por uma questão de universalismo da língua espanhola. Assim, os direitos autorais vendidos para a Espanha, e somente para ela, são burlados, porque os livros se vendem também em tôda a América Latina, quando não acontece aparecer, nos mercados sulamericanos, contrafação da edição espanhola, praticada por tipógrafos portenhos ou mexicanos, que têm habilidade e recursos industriais para imprimir os livros absolutamente semelhantes à edição original espanhola.

E não só os tipógrafos argentinos ou mexicanos fazem isto: os espanhóis também praticam igual crime, pela razão muito natural de que não há países criminosos e sim criminosos em todos os países.

Entre nós os furtos dessa natureza não são possíveis porque a língua portuguesa, com um pouco de exagero, se pode afirmar, não é conhecida em parte alguma e, culturalmente, nem mesmo no Brasil, pois aqui circulam grandemente as edições originais de livros da França, Inglaterra e Estados Unidos, países estes detedores da quase totalidade da cultura e da arte universal. E toda gente mesmo procura demonstrar que abebera os seus conhecimentos em línguas estranhas. Há pudor em se ler o português. Por estas razões somos, nestes casos que citamos, honestos por impossibilidade de sermos outra coisa e também porque o comércio editorial brasileiro é tão pequeno, oferece tão pouca margem de lucro, que nenhum malandro de merecimento e conceito até hoje a ele se resolveu dedicar.

Por tais motivos, no Brasil, o problema do furto editorial nas tipografias quase se limita ao comércio clandestino de livros entre operários gráficos e os «sebos», isto é, comerciantes de livros usados, furtos estes que se esclarecem facilmente quando surgem, expostos à venda, livros de edições ainda não distribuídas pelos editores.

Este comércio clandestino, por insignificante, é quase impossível de ser evitado, porque várias são as maneiras pelas quais um obreiro consegue sonegar um livro da tipografia. Assim, por exemplo, pode, na secção de acabamento, mol-

dar na perna, sob a calça e seguro pela liga, um volume de pequeno porte e com êle passar despercebido pelo guarda-portão. Esse mesmo volume poderá transitar escondido sob a camisa, prêso pela cinta da calça. Poderá também ser transportado dentro de um jornal dobrado sob o braço. Há ainda possibilidade de levar para casa o livro em cadernos avulsos, um por dia, até completar o volume. Isto nas oficinas bem organizadas, montadas em prédios especialmente construídos. Naquelas onde as instalações são precárias e cujas janelas dão para a rua, os volumes podem desaparecer às dúzias, sempre que periclite a fiscalização, o que geralmente acontece quando o chefe da secção costuma ausentar-se a horas certas. Aí, então, um cúmplice, pelo lado de fora, apanhará os pacotes atirados pelas janelas. Fatos como êsses são comuns nas tipografias de instalações improvisadas.

E o mais interessante é que o tipógrafo, calejado no officio, sabe de antemão o livro que será furtado. No geral são obras de caráter popular, tais como romances policiais ou brejeiros, livros de arte culinária e outros da mesma força. Os livros de mérito cultural não se incluem nessa lista, o que é lamentável, porque demonstra o atraso mental das massas. Como o nosso otimismo é grande, esperamos ainda algum dia podermos afirmar, cheios de entusiasmo patriótico:

— «Já se furtam livros sobre a ciência das finanças!»

Sob certo aspecto, pois, os autores não se devem vangloriar por terem sido furtados livros seus nas tipografias. É prova de primarismo literário. Por outro lado, porém, a

questão é grave, porque ninguém pode calcular a extensão de um furto editorial, por ser o furto de um objeto industrializado em série, isto é, produzido aos milhares. E daí o alarma que sempre a descoberta de um caso dêsse acarreta. Não é nada tranquilizador, para o autor ou editor, saber que livros seus, fora da edição combinada, encontram-se à venda. A vaidade do autor faz logo supor que o vulto dêsse comércio ilícito com a sua obra seja elevadíssimo, quando, entretanto, não passa do furto modesto de um ou dois exemplares.

De tôda essa questão, porém, o que importa realmente não são os processos pelos quais podem o autor da obra e o seu leitor ser lesados pelas tipografias, mas sim na maneira mais prática de se evitarem essas lesões. Impedir o crime, de modo absoluto, é tencnicamente impossível. E nem seria de desejar que fôsse, porque implicaria no desemprego de numerosa e operosa classe, qual seja a dos delegados de polícia, investigadores, guardas, etc.. Num confortável meio têrmo, sem lesão enorme para ninguém, há, entretanto, processos para limitar o número de crimes dêsse gênero.

O primeiro dêles é procurar sempre imprimir livros nas oficinas grandes e idôneas. Nas grandes firmas é muito difícil um conluio fraudulento dos proprietários ou editores com terceiros porque, pela burocratização normal das grandes emprêsas, é impossível evitar que um segredo comercial escuso não transpire. Sem contar que qualquer falcatrua dêsse gênero, praticada por uma grande casa impressora, é de comprovação pericial simples, porque nenhuma fir-

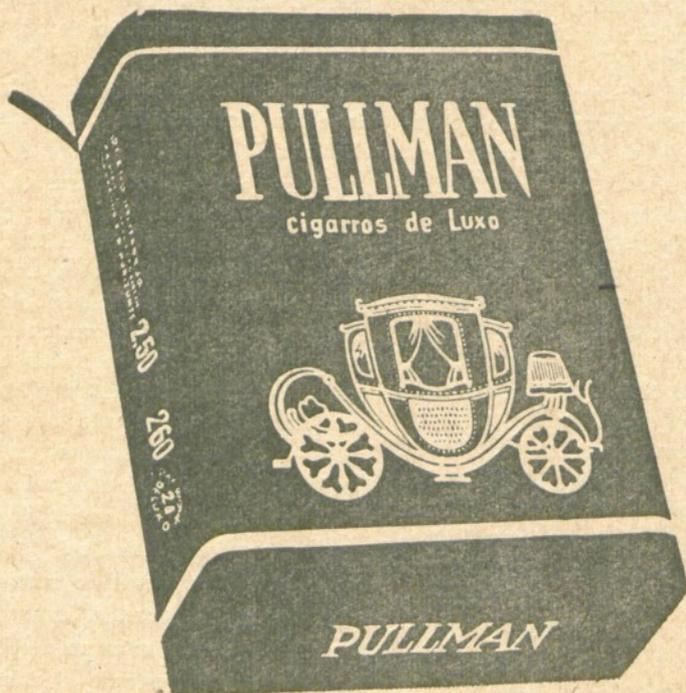
ma chegará a ser grande sem ter os livros da sua organização perfeitamente em ordem. E numa tipografia organizada, um dos principais livros de escrituração é o de movimento de compra e consumo de papel. Por aí facilmente se constatará qualquer desvio editorial. Temos, assim, afastada a primeira hipótese de furto por nós apontada.

O segundo será aconselhar o autor a rubricar e numerar pessoalmente os volumes impressos. Teremos aí perfeitamente esclarecido se o livro encontrado à venda foi negociado pelo editor, pelo tipógrafo ou pelo operário. E com isto perfeitamen-

te individualizado o criminoso e apurado o crime.

Aos autores de «best-sellers» aconselharíamos evitarem o uso das estereotípias nas reedições das suas obras. Rever várias vezes um mesmo escrito é realmente coisa maçadora, mas individualiza cada nova edição e isto já é um meio de controle.

O verdadeiro, porém, é autores e editores entregarem a impressão de seus livros a tipografias idôneas e exercerem sobre elas uma fiscalização rigorosa. Com isso evitarão um mal tremendo, qual seja a desconfiança — característica principal do negócio do livro.



# CULTURA E ARTE

Laura Della Monica

## HISTÓRIA DA MÚSICA

Não pretendemos neste trabalho, dar aula de história da música. Tivemos em mente apenas esta finalidade: facilitar a todos aqueles que não têm tempo de se dedicar a estudos profundos e recorrer a livros, comentários, conferências, — uma apreciação de como viveu a música através dos séculos, *seculorum*...

Descreveremos rapidamente os progressos e decadência da música até os nossos dias. Não procurem encontrar literatura, mas explicações concisas a respeito da música, sem o exagero, pois não tememos ser «tomados» de emoções por ela.

Raros, não negamos, são os documentos que possam provar com precisão o nascimento dessa magnífica Arte. A obra destruidora do tempo, se faz sentir muito, e quanto maior for o intervalo que nos separa do assunto que queremos estudar, a dificuldade mais aumenta. Todavia as referências que temos foram transmitidas através da pedra que ainda resiste às intempéries dos tempos. Assim, foram encontradas, inscrições, figuras de dançarinos e músicos com seus instrumentos. A melhor coisa que podemos fazer é dividi-la como fazem os grandes historiadores, nos seguintes períodos: antiguidade, idade média, renascença, até nossos dias.

**Antiguidade:** — A música é tão antiga quanto o próprio homem; o

ritmo e o som provam o que dizemos. O bater do coração, o ato de respirar, o andar, as mãos percutando são elementos rítmicos; a voz produz o som. Mário de Andrade escreveu que não há contradição nenhuma no constatar que os povos primitivos produziram culturas orientadas pela parte física do homem. Sentiam o efeito fisiológico das manifestações musicais que empregavam porém, careciam entender com consciência essas manifestações, para que elas tivessem uma razão de ser dentro da vida que levavam. Daí unirem sempre palavras às músicas, fazendo estas funcionarem como magia, rito social.

**Idade média:** — Passemos à idade média. Não vamos discutir suposições. Os grandes sábios e historiadores ficaram de cabelos brancos discutindo a história da humanidade; esperamos que nos compreendam pois não desejamos, de forma alguma ficar com os cabelos grisalhos por um motivo que não nos compete — discutir suposições. Os gregos, comenta Mário de Andrade, cuja civilização ainda nos encanta, criaram uma técnica musical; organizaram conscientemente os sons e os agruparam em escalas determinadas tecnicamente; criaram a música socializadora e portanto o nacionalismo.

O ritmo enriquecia profunda e extraordinariamente a música. E como a poesia e a dança viviam ligadas ao ritmo, as três artes estavam sempre unidas. O músico era, portanto, ao mesmo tempo dançarino e poeta.

Usaram os gregos a Citara, desenvolvendo a lira antiga, tocada com plectro (varinha de marfim com que os antigos faziam vibrar as cordas da lira), manejado com a mão direita; Aulos, instrumentos de sôpro, dedicados a Dionísio.

Êsquilo, Eurípede, Sófocles nos teatros públicos, exibiram, em grandes festas Dionisíacas, suas criações trágicas. Depois disso, a decadência inicia sua marcha... As artes se separam, aparece o «virtuosismo» e a Grécia perde seus «Apolos» musicais.

**Cristianismo** — As manifestações musicais começaram sua evolução, a princípio nas «catacumbas», depois, com liberdade de propagação religiosa, no império romano, tomando grande vulto.

Os cantos eram considerados como meio de purificação do espírito e de elevação da alma a Deus. Por isso cantavam em uníssono. Mas, «a falta de preparação do povo», isto é, a ignorância do povo, prejudicava muito a «exaltação cerimonial», por isso resolveram que um solista entoasse os cantos deixando para os fiéis ignorantes algumas respostas, as mais fáceis, como: amém, aleluia etc.

Havia, então o solo salmódico, sem participação coral; canto responsorial, solo e côro se alternavam; canto antifônico, onde dois coros se alternavam.

Grandes centros de forma de cantar apareceram na França, Espa-

nha, Itália, onde se destacaram os músicos: São Clemente, Sto. Ambrósio e o maior deles, São Gregório Magno. Êste deu uma organização definida ao canto litúrgico; escolheu os cantos, as festas e cerimônias. Criou o antifonário, prendendo-o, segundo informações, com uma corrente de ouro no altar de S. Pedro, para que servisse de norma a todo o mundo católico. Fundou a «Schola Chantorum» e compôs melodias.

Mais tarde apareceram vários processos de cantar, como o falso bordão, órgão e gimel.

Até o século 13 o canto gregoriano foi considerado como estava, perdendo depois a sua pureza e se enriquecendo de melismas (enfeites, vocalizes, trinados) que formaram os Tropos e as Seqüências (novos processos de cantar).

A notação neumática teve também muito uso e empregava sinais ideográficos originados dos acentos agudo e grave. (Mário de Andrade)

Até aqui não havia uma notação que pudesse servir a todos, para fixar a altura dos sons; tudo era mais ou menos. Essas notações eram chamadas «ajuda memória»; chegaram mesmo a inventar notação em côres para dizer «Já foi estudado» Havia, a princípio, apenas uma linha, depois criaram tantas que chegaram a ter 10 a 12 linhas paralelas, curtas ou longas, tiradas da principal. Dessa forma tão complicada, o melhor processo era transmitir as melodias oralmente.

Hucbald inventou (felizmente chegou a tempo, pois a confusão era perfeita) um processo de linhas horizontais denominando-o Diastemática.

Não demorou muito tempo Guido Darezze veio dar clareza a tudo isso

com a criação da notação em pauta. Assim criou o sistema de 4 linhas trazendo no início a letra F (fá) e C (dó), indicando o som que ia ser grafado, daí a origem das claves de fá e de dó. Bem mais tarde foi criado o sistema de pauta ou pentagrama com 5 linhas e 4 espaços onde escrevemos as notas musicais.

Clave é um sinal que dá nome à nota que fica nessa linha.

A notação era quadrada ou romana devido a forma, passando depois à forma que hoje usamos.

Guido Darezio criou a Solnização, tirando as primeiras sílabas do hino de São João Batista.

Mais tarde apareceram outras formas de cantar e grafar, como o discante (canto em movimento contrário), contra ponto (punctus) contra punctus, nota contra nota e o discante florido que evoluiu de tal forma, trazendo confusão, cacofonia, até que apareceu a manifestação mensuralista, isto é, medida do tempo sonoro.

Surgiram os Neumas, para a determinação da medida do tempo assim a Virga, longa e o Punctus, breve. Todos com divisão ternária baseado na Santíssima Trindade. Havia ainda a prolação perfeita e imperfeita. Inventaram a mínima, depois a semínima.

Apareceram também sinais de prolação que determinaram o ritmo, cujo símbolo colocado no início da pauta deu origem aos sinais de compasso. A prolação perfeita era indicada por uma circunferência e a imperfeita por uma semi-circunferência. Esta última deu origem ao nosso compasso quaternário simples.

Somente no sec. 16 foi criada a barra de divisão dos compassos

(medida de ordem de tempo que estabelece o valor dos sons).

As notas podem ser alteradas (como hoje) por meio de sinais chamados acidentes: bemol abaixa meio tom a nota (som) natural; Sustenido, eleva meio tom a nota natural; bequadro, desfaz os acidentes. O ponto de aumento e o duplo ponto apareceram quase na mesma época. O primeiro ponto de aumento colocado ao lado da nota aumentando-lhe metade do valor, o segundo a metade do primeiro ponto. Um nota mínima vale dois tempos; o primeiro ponto aumenta-lhe um tempo e o segundo, meio tempo; essa nota valerá então três tempos e meio.

Nos últimos séculos da idade média, a música e a poesia populares floresceram de uma forma extraordinária.

Apareceram os trovadores, «troubadours», trovères, menestreis ou «minnesanger». Em Florença atingiram o apogeu. Cantavam acompanhados do Alaude. Nôtamos os trovadores: Adão de la Halle, castelão de Coucy, Guilherme Sétimo, Duque de Aquitânia, Ricardo Coração de Leão, Frederico Barba-Roxa, Afonso de Aragão.

As canções eram classificadas: canção com personagem ou narrativas, canções e danças de primavera; «jeux partis», canções cruzadas e outras. Em Arles, côrte do Conde de Provença, faziam torneios de poesia e música dando ao vencedor uma violeta ou rosa de prata, sendo por isso chamados «jogos florais» (Alaleona).

Foi ainda na idade média que se desenvolveram na Igreja as representações teatrais-sacras ou mistérios — cujos assuntos eram tira-

dos da Bíblia, vida de santos, Filho Pródigo, Paixão de Cristo etc.

Conta-nos a «história» da História que depois das representações da Paixão de Cristo, muitas donzelas acabaram se enamorando do «Cristo» e mancebos garbosos se apaixonavam pela «Virgem Maria», bem como na saída dos espetáculos davam uma boa surra no «Judas» e em «Pilatos».

Talvez seja por esse motivo que a Igreja proibiu o Teatro indicando que fôsse apenas cantado sem a «representação».

**Ars Nova** — O maior movimento da libertação violenta de cadeias religiosa-social-literária, fêz também a grande revolução na música.

Com vários processos de cantar e de compôr, auxiliados pelas terças e sextas (falso bordão), antifonia (oitava) e órgão (quartas e quintas) aparece a Polifonia junto da Escola de Paris, que sistematizou as primeiras formas das composições polifônicas: Motete (3 vozes, cada uma com ritmo e texto diferentes), Conduto (canto firme com invenção do compositor) Rondó (mesma melodia repetida por várias vezes).

Foi com Adão de la Halle que a Polifonia se desenvolveu magistralmente. Surgiram os teóricos: João de Muris, Filipe de Vitri, Francisco Landino que se preocupavam com a harmonização, percebendo uma série de dissonâncias, procurando evitá-las.

Mário de Andrade nos disse que no sec. 14 a música profana e a erudita se fundiram e nas Igrejas eram cantadas músicas trovadorescas bem como nos salões. Daí, mais tarde a proibição na Igreja Católica de certas melodias, por se tratar de compositor profano. E foi nesse período que a música religiosa atingiu a suprema elevação polifônica a Missa.

Apareceu a Reforma com Lutero e Calvino. Outros músicos se uniram a eles e a música evoluiu de uma forma esplendorosa. Na mesma época surgiram os músicos católicos: Palestrina, Monteverdi, Orlando de Lassus e a música venceu grandes obstáculos, dando saltos enormes, trazendo para nós esclarecimentos preciosos, para a boa forma de compôr obras que ainda hoje admiramos.

Encerramos aqui o resumo da primeira parte de história da música, esperando que o leitor tenha aproveitado alguma coisa.

## "Revista de la Policía Boliviana"

Mantemos intercâmbio com esta publicação e aceitamos pedidos de assinaturas:

Por 3 números — Cr\$ 15,00

Por 6 números — Cr\$ 25,00

Pedidos à Gerência de "MILITIA"

# O GRANDE PROBLEMA

## A Federalização das PP. MM.

Ten. Cel. José H. Trigueirinho

Primeiro de uma Série de Artigos.

notável evolução da técnica, operada de 1.900 para cá, que se refletiu, como não podia deixar de ser, nos meios materiais com que se faz a guerra, trouxe também a evolução da concepção da guerra.

Se antes, pelas regras de Direito Internacional, a guerra se fazia em teatro geográfico determinado na declaração de guerra; se antes a declaração de guerra precedia as operações; se antes o bombardeio de cidades e populações constituía ato de barbárie, que o Direito referido condenava; já hoje, ante o desenvolvimento notável da técnica dos meios materiais com que se faz a guerra, a concepção da guerra localizada ao teatro de operações evoluiu para a da «GUERRA TOTAL».

Compreende-se por «GUERRA TOTAL» toda a nação empenhada; porque, se no campo de batalha tudo funciona para a execução vitoriosa da guerra, tal é possível graças à retaguarda, localizada bem distante do teatro de operações, em várias zonas de território, onde toda a população trabalha febrilmente, para que todos os recursos sejam enviados ao campo de batalha e, ali, vençam, pela superioridade, os do inimigo.

Dá a noção de que a guerra deve atingir, não só os meios que se acham, no teatro de operações, senão também todos os demais da nação adver-

sária, que se acham na retaguarda e que alimentam o teatro de operações.

E vemos, com os meios modernos de destruição, de longo raio de ação, quer aéreos, de superfície ou submarinos, serem atingidos, no interior da nação, os grandes centros industriais, as usinas elétricas, as minas de interesse estratégico, as vias de comunicação, as represas, as zonas agrícolas em época de colheita, etc; por forma a reduzir-lhes a produção, senão destruí-las inteiramente.

É a «GUERRA TOTAL» com todos os seus horrores, que revoluciona a antiga concepção da guerra localizada, codificada no Direito Internacional.

Quem, dentre nós, não leu os horrores a que foram submetidas a Holanda, Bélgica, França, Itália, Rússia e Alemanha no seu interior durante a última guerra?

Quem, dentre nós não viu, no cinema, aqueles horrores: filas imensas de homens e mulheres, jovens e velhos acabrunhados pelo desalento e infortúnio, de crianças aterrorizadas, cidades destruídas, campos crestados pelo fogo, estradas revoltadas e esburacadas, zonas inundadas!

A Inglaterra também sofreu e bastante; porém, em muito menos escala. E por que?

É que, diante de colapso havido no continente, que prostrara a Holanda, Bélgica e França, a Inglaterra esperava que a tempestade desabasse, em fúria, contra si, e tratou de organizar-se no seu interior.

Nenhum inglês safa de sua casa, propriedade, fábrica, cidade ou sítio; ali mesmo todos se armaram convenientemente e organizaram-se em núcleos de resistência, sob o comando dos mais capazes. E aguardam o inimigo.

Este, onde quer que se apresentasse, encontraria resistência do núcleo ali residente; e, se este não bastasse, os núcleos vizinhos viriam de bem próximo, em socorro.

Se um incêndio era ateadado pela granada aérea, o núcleo atacava-o ainda no foco inicial e ele não tomava proporções.

Se uma casa era atingida e ruía, o núcleo removia os escombros, salvava os feridos, enterrava os mortos e restabelecia a normalidade.

Criou-se assim, no interior, a Defesa Passiva; como, no exterior ou no teatro de operações, se fazia a guerra ativa.

Se o povo, que fazia a Defesa Passiva no interior, não se deslocava, já o Exército, que fazia a guerra ativa, se trasladava para o teatro de operações, que lhe era determinado.

Logo, os órgãos de Defesa Passiva são fixos, ao passo que os da guerra ativa são móveis.

Transplantando essa dura experiência real para o Brasil, que vemos?

De um lado, um Exército essencialmente móvel; porque, todos os anos os seus soldados têm baixa, para retomarem suas atividades civis, enquanto outros civis são chamados

às fileiras, para cumprirem o dever cívico de aprenderem a manejar as armas destinadas à defesa da nação.

De outro lado, as Polícias Militares, assencionalmente fixas; porque, constituídas de voluntários, que servem enquanto o desejarem (profissionais permanentes), espalhados por todos os recantos do território, ali permanecem em contacto com o povo, indefinidamente; porque o melhor policial é o que permanece mais tempo no mesmo lugar, onde a todos e a tudo fica conhecendo.

Se aqueles cidadãos (do Exército), são convocados em tempo de guerra, grupam-se e seguem para determinado teatro de operações, estes das Polícias Militares, devem continuar nos pontos do território onde já se encontram; e, conhecedores dos habitantes, grupá-los-ão em núcleos de resistência e, ali mesmo, sem se afastarem de suas atividades normais, assegurarão com seu trabalho os meios de que carece o Exército para combater e, ao mesmo tempo, assegurarão a Defesa Passiva da sua gleba.

Resumindo: o Exército, móvel, fará a guerra ativa; as Polícias Militares, imóveis, com o Povo, farão a Defesa Passiva.

Não se diga que esta concepção seja de todo em todo uma novidade.

No Brasil-Côlonia, os núcleos humanos plantados pelos portugueses ao longo da costa asseguravam a defesa local, até que o Exército chegasse, só muito mais tarde, para dar liquidação ao invasor.

Assim foi com os franceses, com os holandeses e com os piratas, quer no Maranhão, no Recife, na Bahia, no Rio de Janeiro ou em pontos esparsos da costa.

Guardadas as devidas proporções e ressalvados os processos modernos de ação, conseqüentes de meios aperfeiçoados modernos de fazer-se a guerra, a concepção da defesa total é a mesma, hoje como ao tempo da colônia.

No Império mesmo, Feijó criou a Guarda Nacional em todos os municípios, paralela ao Exército; e ela só não subsistiu, dado o baixo índice político de nossa gente, que transformou tão idealística instituição em «Agrupamentos políticos».



### COOPERATIVAS REGIONAIS:

Santa Isabel — Jacareí — Santa Branca — São José dos Campos — Paraíba — Taubaté — Pindamonhangaba — Roseira — Guaratinguetá — Lorena — Valparaíba — Aguai.

## COOPERATIVA CENTRAL DE LATICÍNIOS

DO

ESTADO DE SÃO PAULO

Regist. M. A. sob n.º 4 e S.A. sob n.º 47

---

Escritório e sede central: ( Diretoria . . . . 9-2658  
Rua Dr. Almeida Lima, 523 Fones ( S. Comercial . . 9-2659  
SÃO PAULO ( S. Técnica . . . . 9-2681

*“Produzir mais é viver melhor”.*

# Setima ARTE

## DEFESA

### Do Cinema Nacional

*Ortiz Monteiro*

Professor do Seminário de Cinema do Museu de Arte de São Paulo e Produtor Cinematográfico.

O Presidente da República recebeu dos profissionais de cinema, a propósito da assinatura do decreto 30.179, de 19 de novembro de 1951, que regulamentou a obrigatoriedade da exibição de UM FILME NACIONAL para cada OITO FILMES ESTRANGEIROS, o seguinte memorial, subscrito por centenas de interessados:

«Os signatários deste, profissionais de cinema, críticos, crônistas cinematográficos e fãs, organizados em ampla Frente de Luta pela Proteção e Defesa do Cinema Nacional, convictos de que a defesa de nosso cinema se identifica com a defesa do nosso patrimônio econômico e cultural, aproveitam o ensejo da mesa redonda de debates sobre o decreto executivo n.º 30.179, de 19 de novembro, realizada no Museu de Arte em São Paulo, no dia 29 do corrente, para se declararem solidários com o referido decreto, que traduz, no momento, uma legítima aspiração e verdadeira conquista da indústria cinematográfica brasileira.

«Considerando o fato inconteste do êxito de bilheteria do filme nacional em todo o país; considerando que o decreto abre uma válvula

de escape aos exibidores contra os contratos draconianos a que os submetem os monopolistas de filmes estrangeiros e nacionais; considerando que o decreto, estimulando a produção nacional é um convite aos próprios exibidores para que venham também a produzir; considerando que por esses e outros motivos o decreto lhes é necessário, útil e favorável; os signatários deste protestam contra as manobras de certos trustes estrangeiros de distribuição de filmes e de seus agentes nacionais, que desajeitadamente procuram torpedear a legislação brasileira de proteção e defesa de nossa indústria cinematográfica».

Tão fielmente traduziram os sentimentos do grande número de brasileiros que com o cinema se identificam, por motivos de ordem profissional, econômica e cultural, que a mesa redonda do dia 29 de dezembro e o memorial acima transcrito tiveram a mais ampla repercussão na imprensa de todo o país, tendo contribuído decisivamente para o recente acordo havido entre os sindicatos de Produtores e de Exibidores, no sentido de ser dado cumprimento ao decreto presidencial de

proteção à indústria cinematográfica nacional.

De agora em diante, todos os cinemas do território brasileiro serão obrigados a exibir UM FILME NACIONAL para cada OITO PROGRAMAS ESTRANGEIROS. Os produtores terão direito a 50% da renda de bilheteria, não podendo o Serviço de Censura aprovar novos programas sem que os exibidores comprovem o pagamento da porcentagem legal ao filme brasileiro, deduzidas unicamente as despesas de publicidade.

Para os pequenos exibidores, especialmente os do interior, o decreto 30.179 equivale a um alvará de libertação, porque os emancipa da pressão dos distribuidores. É por demais conhecida a odiosa manobra dos distribuidores, toda vez que os exibidores do interior lhes solicitam

um filme nacional. Abusando da circunstância do público preferir a fita brasileira, os distribuidores estavam habituados a fornecer o filme nacional sob a condição do exibidor tomar alugados 30, 40 e até 50 filmes americanos. Como vemos, a fita patricia estava servindo de porta de saída para os refugos da produção estrangeira. Agora, quando o distribuidor fizer exigências excessivas, o exibidor mostrará a lei, que prevê um máximo de oito filmes estrangeiros para cada filme nosso.

Asseguradas a exibição e a justa compensação econômica ao filme brasileiro, o cinema nacional irá consolidar-se muito rapidamente, para erigir-se em uma grande indústria, que será, ao mesmo tempo, um dos mais importantes campos de trabalho de nossa Pátria.

**Consumir**

É um dever de patriotismo.

**Produtos**

É contribuir para o  
desenvolvimento da  
nossa produção

**Nacionais**

É ajudar a libertação  
econômica do Brasil.

# José Silva - Tecidos, S. A.

(Casa fundada em 1885)



End. Telegráfico «SILVIUS»  
CAIXA POSTAL, 445  
TEL. 43-28-95 (REDE)

RIO DE JANEIRO, D. F.

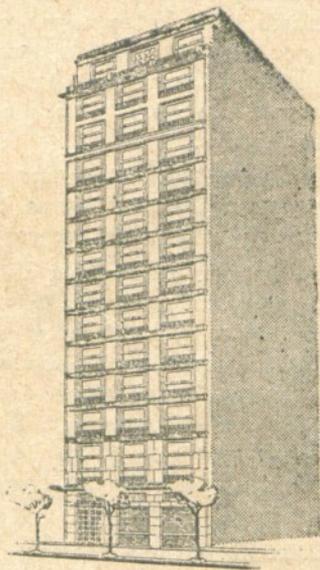
TECIDOS E ARTEFATOS DE TECIDOS EM GERAL  
— IMPORTADORES E EXPORTADORES —

FORNECEDORES DAS FORÇAS ARMADAS, INCLUSIVE  
DA FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Departamento de vendas  
em SÃO PAULO (Capital)

Av. Nova Amangabaú, 702-3.º, Sala 32

Caixa Postal, 3021 —  
En. Telegráfico, "SILVIUS"  
Telefone: 33-2662



Sede no Rio de Janeiro

# O 120.º ANIVERSÁRIO

## da Fôrça Pública

ENTREGA DE MEDALHAS — PROVAS ESPORTIVAS —  
DESFILE — ALMOÇO.

Há um passado que não deve ser esquecido. Se a exaltação do presente significa, para nós, prêmio da mais alta valia, a revivência de lutas passadas é homenagem necessária aos que souberam vencer, dignamente, para que nos fôsse possível lutar.

Não há como fugir dos exemplos legados. A história, longa, é um manancial de ações nobres que, plasmando o sentido idealista de uma época, alicerçaram a obra gigantesca que nos compete levar aos seus destinos maiores.

A Fôrça Pública é, por isso, um presente de realizações sob a inspiração de um passado venerável.

A sociedade, o Estado e a Nação, vêzes sem conta, têm-lhe tributado homenagens que falam, expressivamente, do seu desprendimento à efetivação do Direito, de seu desvêlo à manutenção da tranqüilidade social do seu propósito, firme, de garantir o respeito aos princípios sagrados da Justiça.

Assim foi o seu passado, assim é o seu presente.

Mais de um século de serviços leais à causa coletiva. Desde aqueles momentos cruciantes da nossa vida política, em terras estranhas, nos inóspitos chacos paraguaios, até os atribulados dias em que vivemos, eis a Fôrça Pública, cortando o território nacional de sul a norte e de leste a oeste, em campanhas que exigiram o sangue de tantos heróis, a cumprir o seu dever, a trabalhar por São Paulo, a lutar pelo Brasil.

120 anos de lealdade, de sacrifício, de honradez, de consciência plena do dever cumprido e a cumprir, de esperanças e de incertezas, mas de convicção, também, de ter contribuído decisivamente para a grandeza do Brasil a maior glória dos seus heróis.

No instante em que exalçamos as vitórias do presente cabe-nos, por imperativo de gratidão, homenagear aqueles que em feitos memoráveis, sempre ao lado dos interesses sagrados da Pátria e de São Paulo, tão bem souberam engrandecer-nos por terem imortalizado a crônica histórica da nossa Fôrça Pública gloriosa.



**Flagrantes do desfile:**

A Escola de Oficiais passa impecável, provocando aplausos; a guarda-Bandeira do Batalhão de Guardas e o Regimento de Cavalaria, em uniforme de gala.



## COMEMORAÇÕES

Das mais brilhantes foram as solenidades comemorativas da passagem do 120.º aniversário de fundação da Fôrça Pública.

Tiveram início no campo de esportes da Escola de Educação Física, às 9 hs. do dia 13, quando se processou a entrega das medalhas que, pelo sr. Presidente da República, foram concedidas aos seguintes oficiais:

— Medalha Militar de Prata —  
cel. Euryale de Jesús Zerbini

— Medalha de Guerra — cel.  
Sebastião Porfírio da Silva

—ten. cel. Luiz Gonzaga de  
Oliveira

— ten. cel. Jayme Bueno de Camargo

— cap. Rafael Peres Busato.

A seguir, prestaram juramento à Bandeira cêrca de 900 recrutas.

As 15 hrs. no Quartel do Batalhão «Tobias de Aguiar», teve lugar a recepção festiva dos atletas que, partindo de Sorocaba, da praça Dr. Fojardo, em cujas proximidades nasceu o brig. Rafael Tobias de Aguiar, conduziram o «fôgo simbólico», em verdadeira maratona cívica, àquela Unidade.

As 16 hrs. no Ginásio da E.E.F. realizou-se uma partida de basquete entre as equipes de oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal e da Fôrça Pública.

No dia 14, às 8,30 foi celebrada missa em sufrágio da alma do brig. Tobias de Aguiar, na Igreja da Venerável Ordem Terceira de São Francisco. Em seguida, no ginásio da E. E. F., encerramento solene dos cursos da E. E. F. e Emprêgo e Manutenção de Automóveis.

As 16 horas, no mesmo local, realizaram-se jogos de voleibol entre as equipes de oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal e da Fôrça Pública, e de sargento do 2.º B.C.M., da Polícia Militar de Minas Gerais, e Centro Social de Sargentos desta Corporação.

No dia 15, às 9 hrs. e 30, com a presença dos srs. governador do Estado, cel. Euryale de Jesús Zerbini, comandante geral da Fôrça Pública, Elpidio Reali, secretário da Segurança Pública, cel. Alcides Moitinho Neiva, chefe do Estado Maior da 4.ª Zona Aérea, cel. Souza Carvalho, representando o Comando da 2.ª Região Militar, outros oficiais e autoridades, teve lugar, na avenida Campos Elísios, um imponente desfile sob o comando do cel. Guilherme Rocha, de que participaram, o C.F.A., B.G. B.T.A., R.C., Serviço de Saúde, Câes Policiais, Pelotão de Motociclistas, Delegacia de Polícia Militar, Núcleo de Paraquedistas, Batalhão Policial, Cia. de Policiamento Florestal, Cia. de Policiamento Rodoviário, Patrulhas Transportadas (a cavalo), e Corpo de Bombeiros.

Nessa ocasião, o sr. Governador Lucas Nogueira Garcez saudou a Fôrça Pública, nos seguintes termos: «O povo paulista assiste hoje, com emoção, ao desfile da sua gloriôsa Fôrça Pública de São Paulo. Quando esta milícia sai à rua, pode verificar a inteira consonância dos seus propósitos com os elevados propósitos do povo, que nela vê a garantia das suas instituições em São Paulo. E, ao desfilar a milícia, ela relembra sempre aqueles dias trágicos alguns, gloriosos outros, em que

a Fôrça Pública sempre esteve ao lado do povo dêste Estado. Por isso, a data de hoje, que marca o transcurso de 120 anos de idade dessa milícia, é uma data de alegria e de entusiasmo para todo São Paulo. Como governador dos paulistas, neste dia memorável, apresento ao comandante geral, aos comandantes, aos oficiais e praças da Fôrça Pública, a saudação de todos os paulistas».

As 11 hrs., no quartel do C.F.A., no Barro Branco, após o encerramento dos cursos, foi oferecido pela Corporação um almoço ao Sr. Governador do Estado.

Compareceram, além do governador e do comandante geral da F. Pública, os srs. Presidente da Assembléa Legislativa, Secretários de Estado, Reitor da Universidade de São Paulo, Prefeito da Capital, Presidente da Câmara Municipal, gen. Honorato Pradel, representando o comandante da 2.ª R.M.; gen. Miguel Costa; cel. Guilherme Rocha, comandante do Batalhão de Guardas; cel. Alfredo Condeixa Filho, Chefe da Casa Militar do Govêrno do Estado; cel. do E.B., Souza Carvalho, Joaquim Santiago, Aníbal de Andrade e Asdrúbal Palmério de Escobar, toda a oficialidade da F. Pública.

Saudando o sr. governador, o cel. Euryale de Jesús Zerbini disse, entre outras, as seguintes palavras:

«O comando da Fôrça Pública presta contas de sua ação, neste final de ano de govêrno de v. excia., com a seguinte síntese de realizações: afirmação da autoridade dos comandantes e chefes de serviço; regularização do pagamento de vencimentos, e distribuição de fardamentos; campanha pelo recrutamento, pois os efetivos estavam desfalcados; au-

mento de 1.500 soldados no quadro de efetivos para 1952, já que os existentes não satisfazem as necessidades, sabido como é que os efetivos continuam iguais aos de 1920; orientação racional do recrutamento por processos psicotécnicos e formação de oficiais especializados nesse mistér; reorganização do 1.º B.C., a quem v. excia. acaba de agraciar com o título de Batalhão «Tobias de Aguiar»; remonta do Regimento de Cavalaria; incentivo à formação de quadros, muito desfalcados. organização e funcionamento do curso de oficiais de motor a fim de que se possa regularizar o Serviço de Transportes; compra direta, nas fábricas dos Estados Unidos, com muito grande economia para o Estado, de viaturas para êste Serviço, cujo «equipamento» é ineficiente; compra, nas mesmas condições, de carros para o Corpo de Bombeiros e abertura de um novo posto no campo de Congonhas; trabalhos de acabamento nas obras do 2.º, 6.º, e 3.º B.C.; outros em execução ou a se iniciar na Capitanía, Serviço de Subsistência. 7.º B.C. e Centro de Formação e Aperfeiçoamento; instalação de novo aparelho de Raio X e Enfermaria de Cardiologia no Hospital Militar; plano em vias de realização, da construção de 500 casas para sargentos, resolvendo o problema da casa própria; incentivo a cursos para sargentos, a fim de prepará-los para outros existentes na Fôrça ou para estudos civis.

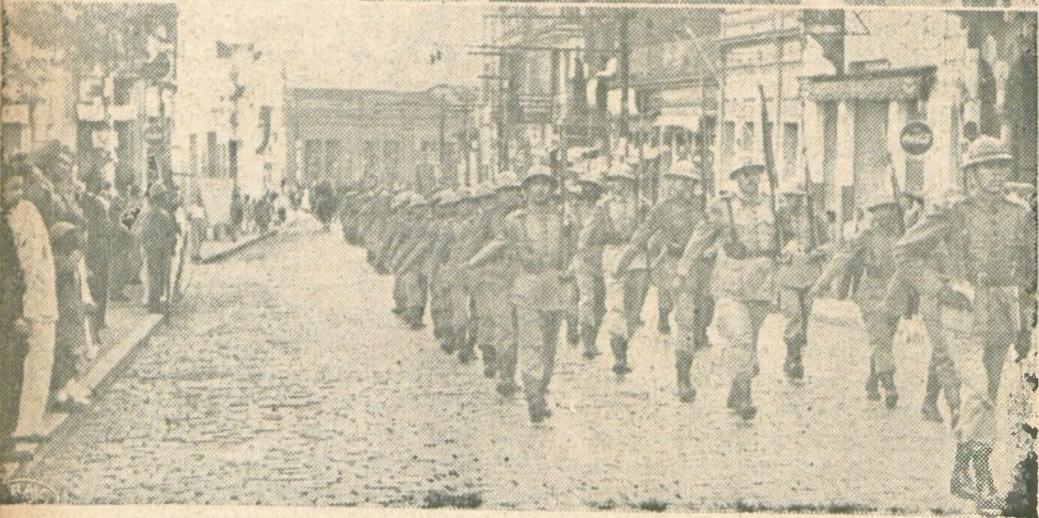
Cooperando com o programa de despesas, até meados êste ano já havia sido feita uma economia de, praticamente, 10% do orçamento previsto, ou seja, 41 milhões de cruzeiros. Entretanto, sr. governador, o

que de mais avulta é o fato de que a Fôrça Pública definitivamente se consagrou ao policiamento preventivo, tendo hoje efetivos destacados junto aos distritos policiais. Uma instituição sem missão própria e definida, torna-se residual dentro do organismo em que vive e, cedo ou tarde, desaparecerá por carência de

razão de ser. A Fôrça Pública encontrou seu perfil de estabilidade na nobre função de policiamento, sob seus múltiplos aspectos, tendo como missão secundária e eventual, os encargos que lhe venham a ser dados pelo Estado Maior de Exército, como reserva que é. Neste período de adaptação ela se encontra».

## NO INTERIOR

As Unidades sediadas no Interior também celebraram a efeméride. Estes são dois aspectos do desfile realizado pelo 7.º B.C. em Sorocaba, vendo-se abaixo o ten. cel. Naul de Azevedo, cmt. do Batalhão, o cel. Chefe da Circunscrição Militar do E.N., sediada naquela cidade, e autoridades civis presentes ao ato.



## Posse do Novo Presidente

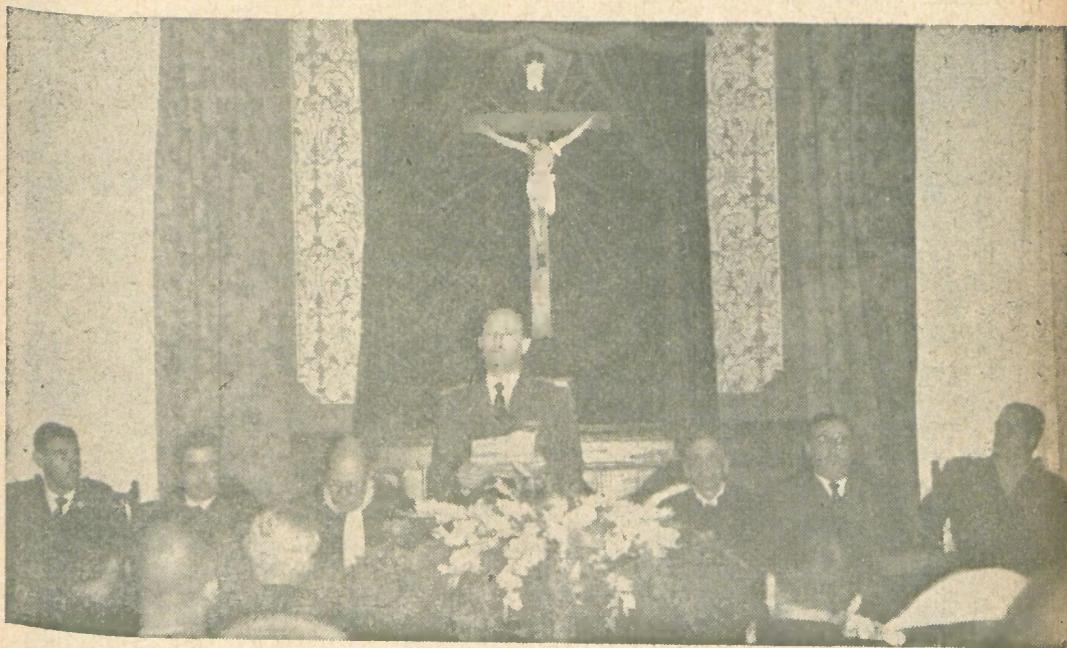
Realizou-se no dia 8 de janeiro, a posse do novo presidente do Tribunal de Justiça Militar, cel. Odilon Aquino de Oliveira, Juiz Militar, eleito para o biênio 1952-53.

Compareceram à sessão solene da posse do novo Presidente o representante do Governador Lucas Nogueira Garcez, o Ministro Presidente do Tribunal de Contas, dr. Luiz Pereira de Campos Vergueiro, representantes do Tribunal de Justiça do Estado; do comandante da 2.<sup>a</sup> R.M.; do Prefeito da Capital; dos Secretários de Estado, do Comandante Geral da Força Pública; o Diretor Geral de Instrução, coronel José Ribamar de Miranda; o Inspetor Administrativo, Coronel João de Quadros; os comandantes

de corpo e chefes de Serviço sediados na Capital; oficialidade disponível e mais pessoas gradas.

Falaram durante a sessão o Juiz civil dr. Mário Severo de Albuquerque Maranhão, Presidente Interino, que transmitiu o exercício do cargo; o Juiz civil dr. Luiz da Câmara Lopes dos Anjos, saudando o novo Presidente e finalmente, o coronel Odilon Aquino de Oliveira, que no seu discurso focalizou a figura do falecido dr. Romão Gomes, um dos primeiros Juizes do Tribunal, cujos exemplos procuraria seguir.

No clichê a mesa que presidiu a sessão solene, quando falava o Presidente recém-empoçado.



# Aniversário do 1.º B. C.

**Mudança de denominação — Novos estandarte e Bandeira Nacional — Desfile — Inauguração de retratos — Veteranos de Canudos — Homenagem de MILITIA**

Completo, à 1.º de dezembro, o seu sexagésimo aniversário, o 1.º Batalhão de Caçadores. Para registrar a efeméride, vinha o seu co-

mandante, ten. cel. José Canavó Filho, preparando uma série de atos comemorativos. Assim é que, anteriormente, estivera no Rio de Ja-

Em cima — Em continência à Bandeira.

Em baixo — S. Excia. o sr. governador do Estado, quando assinava o decreto que deu nova denominação ao Batalhão e criou o seu estandarte.





O dr. Lucas Nogueira Garcez, à entrada do 1.º B.C., ladeado por sua eminência d. Carlos Carmelo da Mota, arcebispo metropolitano de São Paulo, general Henrique Lott e brigadeiro Ararigbóia.

neiro, onde, delegação do nosso Comando Geral, acertou medidas junto ao Ministério da Guerra, no sentido de que fôsse dado ao 1.º B.C. a denominação de Batalhão «Tobias de Aguiar», como um preito de homenagem ao criador da Milícia Bandeirante, o brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar.

Providenciou também o comandante Canavó a confecção do estandarte que será levado doravante pelo B.T.A., e do qual estampamos o clichê.

As 11 horas, já presentes d. Carlos Carmelo da Mota, arcebispo metropolitano de São Paulo, gen. Henrique Teixeira Lott; comandante da 2.ª Região Militar; dr. Elpidio Reali, Secretário da Segurança Pú-

Um dos descendentes do brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que esteve presente às solenidades, ao lado do estandarte do B.T.A.





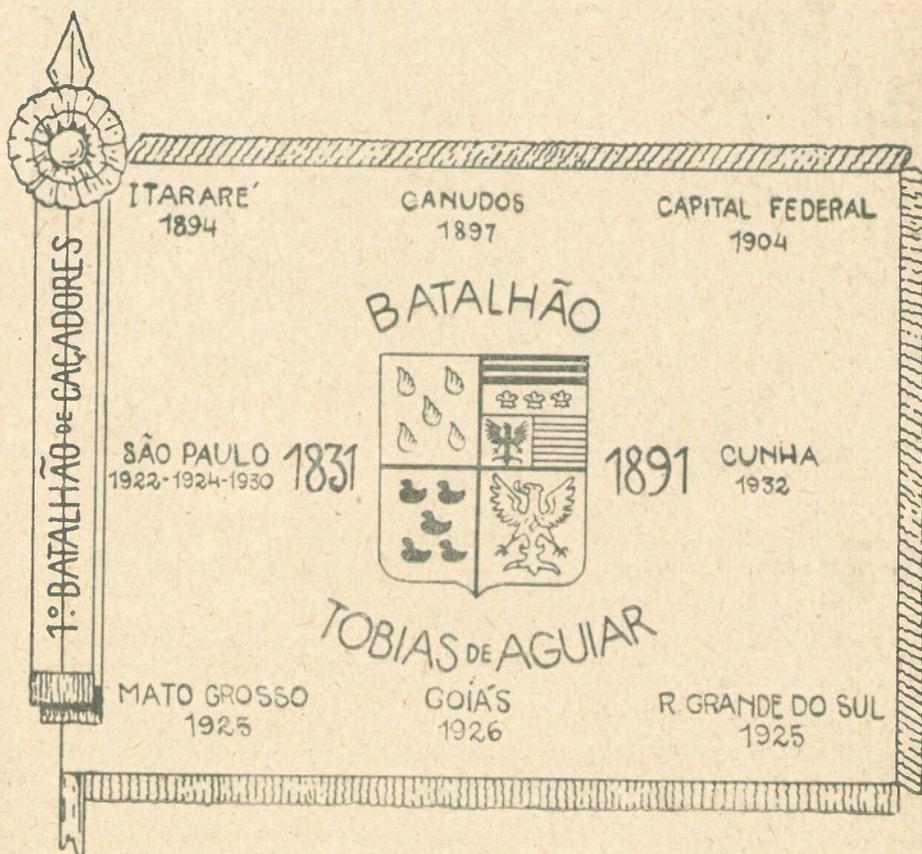
O sr. governador do Estado  
ão hastear o Pavilhão  
Nacional, dando início  
às solenidades.

blica; cel. Euryale de Jesus Zerbine, comandante da Fôrça, e outras altas autoridades civis e militares, chegou ao quartel s. excia. o sr. Governador do Estado, o qual após as continências de estilo, hasteou a Bandeira Nacional, assinando, em seguida, o decreto, n.º 20986, que deu a nova denominação àquela Unidade e criou o seu estandarte. Na mesma oportunidade o sr. Secretário da Segurança ofereceu ao Batalhão Tobias de Aguiar um novo Pavilhão Nacional. A Bandeira substituída foi doada em 1904 pelo Corpo de

Bombeiros do Distrito Federal, quando para lá seguiu o 1.º B.C., a serviço da ordem e da legalidade.

Durante as solenidades fizeram uso da palavra o dr. Elpidio Reali, secretário da Segurança, e o ten. cel. Canavó de cuja oração transcrevemos os seguintes trechos:

*A Fôrça Pública pode orgulhar-se de ter como fundador um dos aclamados filhos de Sorocaba e grande patriota que, tangido por um profundo amor à Constituição e à Legalidade, se lançou à luta em defesa dos seus ideais.*



O sugestivo estandarte do B.T.A. resume o passado de lutas da Unidade.

As causas da revolta de 1842 prendiam-se à Reforma do Código do Processo e à criação do Conselho de Estado, com o que não concordavam os paulistas e mineiros

Os paulistas queriam a volta de Tobias à testa do Governo.

Para isso, foram encaminhadas à S. Majestade, o Imperador, muitas mensagens do Povo, porém, sem resultado.

A comissão enviada pela Assembleia Provincial de São Paulo, composta do Senador do Império Nicolau Pe-

reira de Campos Vergueiro, Brigadeiro Bernardo José Pinto Gavião Peixoto e do Coronel Francisco Antônio de Souza Queirós, nem sequer foi recebida pelo Imperador D. Pedro II, tal o cerco com que o célebre gabinete de 23 de março mantinha S. Majestade.

Desiludido pela falta de amparo às suas pacíficas aspirações, que mais eram ditadas pelo respeito às Leis e à Constituição, recorreu então o povo ao apêlo das armas, recusando-se a cumprir as determinações ditadas pelo Ga-



O dr. Lucas Nogueira Garcez, ladeado pelo sr. Secretário da Segurança, dr. Elpidio Reali, ten. cel. Canavó F.º e cel. Euryale de Jesus Zerbini, presta a continência civil ao Hino Nacional.

*binete, aclamando em Sorocaba, no dia 17-V-1842, Rafael Tobias de Aguiar, para o cargo de Presidente Interino da Província.*

*Empossado no Governo da Província, lançou Tobias a sua*

#### PROCLAMAÇÃO

*"Paulistas! Os fidelísimos sorocabanos, vendo o estado de coação a que se acha reduzido o nosso Augusto Imperador o Senhor Dom Pedro 2.º por esta oligarchia sedenta de mando e riqueza, acabam de levantar a voz elegendo-me Presidente Interino da Província para debellar essa hydra de trinta cabeças, por mais de uma vez tem levado o paiz a borda do abysmo, e libertar a Província desse Proconsul que postergando os decretos mais sa-*

*grados veio commissionado para reduzi-la ao estado de misero Ceará e Parayba. Fiel aos princípios que hei adoptado constantemente na carreira publica, não pude hezitar em dedicar mais uma vez minhas debeis forças na sustentação do Throno Constitucional.*

*Paulistas! O vosso patriotismo já deu o primeiro passo, precedendo e seguindo os vossos representantes quando, fieis interpretes de vossos sentimentos, clamaram contra essas leis que, cerceando as prerogativas da Coroa e as liberdades publicas, deitaram por terra a constituição: O vosso valor e firmeza farão o resto. Mostremos ao mundo inteiro que as palmas colhidas nas campinas do Rio da Prata não podem definhar na do Ipiranga. Os des-*

*cedentes do ilustre Amador Bueno sabem defender os seus direitos a par da fidelidade que devem ao throno. União e a Patria será salva.*

*Viva a Nossa Santa Religião. Viva S.M. o Imperador. Viva a Constituição. — Rafael Tobias de Aguiar".*

*Dentre as aguerridas Unidades da Fôrça Pública, o encargo de integrar a nova coluna tocou ao 1.º Batalhão, que partiu para o teatro das operações, na Bahia, em 1.º de agosto de 1897.*

*Em plena luta contra o fanatismo, destaca-se a nossa Unidade pela dis-*

*ciplina, renúncia e valor. Escreve com o sangue dos seus heróis as mais belas páginas da História da Fôrça Pública. Luta com ardor e progride no terreno, ocupando postos que os fanáticos jamais retomam. Estabiliza suas posições e só as desocupa ao toque de avançar.*

*Vencidos os indomáveis sertanejos até o último reduto, regressa o 1.º B.C. À sua passagem por tôdas as localidades é pontilhada por manifestações de reconhecimento pelo seu valor e disciplina. Entra na Capital de São Paulo coberto de glórias, acla-*

S. eminência o cardeal d. Carlos Carmelo da Mota, quando fazia entrega do estandarte ao B.T.A..



mado pelo povo. As autoridades a-guardam os Heróis de Cenudos. Na rua Libero Badaró, junto ao arco de triunfo, dentre muitos oradores, a menina Berta Ondina de Azevedo saúda o Batalhão, em formoso discurso, do qual ainda ecoam as palavras finais:—

*"Rompei mais esta trincheira e tereis  
chegado ao Capitólio!*

*Avançai sem receio!*

*Em vez de balas homicidas, chove-  
rão sobre vós catadupas de flôres!*

*Mais um passo e estareis no Capi-  
tório!*

*Avante heróis!*

*Viva a República!*

*Viva o 1.º Batalhão!"*

.....

gue, as imorredouras tradições da Fôrça Pública e do Batalhão.

Como mártires e magníficos dentro da luta que tempera, do sofrimento que redime, jamais tiveram alento, sempre marchando com o coração a vibrar ao primeiro apêlo da Pátria e, como heróis, muitos dêles tombaram anônimos, à beira de um regato, sôbre o chapadão arenoso, na orla de um bosque, nos alcantilados montes das serras, sem ter na hora derradeira um último adeus, nem a palavra carinhosa dos entes queridos.

**BATALHÃO "TOBIAS DE AGUIAR" PERFILADO PELA FÔRÇA PÚBLICA, POR SÃO PAULO E PELO BRASIL!**



O ten. cel. José Canavó F.º pronunciando seu discurso que foi irradiado pela Rádio Record.

*E nesta altura, quando os nossos  
corações se sublimam e pulsam ao rit-  
mo dos mais puros sentimentos, dedi-  
quemos um preito de saudade aos que  
tombaram para sempre no cumpri-  
mento do dever, fortalecendo e glori-  
ficando com a generosidade de seu san-*

*São estas as últimas palavras do  
teu chefe nesta solenidade memorável,  
para os fastos da tua História."*

Perante as autoridades postadas no palanque levantado na avenida Tiradentes, desfilou o B.T.A., ostentando o seu novo estandarte. Após

a parada, foram colocados, solenemente, na galeria de retratos de comandantes do batalhão, os dos seguintes: cel. João de Quadros, cel. Dermeval Mariano, ten. cel. Jayme Bueno de Camargo e ten. cel. José Lopes da Silva.

Os veteranos de Canudos.

O ponto marcante das comemorações foi, sem dúvida, a presença

de cinco veteranos da Campanha de Canudos — cel. Agostinho Pereira da Fonseca, cel. Antônio de Carvalho Sobrinho, cap. Antônio de Oliveira Cravo, dr. Bonfim de Andrade e sgt. Sílvio Guizão — últimos sobreviventes daquele pugilo de bravos veteranos que nas regiões semi-desérticas do sertão baiano, escreveram páginas brilhantes da História Pátria.

---

### HOMENAGEM DE MILITIA

---

Pensamos traçar em nossas páginas o roteiro fulgurante percorrido pelo Batalhão "Tobias de Aguiar" nos seus 60 anos de existência, a serviço da paz e da tranqüilidade da família paulista e brasileira. No entanto, falaremos tão somente da sua participação na Campanha de Canudos. Para isso passamos a palavra ao incomparável Euclides da

Cunha o autor dessa obra literária de valor universal que é "Os Sertões". A sua pena magistral nos conduzirá, ao lado do batalhão expedicionário paulista, nas jornadas cortando as caatingas agressivas da região de Queimadas, na defesa da estrada do Calumby, ou nos entrechoques dentro do próprio arreal de Canudos.

---

# O Batalhão de São Paulo

*Euclides da Cunha*

*Quando, em princípio de setembro, chegamos a Queimadas, eu já sabia que o batalhão paulista chegara a Canudos realizando uma marcha brilhante e rápida. Em Queimadas, a opinião unânime dos habitantes daquela cidade traduzia-se num elogio constante ao procedimento da força deste Estado durante o tempo em que ela ali esteve.*

*Nem uma voz discordante perturbava essa manifestação absolutamente sincera e franca, que ainda perdura e persistirá por muito tempo.*

*Em Monte Santo (enuncio um fato que me foi exposto pelas pessoas mais*

*sérias da localidade) a população inteira, ficou verdadeiramente surpreendida ante a entrada corretíssima de um batalhão, que acabava de realizar uma marcha de dezesseis léguas e ali chegava, em forma, numa ordem admirável, como se fôsse tranqüilamente para uma simples revista.*

*Quando seguí para Canudos com o heróico regimento do Pará, encontrei uma ala da nossa força já próximo ao término da viagem. Foi entre Susuarana e Joá, na estrada do Calumby, havia pouco descoberto pelo tenente Coronel Siqueira de Menezes, trabalho notável que contribuiu muitíssimo pa-*



ra apressar o termo da luta, porque estabeleceu mais rápidas e seguras comunicações com Monte Santo.

Lá estava a ala esquerda do batalhão paulista, dirigida pelo bravo e dedicado major José Pedro. A estrada do Calumby, por onde os jagunços esperavam a expedição do general Artur Oscar, ladeada em parte pelas montanhas do Calumby e Cachamangó, crivada de trincheiras ásperas de mármore silicoso, tendo um trecho de três quilômetros dentro do valo profundo do rio Sargento, cortando talvez quinze vezes as barrancas abruptas do rio Crahybá, é de mais difícil travessia do que a do Cambáio. Guardá-la e ocupá-la, pois, não era empreza de pouca monta, sobretudo antes do estabelecimento de um tráfego franco e contínuo. Tanto isto é verdade que

a ala do batalhão paulista foi depois substituída por uma brigada — a do coronel Gouveia.

Assim ao chegar a Cañudos, no dia 15 de setembro, eu levava já a convicção de que os intrépidos soldados do sul prosseguiriam retilmente nas emprezas rudes da guerra.

E, realmente assim procederam sempre.

Exponho lealmente a verdade afirmando que o general em chefe repetidas vezes me manifestou, com a franqueza excepcional que o caracteriza, a confiança inteira, absoluta, que lhe inspirava o batalhão de São Paulo:

“Cada vez me agrada mais esta sua gente...”.

Havia razões para isto. O batalhão era perfeito na disciplina. Cumpria as ordens que recebia, mas, rigo-

rosamente, estritamente, com uma precisão verdadeiramente militar, sem delas se arredar nem mesmo para se atirar à aventura mais tentadora e aparentemente da mais fácil realização.

Teve poucos homens fora de combate; foi mesmo, talvez, o batalhão menos sacrificado de toda a campanha. Esse fato, na aparência incompatível com os inegáveis serviços por ele prestados e cuja importância não se pode derimir, explica-se de um lado, pelo tempo relativamente curto em que esteve no campo das operações, e de outro, por um acaso feliz porque arriscadíssimas e sérias foram muitas vezes as posições que ocupou e não abandonou nunca.

O plano de ataque do memorável dia 1.º de outubro demonstra-o. Apoiada pelo batalhão do Pará, a ala direita do batalhão paulista, sob o comando imediato do tenente-coronel Elezbão Reis, garantiu, a poucos metros do centro agitado da luta, desdobrando-se na igreja velha à nova, um extenso cemitério à esquerda do Vaza Barris, da margem esquerda do cêrculo, enquanto a ala esquerda dentro do arraial, no mais acedo do combate, compartia os traba-

lhos e perigos que rodeavam as forças assaltantes do exército, acompanhando-o dignamente na rara e notável subordinação ao dever e na extraordinária dedicação à República que ele sempre patenteou.

Isto é o depoimento simples e sincero de uma testemunha pouco afeiçoada à lisonja banal e inútil.

Mas não era a primeira vez que os paulistas se aventuravam a arrancadas nos sertões.

O episódio trágico dos Palmares e a epopéia ainda não escrita dos Bandeirantes foram criados pela índole aventureira e lutadora dos sulistas ouzados.

E o batalhão de S. Paulo, heróico e desassombrado no combate, fez reviver, por um momento, numa página da história do presente, todo o vigor guerreiro e toda a índole varonil dos valentes caídos há dois séculos.

N. da R. — O Presente artigo foi publicado no "Estado de São Paulo" em 26 de outubro de 1897. Foi mandado de Canudos, por Euclides da Cunha, que ali se encontrava como enviado do referido jornal.

A maior organização de Rádios, Refrigeração, Máquinas de Costura,  
Bicicletas e Material Elétrico

Representantes e Importadores de afamadas marcas americanas e européas

VENDAS EM 20 PRESTAÇÕES

RÁDIOS BELMONTE LTDA.

UM NOME — UMA TRADIÇÃO — UMA GARANTIA

Rua São Caetano, 315 — Fone 34-6038 — S. PAULO

# As comemorações do Dia da Bandeira no Vale do Anhangabaú



Aspeto da Tribuna Oficial quando o académico Reitor da Universidade do Brasil Pedro Calmon, pronunciava sua vibrante oração à Bandeira.

Promovidas pelo Serviço Social da Indústria, com a cooperação dos comandos da 2.ª R.M., 4.ª Zona Aérea e Fôrça Pública, autoridades federais, estaduais e municipais, federações sindicais de empregados, SESC e SENAI, revestiram-se do maior brilhantismo as solenidades com que São Paulo festejou o «Dia da Bandeira».

Estiveram presentes às comemorações o sr. Joaquim Canuto Mendes de Almeida, secretário do Governo, que representou o governador do Estado, general Henrique Batista Duffles Teixeira Lott, cmt. da 2.ª R.M., major brigadeiro Armando de Melo e Souza Ararigbóia, cmt. da 4.ª Zona Aérea, sr. José Alves Cunha Lima, secretário do Trabalho, cel. Euryale de Jesus Zerbini, cmt. da Fôr-

ça Pública, sr. Armando de Arruda Pereira, prefeito da Capital, professor Pedro Calmon, reitor da Universidade do Brasil; professor Ernesto Leme, reitor da Universidade de São Paulo, além de outras autoridades civis e militares que se fizeram representar.

Conforme o programa pré-estabelecido, o cmt. da 2.<sup>a</sup> R.M., às 9 horas, hasteou no palanque oficial instalado no Vale do Anhangabaú, ao som do Hino Nacional, a Bandeira da Pátria. Após essa cerimônia, o prof. Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras, pronunciou aplaudida oração alusiva à data, seguindo-se, em cumprimento às determinações inseridas no dec.-lei n.º 4.545, a incineração de bandeiras nacionais, em duso.

pelo cmt. da 2.<sup>a</sup> R.M.. A seguir, pelo conjunto infantil de 13 orfeões, sob a direção do professor Fabiano Lozano, foi cantado o Hino à Bandeira. A menina Sonia Dorsey declamou uma poesia alusiva à data, depois do que foram cantados pelo orfeões a Canção do «Marinheiro» e «Dia da Pátria».

Finalizando as festividades, teve lugar um imponente desfile de que participaram tropas do Exército, Aeronáutica e Força Pública, seguidas por alunos de diversos colégios da Capital e elementos do SENAI.

A reportagem de «A GAZETA» fixou os expressivos momentos, que, graças à bondade de sua administração, vão até nossos leitores.



A tropa formada durante a cerimônia.



## HOMENAGEM

# do Jockey Clube de São Paulo à Força Pública

O Jockey Clube de S. Paulo, pela primeira vez, se associou às homenagens prestadas à Força Pública quando do centésimo vigésimo aniversário de sua criação, a 15 de dezembro de 1831. Foi uma iniciativa de sua atual diretoria a cuja frente está o dr. Fábio da Silva Prado, paulista ilustre e grande amigo da nossa corporação. Todo o programa do dia 23 de dezembro foi consagrado à milícia paulista havendo, além do clássico «Natal», um páreo central denominado «Força Pú-

blica do Estado de S. Paulo» no qual consagrou-se vencedor o cavalo Zonzo sob a montaria de H. Molina. Os demais páreos tiveram as seguintes denominações: «cel. Joviniano Brandão» — «cel. Quirino Ferreira» — «cel. Soares Neiva» — «cel. José Pedro de Oliveira» — «cel. Batista da Luz» — «gen. Marcondes Salgado» — «cel. Pedro Arbues».

Foi grande a assistência que compareceu ao hipódromo de Cidade Jardim bem assim a animação das apostas que ultrapassaram a

casa dos vinte milhões de cruzeiros num movimento superior ao verificado no grande prêmio «Brasil» de 1951, realizado na Gávea.

Durante as corridas a diretoria do Jockey Club ofereceu ao Comandante Geral e comandantes de corpo e chefes de serviço da Fôrça Pública, um brilhante almôço, servindo nas arquibancadas, no camarote da direção da veterana e elegante associação do turfe paulistano. A êsse ágape compareceu o sr. cel. Euryale de Jesus Zerbine, Comandante Geral e quinze oficiais comandantes da Fôrça; da parte do Jockey Club estiveram presentes o dr. Fábio da Silva Prado, presidente, sr. Franco Clemente Pinto, conde Guilherme Prates e o dr. Mário Severo de Albuquerque Maranhão que, saudando a Fôrça Pública pronunciou o seguinte «toast»:

*«A diretoria do Jockey Club e seu digno presidente, dr. Fábio da Silva Prado, em nome de quem vos dirijo esta saudação, resolveram se associar às homenagens com que se comemorou, nesta Capital, a efeméride de 15 de dezembro de 1831, data da fundação da Guarda Municipal Permanente, embrião da valerosa Fôrça Pública de nossos dias.*

*No programa da atual diretoria do Jockey Clube de S. Paulo, que se caracteriza pela assistência financeira a tôdas as campanhas sociais de nobres fins e existência coordenada, devolvendo desarte ao público, a maior parte dos benefícios auferidos nas corridas, pois, não é demais repetir que o Jockey Clube não é uma associação de fins lucrativos que tenha a finalidade de amealhar dinheiro, no programa dizia, se inclue igualmente uma participação ativa na vida nacional, sobretudo no âmbito estadual, aderindo o mais ativamente quanto lhe*

*seja dado fazer aos acontecimentos de ordem geral.*

*O ato do brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, criando, há 120 anos, a Fôrça Pública de São Paulo, é dos que se destacam nos anais da história bandeirante como evento auspicioso. A diretoria do Jockey, na diretriz que se traçou, não deveria estar ausente, como não está, no momento de sua comemoração. Não o fêz na incidência cronológica da data de 15 de dezembro porque vosso programa não o permitia pela falta de tempo. Reservou para hoje a homenagem a que sinceramente aderiu de forma coletiva, como entidade social e pessoalmente pelo sentir de cada um dos componentes de sua diretoria e, podemos avançar sem receio de engano, de tôdos os seus associados.*

*A Fôrça Pública foi sempre um padrão e os paulistas sempre se orgulharam de sua milícia. Na história militar brasileira, desde sua criação, tomou parte ativa e inscreveu páginas gloriosas em tôdas as lutas que se travaram aquém e além fronteiras, suas unidades tendo exercido atuação de destaque já pelo valor do conjunto já pelo espírito de sacrifício e disciplina de seus elementos. Não poderei omitir neste passo nomes como os do general Marcondes Salgado, coronéis Batista da Luz e Pedro Árbues, chefes valorosos, patriotas esclarecidos, paulistas destemerosos que vivem constantemente na lembrança e na gratidão da gente de Piratininga, para não citar muitos outros, quais os velhos comandantes gerais que denominam os restantes páreos desta reunião. Entretanto, quero evocar, pela coincidência sentimental, a Fôrça Pública no Jockey relembrando as brilhantes e coloridas pa-*

sadas de 15 de novembro no velho Prado da Moóca, perfeitas de marcialidade, espetáculos tradicionais que arrastavam tóda a população da antiga paulicéia para aplaudir sua veterana e gloriosa milícia.

O Jockey Club é uma tradição e uma expressão viva de S. Paulo. Sabe, portanto, o vosso valor e quanto vos devem os habitantes desta antiga povoação dos padres jesuitas, senhores oficiais da Fôrça Pública. Não desconhece seu passado, suas glórias, muito menos o que significa essa vigilância permanentemente e que não se vê, pela segurança das instituições, dos bens, das vidas dos cidadãos. Sabe que a polícia, na sua conceituação exata, é um corolário da lei, órgão imprescindível na existência de uma sociedade civilizada. Não seria pois compreensível que não se associasse às brilhantes comemorações que, em todo o Estado, põe em destaque esse centésimo vigésimo aniversário de uma vida votada inteiramente, com sacrifício, ao interesse superior da coletividade.

Para externar esses sentimentos tive a fortuna, porque os sinto, de ser designado pelo ilustre presidente dr. Fábio da Silva Prado, paulista de uma estirpe das mais antigas e virtuosas de quantas povoaram essa terra de Santa Cruz, e éle próprio, como muitos de seus maiores cujos nomes ilustram as crônicas de nossa história, fidalgo no trato mas sobretudo homem de espírito público, sentindo, compreendendo e vivendo todos os acontecimentos de sua terra.

É em seu nome, no nome da diretoria do Jockey Club de S. Paulo que levanto minha taça para brindar o senhor coronel Euryale de Jesus Zerbin, digno Comandante Geral e continuador da honrosa galeria de chefes ilustres que exerceram essa alta comissão, todos os senhores oficiais presentes, chefes eficientes das várias unidades e departamentos da Fôrça Pública e nas suas pessoas a própria Fôrça Pública do Estado, padrão do valor e da grandeza das realizações da velha raça bandeirante".



## CAIXA BENEFICENTE da Fôrça Pública

Do orçamento da Caixa Beneficente para o corrente exercício, extraímos os seguintes dados:

Receita .....	Cr\$ 15.890.930,00
Despesa .....	Cr\$ 8.985.200,00
Saldo .....	Cr\$ 6.905.730,00

O patrimônio da instituição, representado por títulos da dívida pública, bens móveis e imóveis, ultrapassa a casa dos quarenta e dois milhões de cruzelros.

# PRESUNTO COZIDO Seleto

TIPO HAMBURGUÊS

UM PRODUTO  
MATARAZZO

**E DELICIOSO!**

Preparado com uma técnica especial, o Presunto cozido "Seleto", tipo Hamburguês, vem mantendo há anos seu padrão de qualidade perfeita, satisfazendo assim aos mais exigentes paladares!



# Écos

## do 60.º Aniversário do 2.º B.C.



O bravo 2.º Batalhão de Caçadores, o querido «Dois de Ouro», também conhecido como o «Herói do Tunel», completou, dia 1.º de Dezembro o seu sexagésimo aniversário. Aos motivos pelos quais esta Unidade é tão simpática e respeitada no seio da Milícia Bandeirante, junta-se mais êste, o da anciandade.

Atualmente sem quartel próprio, ocupando, por empréstimo, uma das alas do Regimento de Cavalaria, engalanou-se, não obstante, para ingressar festivamente na propecta casa dos 60.

Do seu singelo programa comemorativo destacamos: Hasteamento da Bandeira às 8,00 horas, e a seguir, leitura do Boletim Comemorativo; inauguração de retratos de ex-comandantes na galeria do Batalhão; jôgo de bola ao cesto entre

as equipes de oficiais do 2.º B.C. e B.G., no ginásio da E.E.F. e coquetel oferecido às autoridades e convidados presentes.

O hasteamento da Bandeira Nacional foi procedido pelo cel. Euryale de Jesus Zerbini, comandante geral da Fôrça, após o que o comandante da Unidade, ten. cel. Benedito Antunes Chaves, leu o Boletim Comemorativo da efemérida. Entre as autoridades presentes, anotamos a presença dos senhores drs. Dorival de Moraes Rosa, titular da 10.ª Delegacia; Pio Buller Souto, delegado de polícia de Sto. André, João Maciel Pinto Cintra, representante do delegado da 1.ª Delegacia Auxiliar, major Romeu Carvalho Pereira, representante do sr. Secretário da Segurança Pública e cel. José da Silva um dos ex-comandantes do Batalhão cujo retrato foi inaugurado naquela oportunidade.

Antes do início do jogo amistoso entre as equipes do 2.º Batalhão e do Batalhão de Guardas, o ten. cel. Chaves num gesto altamente elegante, como prova de real amizade, ofertou ao Comandante do B.G., cel. Guilherme Rocha, o vistoso troféu que deveria ser disputado.

Na Assembléia Legislativa Estadual o deputado Augustó do Amaral propôs o seguinte voto de congratulações, aprovado por unanimidade.

**REQUERIMENTO N.º 1568-51.**

«Requeremos conste da Ata da sessão de hoje um voto de congratulações com o Senhor Tenente Coronel Comandante, Oficialidade e praças do 2.º Batalhão de Caçadores da Fôrça Pública, pelo transcurso do 60.º aniversário dessa brilhante Unidade da Milícia Estadual, tomando a Mesa a seguir a providência de telegrafar ao Sr. Ten. Coronel Dr. Benedito Antunes Chaves dando conhecimento dessa deliberação da Casa.

Sala das Sessões, 30 de novembro de 1.951

(a) André Broca Filho — Paulo Teixeira de Camargo — Diógenes Ribeiro de Lima — Derville Allegretti — João Mendonça Falcão — Luciano Nogueira Filho — José Fernandes Bértola — Araripe Serra — Pedro Fanganiel — Yukishigue Tamura — Jayme de Almeida Pinto — Ruy Costa Rodrigues — Gilberto Chaves — Cenobelino Moreira — Luiz Dias Gonzaga — Osny Silveira — Plácido Rocha — Vicente Paula — Salgado Sobrinho — Jânio Quadros — Almeida Pinto».

Pôsto a votos, é sem debate aprovado o requerimento de urgência apresentado pelo deputado Augusto do Amaral.

Assim justificou seu requerimento o sr. Augusto do Amaral:

«Sr. Presidente, srs. duputados».

O 2.º Batalhão de Caçadores da Fôrça Pública comemora amanhã o seu 60.º aniversário.

Foi o referido Batalhão criado pela Lei n.º 17, de 14 de novembro de 1.891, com um efetivo de 23 oficiais e 700 praças.

Sua vida administrativa teve

início no dia 1.º de dezembro de 1.891, data em que foi nomeado o seu primeiro comandante, Coronel Rodolfo Gregório de Azambuja.

Em 30 de janeiro do ano seguinte (1.892), já sob o comando do tenente-coronel Francisco de Castro Canto e Melo, muda-se o Batalhão para Jundiá, com encargo de policiamento da zona servida pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Tomou parte ativa na luta contra a Revolta da Armada, iniciada a 6 de setembro de 1.893, combatendo em Santos e em diversas cidades do Paraná.

Em 17 de abril de 1.896, transferiu sua séde para Campinas e de lá, em 20 de abril de 1.897, para esta Capital, de onde não mais saiu. Tomou parte saliente nas Revoluções de 1.922 e 1.924, permanecendo em campanha na fronteira de Mato Grosso durante 15 dias e no Estado do Paraná, desde 1.º de outubro de 1.924 até 3 de setembro de 1.925.

Cobriu-se de glórias na épica jornada Constitucionalista de 1.932, defendendo o setor do Tunel da Mantiqueira. Presentemente, com um efetivo de 680 homens, inferior ao de sua criação há 60 anos, tem o encargo do policiamento em 7 Delegacias de Circunscrições da Capital e vários municípios vizinhos.

Atualmente é seu comandante o brilhante oficial ten. cel. dr. Benedito Antunes Chaves.

É para com essa gloriosa unidade da nossa Fôrça Policial que submeto a esta Assembléia um voto de congratulações.

Era o que tinha a dizer, sr. Presidente. (Muito hem!.)»

# Semana da Marinha em São Paulo



A banda do Corpo de Fuzileiros Navais

Gentileza de  
"A GAZETA"

Tal como se fez em 1934, São Paulo, voltou a prestar à Marinha de Guerra Nacional, na figura do seu imortal marinheiro, o almirante Joaquim Marques de Lisboa, marquês de Tamandaré, imponentes festividades que contaram com a presença de altas autoridades e do povo bandeirante. As comemorações tiveram início no dia 6 de dezembro, prosseguindo até o dia 13, «Dia do Marinheiro», data comemorativa do natalício de Tamandaré.

As solenidades inaugurais da Semana da Marinha foram realizadas no Teatro Municipal, a partir das 21 horas, contando com a presença do sr. Governador do Estado, dr. Lucas Nogueira Garcez, almirante Miguel Noronha de Carvalho, representante do Ministro da Marinha,

general Henrique Teixeira Lott, Cmt. da 2.ª Região Militar, brigadeiro Armando Ararigbóia, comandante da 4.ª Zona Aérea, coronel Euryale de Jesus Zerbini, comandante da Força Pública, desembargador Percival de Oliveira, representante do poder Judiciário, Ernesto Leme, reitor da Universidade de São Paulo, e membros civis e militares da Comissão organizadora das festividades.

Diante de grande massa popular, postada nas imediações do Teatro Municipal, o dr. Lucas Nogueira Garcez, hasteou o Pavilhão Nacional e, em brilhante improviso, deu por iniciadas as solenidades da Semana da Marinha.

Fez-se ouvir, na ocasião, a banda musical do Corpo de Fuzileiros Navais, magnífico conjunto de 250 fi-

guras, que, pela perfeita e entusiástica execução das peças marciais, arrancou dellrantes aplausos da multidão.

Na sessão inaugural fizeram, ainda, uso da palavra, o poeta Guilherme de Almeida, o desembargador Percival de Oliveira, o poeta Paulo Bonfim, o professor Alípio Leme e o capitão de fragata Raja Gabaglia, todos rememorando as glórias da Marinha Brasileira.

Abrilhou as solenidades o Orfeão do «Instituto Caetano de Campos», que apresentou as canções: «Cisne Branco» e «Viva a Marinha».

Durante a solenidade o poeta Guilherme de Almeida lançou a idéia de que os paulistanos, povo e governo, tomem a seu cargo a substituição do encouraçado «São Paulo» por um porta-aviões que continuará ostentando o nome do grande apóstolo da cristandade.

Os atos comemorativos da Semana da Marinha prosseguiram até o dia 13, e dêles destacamos: o concerto oferecido pela Banda dos Fuzileiros Navais; almôço no Rotary Clube, com a presença do contra-almirante Nelson Noronha de Carvalho e oficiais do navio-escola «Guana- bara»; condução, por atletas, do Fogo Naval, da Praça das Bandeiras ao Pátio do Colégio, onde se conservou aceso, durante a Semana da Marinha, guardado por soldados do Exército, da Aeronáutica e da Força Pública.

A Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais, que esteve alojada no quartel do Batalhão de Guardas, da Força Pública, deixou ótima impressão entre os que tiveram oportunidade de ouvi-la.

São Paulo, mais uma vez, soube prestar as homenagens a que têm direito os bravos marinheiros da nossa história.



## NOVA TABELA DE VENCIMENTOS DA FORÇA PÚBLICA

A partir de 25 de dezembro de 1951, passou a vigorar a seguinte tabela de vencimentos:

coronel .....	Cr\$ 11.000,00	1.º sargento .....	3.400,00
tenente coronel ....	10.000,00	2.º sargento .....	3.200,00
major .....	8.500,00	3.º sargento .....	3.000,00
capitão .....	7.000,00	cabo .....	2.100,00
primeiro tenente ..	6.000,00	soldado .....	1.900,00
segundo tenente ..	5.000,00	aluno of. do 3.º ano	2.500,00
aspirante .....	4.000,00	aluno of. do 2.º ano	2.100,00
sub-tenente .....	4.000,00	aluno of. do 1.º ano	2.000,00
sargento ajudante ..	3.500,00		

Os inativos estão enquadrados dentro da presente tabela, segundo o que estabelece o artigo 95 da Constituição Estadual.

# PAPAI NOEL

## NA FÔRÇA PÚBLICA



A chegada de Papai Noel nas Unidades e Serviços da nossa Corporação tem se revestido, nos últimos anos, de um brilho antes desconhecido. Comandantes e comissões de festas dedicam-se séria e carinhosamente no sentido de oferecer à petizada da família melliciana bandeirante, um natal festivo e pleno de brinquedos. E na data comemorativa da chegada ao mundo do menino Jesus, para redimir os homens, os nossos quartéis são invadidos por uma legião álaçre de crianças irriquetas, que com seus risos francos e inocentes,

---

O cel. Rocha entre Arrella e Francisco Alves. "O Rei da Voz" dedilha o seu amigo inseparável, aquele que emoldurando sua privilegiada garganta, ajudou-o a conquistar o glorioso epíteto.

---

O ten. cel. Chaves, cmt. do 2.º B.C., entregando presentes aos filhos dos componentes do "Dois de Ouro".





No Contingente do Q.G. — O cé. Zerbini, sob as vistas do Papai Noel, distribue presentes. Em baixo, um aspecto da assistência que compareceu ao "show" do Contingente



Flagrante da festa natalina realizada pelo Serviço de Engenharia, no auditório do Corpo Musical





No Centro de Formação e Aperfeiçoamento — Crianças e adultos seguem com interesse os movimentos da artista. No primeiro plano os cêis. Heliodoro e Ribamar entregam presentes a duas meninas.

As oficinas do Serviço de Transportes e Manutenção foram transformadas em teatro e aí se resumiu, num ambiente de grande alegria, a família laboriosa dos que dirigem e conservam a nossa frota de mais de quatrocentas viaturas.





No Batalhão de Guardas, sob o comando do cel. Rocha, as festividades contaram com a presença da primeira dama do Estado, d. Carmelita Garcez, que foi pessoalmente tomar parte na distribuição de brinquedos à petizada. Foi brilhante o "show", no qual conhecidos artistas do rádio bandeirante, fizeram-se apreciar





No serviço de Intendência — As oficinas do Cap. Matos foram transformadas em palco e platéia, acomodando mais de oitocentos espectadores. O Papai Noel rodeado pelos seus "fans".

---



No Batalhão Policial, sob o cmd. do ten. cel. Astolfo, o pátio foi transformado em parque de diversões, graças a colaboração do proprietário do Parque Changal, que cedeu por empréstimo carrousséis de aviãozinhos e marrequinhos, nos quais a meninada divertiu-se a valer.

---

Na Escola de Educação Física, sob o cmd. do ten. cel. Trigueirinho, atletas da Escola e artistas do Circo Arethusa, deliciaram os assistentes com os seus números

renovam nos nossos corações as lembranças dos saudosos tempos da meninice. Então, na efeméride máxima da cristandade, as manifestações ruidosas dos infantes se misturam ao bimbalar festivo de sinos invisíveis e ao gorgear de pássaros celestiais, levando ao íntimo dos adultos aquela vontade sincera e irreprimível de sair abraçando superiores e subordinados, esquecendo os desentendimentos da vida na caserna e desejando-lhes feliz natal e próspero ano novo.

Nessas comemorações que empolgam pais e filhos, a Fôrça





No R.C., sob o comando do cel. Bravo, o carinhoso Papai Noel, chega a cavalo, escoltado por lanceiros medievais.

*Pública tem contado, além da cooperação dos nossos fornecedores, com a colaboração valiosa dos mais credenciados artistas do rádio e do circo paulistas. E assim, estiveram entre nós, distribuindo alegria e humor, os consagrados cômicos Nhô Totico, Arrelia, "Coronel Cuco", Ubirajara, artistas do circo Arethusa, Enricão e suas pastoras, Osmano Cardoso e seus bonecos, João de Almeida, Raul Rosignoli e seu bandolim mágico, o conjunto regional do sargento*

*Leite e muitos outros, aos quais endereçamos os nossos melhores agradecimentos.*

*Não poderíamos deixar de registrar também, a presença da primeira dama paulista, doña Carmelita Garcez, nas festividades natalinas da Fôrça, bem como agradecer-lhe os inúmeros presentes que as suas mãos beneméritas, de presidente da Legião Brasileira de Assistência em São Paulo, entregaram aos filhos dos soldados paulistas.*



A União Católica dos Militares também comemorou, na vizinha cidade de Santos, a data do nascimento do menino Jesus. (Gentileza de "A GAZETA")

## Efetivo da Fôrça Pública

O governador do Estado, dr. Lucas Nogueira Garcez, promulgou, em data de 17 de dezembro último, a lei que dispõe sôbre a fixação do efetivo da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, no exercício de 1951. Transcrevemos abaixo o texto da lei:

"Faço saber que a Assembléia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei: artigo 1.º — A Fôrça Pública do Estado terá, no exercício de 1951, o total de 13.514 homens, distribuídos de conformidade com o quadro de efetivo-orçamentário, organizado para as seguintes unidades: Quartel General e Órgãos Anexos, Centro de Formação e Aperfeiçoamento, Batalhão de Guardas, Batalhão Policial, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º e 8.º Batalhões, Companhias Independentes, Companhias de

Policimento Rodoviário e Florestal, Companhia Policial Aero-transportada, Corpo de Bombeiros, Companhia Independente e Destacamentos de Bombeiros, Regimento de Cavalaria, Esquadrão de Policiamento Rural, Escola de Educação Física, Corpo Musical, Serviços de Saúde, de Material Bélico, de Fundos, de Intendência, de Engenharia, de Transmissões, de Transportes e Manutenção e de Subsistência, Hospital Militar e Depósito de Convalescentes e Sanatório de Tremembé.

Parágrafo único — As despesas com o pessoal de bombeiros correrão por conta dos municípios que firmarem acordos com o Estado, para execução dos serviços de extinção de incêndios e salvamento na forma da Lei n.º 658 de 13 de março de 1950".

"Este é o maior serviço que a Força Pública tem prestado ao meu Governo"

## Encerram-se as atividades do

# Depto. de Fiscalização da C.E.P.

C.O.A.P o novo organismo de defesa da economia popular. A fiscalização permanecerá com os oficiais da Força Pública — Organização do Departamento de Fiscalização da C.O.A.P.. Oficiais da P.M. do Distrito Federal, chamados a cooperar com o sr. Benjamim Soares Cabello.

A ação dos oficiais componentes do extinto Departamento de Fiscalização da C.E.P., que num período de mais de dois anos defenderam incançável e intransigentemente o povo paulistano contra a ganância de comerciantes desonestos, não repercutiu apenas em nosso Estado. Todo o Brasil seguiu com interesse a atividade dessa cen-

tena de companheiros que, nas horas de folga, se consagrava à penosa «caça ao tubarão». O resultado desse trabalho, inspirado apenas no desejo de bem servir o público, este laborioso povo paulista, fator preponderante da riqueza nacional, vem insofismavelmente expresso nos algarismos abaixo:

	1950	1951	1952 (*)
Queixas recebidas .....	11.600	13.900	920
«Comandos» efetuados .....	1.260	1.830	125
Estabelecimentos visitados ..	23.290	27.380	375
Processos .....	2.538	2.742	51
Térmos de advertência .....	393	1.057	17
Ofícios expedidos .....	198	387	16
Comunicado à imprensa .....	83	303	13

Recente lei federal extinguiu as comissões de preços, e criou em sua substituição a Comissão de Abastecimento e Preços, que apoiada em leis especiais votadas pelo Congresso, poderá eficientemente por cõbro a ganância desenfreada dos filhos de Mercúrio.

Convidados pelo inclito governador Lucas Nogueira Garcez — que em

meados do ano findo, dirigindo-se em palácio, aos oficiais das Unidades do interior, que deviam chefiar nas localidades sedes dos seus Batalhões e fiscalização da C.E.P., proferiu as palavras que encimam esta notícia — os nossos companheiros não titubearam em permanecer na posição de defensores da economia popular.

(\*) Até 23-I-1952

A.C.O.A.P., em São Paulo, terá, inicialmente, a seguinte composição:

### Pessoal Militar

Diretor do Departamento de Fiscalização da C.O.A.P. 1 capitão; Chefe Geral de Fiscalização da C.O.A.P. 1 capitão; Técnico em Carnes e Derivados da C.O.A.P. 1 major (Res.); Fiscais 6 tens. (3 da ativa e 3 de res. da F.P.); Subtenente encarregado de serviços gerais 1; Sargentos investigadores 3; Policia-

mento Econômico, 1 sargento, 2 cabos e 12 sds.

A tropa é destinada ao serviço externo, guarda de depósitos com mercadorias interditas, delinqüências, buscas e apreensões, prisões, escoltas de presos, etc.

Pessoal Militar (Variável ou de escala) ... ..

Oficiais da Força Pública, fiscais nomeados, da C.O.A.P., — que concorrerão à escala do Q.G. da Corporação, dois no período da manhã e dois no período da tarde.



Estas latas de leite, destinadas à alimentação de crianças lactentes, estavam sendo criminosamente sonegadas.

O produto foi vendido pelos próprios fiscais, no local da apreensão, ao preço da tabela. Esta é uma das cinco centenas de apreensões realizadas, dos produtos os mais diversos.



## BAHIA

### O Combate de Pilão Arcado

A respeito do combate travado entre elementos da brava Polícia Militar Baiana e um bando de facínoras, no município de Pilão Arcado e descrito neste número de MILITIA pelo ten. cel. Antônio Medeiros de Azevedo, transcrevemos o telegrama passado pelo Conselho Municipal daquela comarca ao então comandante Geral da Milícia, e publicado no Boletim do Comando da Brigada, em 20 de outubro de 1924.

Transcrição de Telegrama — Louvor.

Transcrevo na íntegra o telegrama do Conselho Municipal de Pilão-Arcado dirigido ao exmo. sr. dr. Governador do Estado, que é do teor seguinte:

*“Exmo. Sr. Dr. Góes Calmon Governador do Estado — Palácio Rio Branco — Bahia. Pilão-Arcado 19. Interpretando sentimento povo Conselho Municipal reuniu-se sessão solene testemunhar Vossência admiração bravura*

*sargento Antônio Medeiros de Azevedo defendendo sozinho cadáver seu malogrado e valente comandante tenente Joaquim Alves, em pleno combate até repelir bandoleiros êsse ato testemunhado tôda força entusiasmou soldados que acompanharam destemido inferior até findar luta por êsse fato o Conselho Municipal se dirige Vossência orgulhoso façanha memorável jovem baiano cujo valor já foi reconhecido em Sergipe. O espírito iluminado Vossência em que lampeja centelha vivida patriotismo há-de pelos nossos votos fazer justiça essa demonstração viril de mocidade forte e esperançosa. Saudações Respeitosas. (assg.): Franklin Lins de Albuquerque — presidente, Olympio Gonçalves — secretário, Correia Queiroz, Rodrigues Setubal, Cornelio Pereira dos Santos, Francelino Gonçalves Senna e*



Ten. Joaquim Alves de Souza, herói do combate de Pilão Arcado.



Ten. Cel. Medeiros de Azevedo

*Alexandre Rodrigues Lima — Consee-lheiros”.*

“Em vista do exposto, é com a maior satisfação que louvo ao 1.º sargento do Estado Menor desta Brigada, Antônio Medeiros de Azevedo, pela bravura inexcedível e sangue frio demonstrados no campo de ação, onde combateu heróicamente em vivo fogo durante três dias seguidos, no cumprimento exato de seus deveres ao lado do seu inditoso superior, cuja morte não o desanimou, porque no momento mais crítico da luta e vendo já sem vida o 2.º tenente Joaquim Alves de Souza, num rasgo de rara coragem conseguiu rechazar o inimigo, pondo-o em debandada e entusiasmando os soldados que o acompanharam até findar a pelêja. Jovem ainda, deve sempre pautar a sua conduta de maneira que continue a me-

recer elogios como este para engrandecimento desta Corporação que tanto tem sabido honrar; devendo tais louvores constar dos seus assentamentos. (a) Terêncio dos Santos Dourado. Cel. Comandante”.

O Boletim do Comando da Brigada, de 21 de outubro de 1924, transcreveu o decreto governamental que promoveu, pos-mortem, o heróico tenente Joaquim Alves de Souza, cujo retrato publicamos.

## CEARÁ

### NOTICIARIO

Concluíram o curso de Cirurgia-Dentista, na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, os nossos presados camaradas, cap. José Delídio Pereira e 1.º ten. Geraldo Fragoço de Vasconcelos.

O cap. Delídio foi o orador da turma.

## DISTRITO FEDERAL

### Encerramento de cursos

Realizou-se festivamente, no Quartel General, a 23 de dezembro último, a solenidade de encerramento dos diversos cursos da Corporação, revestindo-se do especial brilhantismo que lhe emprestaram as autoridades civis e militares, bem como as famílias dos oficiais, praças e convidados.

As 8,30, o sr. ministro da Justiça, dr. Francisco Negrão de Lima, foi recepcionado pelo Comandante Geral, cel. Niso de Viana Montezuma, comandantes de corpo e diretores de serviço, prestando continência àquela autoridade uma companhia de fuzileiros ao Comando do cap. Aidano de Oliveira Martins.

## Curso de Formação de Sargentos

Após a recepção ao titular da Pasta da Justiça, veio o Curso de Formação de Sargentos postar-se no pátio do Quartel, defronte às autoridades, ao comando do ten. Alírio Oliveira Brito, sendo, então, realizado:

- a) Leitura do Boletim da Diretoria de Instrução;
- b) Colocação das insígnias pelos presentes;
- c) Desfile e continência individual à Bandeira.

## Entrega de espadas e compromisso

Para êsse local, deslocou-se depois o grupamento de aspirantes para a solenidade de entrega de espadas pelas respectivas madrinhas, decorrendo magnificamente, ante a alegria contagiante dêsses futuros oficiais e de suas famílias.

A seguir, e sob a orientação do ten. cel. João Pereira da Cunha, formaram-se dois grupamentos, um de 2.<sup>os</sup> tenentes recém promovidos e aspirantes, ao comando do ten. Heitor de Abreu Soares, e outro de alunos do Curso de Formação de Oficiais, ao comando do ten. Moisés Wernecke, ambos para a tocante cerimônia de compromisso à Pátria, após o que desfilaram os compromitentes em continência ao Pavilhão Nacional.

## Entrega de Diplomas — Boletim do Comando — Fala o Ministro

No salão nobre da Corporação, realizou-se, a seguir, a cerimônia de entrega de diplomas, onde o cel. Montezuma teve oportunidade de ler seu Boletim, importante documento de orientação para os destinos da

Policia Militar, documento êsse que, por certo, marcará época nos fastos de sua história, tal a relevância do seu contexto.

Com efeito, ressalta expressiva e eloqüentemente a situação funcional da centenária Corporação da Capital Federal, pondo em evidência a necessidade por que passam essa instituição e congêneres, de integrem-se exclusivamente na função policial para a imprescindível eficiência.

Salientou que, ante a complexidade dos problemas militares da atualidade, exigindo a cada passo especialização técnica mais acurada, além dos mais variados meios materiais de execução, não seria plausível permanecer a Corporação com duplicidade de ação funcional, tanto mais se considerada a importância do seu emprego como tropa de retaguarda, em atividade na zona do interior.

A oração do cel. Nizo Montezuma, cujos conceitos merecem especial atenção de todos aquêles que se interessam pelo destino e eficiência das PP.MM., será objeto de publicação destacada e integral, no próximo número, uma vez que, por absoluta falta de espaço, não pudemos fazê-lo no presente.

Encerrando a solenidade, usou da palavra o sr. ministro da Justiça, que em magnífico improviso, externou sua satisfação em presidir, pela segunda vez, cerimônia daquela natureza na Corporação, fazendo a esta os mais expressivos elogios pela inabável disciplina e lealdade aos poderes constituídos, como sempre se tem havido.

A Policia Militar — disse — tem tradição, tem um passado honroso de que se orgulhar, e quando

se afirma que uma instituição, casa ou família tem tradição, vai nessa afirmativa a iniludível intenção de dizer-se que em tal instituição, casa ou família há valores morais que se conservam e permanecem inspirando os detentores desses valores.

Acrescentou que na reunião dos conselhos da Presidência da República, em discussões de determinados problemas a equacionar e resolver, o nome da Polícia Militar é geralmente lembrado com carinho.

Reconhece o titular da Pasta da Justiça que em face da compressão de despesas e que se viu forçado o Governo, não foi possível dar-se à Corporação os meios de que carece presentemente para melhor desempenho de sua espinhosa missão, mas espera que no exercício de 1952 seja a Polícia Militar atendida nalgumas de suas necessidades mais prementes, apontando como pioridade, na ordem de providências, aumento de vencimentos das praças, de forma que possam estar à altura do elevado padrão de vida da Capital Federal.

#### Oficiais que concluíram o C.A.O.

##### Da Corporação:

Capitães Antenor Cardoso da Cruz Filho, Manoel Ferreira Filho, Nicolme Pinto, Orlando da Fonseca, Idalberto Soares; e 1.ºs tens. Alcibíades Travasso Pena, João Coelho, e Arnulfo Gomes de Carvalho.

Da Polícia Militar do E. do Paraná:

Capitães Herculano Araújo Filho e Armando Oliveira Júnior; e 1.s tens. João Rodrigues da Silva Lapa e Reinaldo José Machado.

#### Diplomados pela Escola de Formação de Oficiais e promovidos

Depois de diplomados pela Escola de Formação de Oficiais, foram promovidos a aspirantes a oficial os seguintes sargentos: Alberto Caetano de Almeida, Cecílio Ferreira Mendes, Sidnei de Castro Palma, Dandolo Zuma, Miguel Ângelo da Cunha, Newton Borges da Silva, Armando de Castro Teixeira, Teodoro Rodrigues Gomes, José Tabosa de Almeida, Pedro da Silva, Osmar Gomes, Moacir José de Santana, Afrânio Faustino de Paula, Nilo Brasiel Vale, Damião L. Mota, Altamiro Borges da Silva, Hélio Santopietro, Ivo Ferreira Lima, João Holanda Cavalcanti, Geraldo José dos Santos e Alberto de Araújo Monteiro.

### MINAS GERAIS

Revestiram-se de excepcional brilhantismo as solenidades de conclusão dos Cursos do Departamento de Instrução da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais, cuja cerimônia principal constou da solene declaração de aspirante de 29 jovens que, agora, devidamente preparados, passam a fazer parte da oficialidade da gloriósa milícia. Pela sua formação moral e cívica, pela sua cultura técnica e profissional, e pelo seu aprimoramento, irão esses jovens contribuir, por certo, para o crescente desenvolvimento da briosa coirmã-mineira, constituindo a primeira turma formada dentro do novo regulamento que norteia as proficuas atividades do Departamento de Instrução.

O governador Jucelino Kubitschek foi o paraninfo da turma e em eloqüentes palavras afirmou que «a

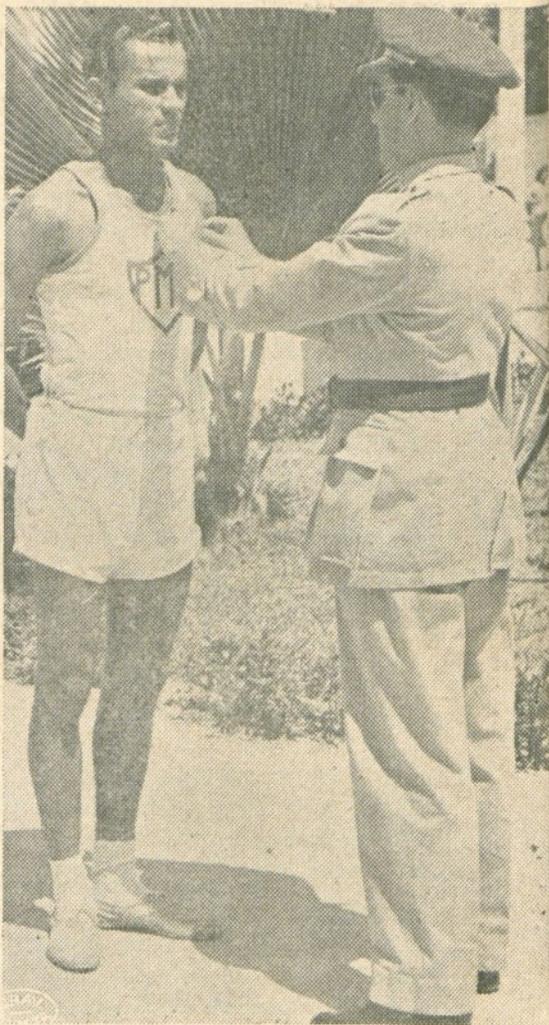
polícia militar de Minas têm a seu favor uma longa história de bravura, de galhardia e de civismo». Além de s. excia. estiveram presentes autoridades federais, estaduais, eclesiásticas e destacadas figuras do mundo social da jovem e bela Capital alterosa, destacando-se a presença do cel. Melquiades Libano Horta, Comandante Geral da Polícia Militar e os generais Nelson de Melo e Infício José Veríssimo, respectivamente sub-comandante da 4.ª D.I. e chefe do D.S.S.E.

Os aspirantes que constituíram essa turma foram os seguintes: Ari Brás Lopes, Antônio Soares da Cruz, Agolfo Gomes Soares, Benoni Koscky Pimenta, Cristino Martins da Silva, Carlos Augusto da Costa, Edmundo Seabra, Fernando Mendes, Fernando Vicente Calvo Ferreira, Helmar Mattos, Iedo Miranda, Izaias Lopes, José Gonçalves Moreira, José Lopes da Silva, José Andrade Drumond, José Aleixo da Silva, José Teodoro da Silva, José Abrantes de Souza, José Maria Santana, José Cernólio dos Santos, Jaime dos Santos, Joaquim Corrêa de Matos, Lúcio Pereira Caldas, Luiz Maria dos Santos, Osvalldo Martins, Sinval José de Amorim, Sebastião Domingues, Urano Nunes de Queirós e Vicente Gomes da Mota.

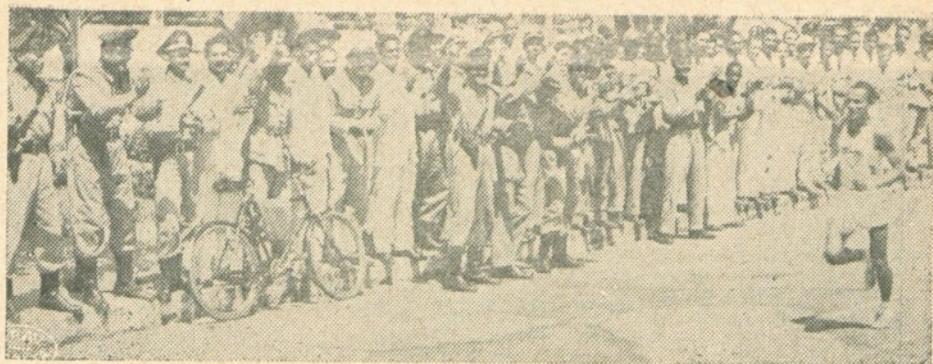
## PERNAMBUCO

A preliminar da corrida de São Silvestre disputada este ano nas ruas do Recife, foi, sem dúvida, a mais renhidamente disputada de quantas já se realizaram até hoje. Não só o número de concorrentes, mas principalmente a valor de vários deles, concorreu para que isso se verificas-

se. A prova foi vencida pelo cabo Dorgival de Moura, da Polícia Militar de Pernambuco, antigo atleta de fundo, já há algum tempo afastado das lides esportivas. O seu retorno foi deveras promissor, pois há pouco tempo conquistou um segundo lugar na



O vencedor da preliminar, cabo Dorgival Moura de Souza. (Gentileza de "A GAZETA")



Flagrante apanhado pela "GAZETA" em Recife dos concorrentes à prova preliminar da "São Silvestre".

prova «Marinha de Guerra Nacional» e finalmente sagrou-se vencedor da preliminar pernambucana que lhe assegurou o direito de representar o seu Estado na maior prova de pedestrianismo da América do Sul.

Os vinte e cinco primeiros colocados receberam vistosas medalhas.

Damos abaixo a relação dos primeiros corredores: 1.º — Dorgival Moura de Souza — P.M. de Pernambuco; 2.º — Manuel Nunes da Silva — Regimento Guararapes (14.º R.I.); 3.º — Manuel Ferreira de Lima — Vera Cruz Esporte Clube, de Caruaru; 4.º Francisco José Correa — P.M. de Pernambuco; 5.º — Antônio Felix Ferreira — P.M. de Pernambuco; 6.º — Severino José dos Santos — P.M. de Pernambuco; 7.º — José Alves Menezes — P.M. de Pernambuco; 8.º — Djalma de Souza Medeiros — P.M. de Pernambuco.

É bem significativo o resultado desta prova para a nossa co-irmã. Dos oito primeiros colocados, seis pertencem à Polícia Militar de Pernambuco. Isto demonstra o carinho com que é praticado o pedestrianismo en-

tre os nossos companheiros de Pernambuco.

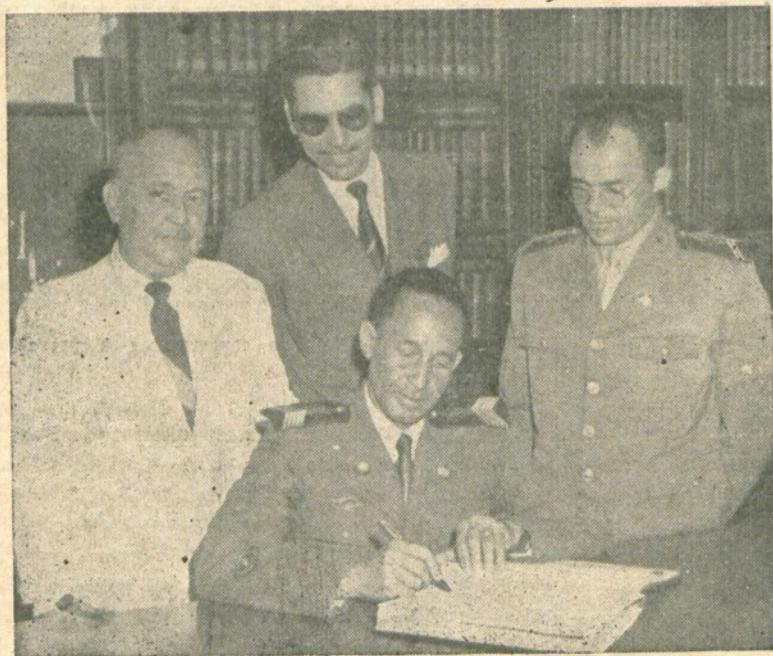
## RIO DE JANEIRO

### SEDE PRÓPRIA

O Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Estado do Rio construírá, em breve, sua séde própria, em terreno doado pelo Governador Amaral Peixoto. A diretoria que tem à frente o tenente coronel Jonatan Dezerto Bastos, compareceu à Procuradoria Geral do Estado, sendo assinada, pelo Presidente da entidade juntamente com o procurador Dario Aragão, a escritura do imóvel.

Ao ato, que despertou intensa satisfação no seio da tradicional Corporação Fluminense, compareceram o cap. João Batista Vieira, o 1.º ten. Manoel Ramos Barbosa Filho, 1.º tesoureiro do Clube de Oficiais, o tabelião do Cartório Lamego e pessoas gradas.

Está, portanto, de parabens o Clube dos Oficiais da Polícia Militar por receber dádiva tão significativa do Executivo Estadual e que vem ao encontro das aspirações de tôda a Corporação.



O ten. cel. Jonathan Dezerto Bastos, presidente do Clube dos Oficiais da P.M., assinando a escritura de posse do imóvel destinado à sede própria da entidade que preside.



Desfile das equipes femininas que disputaram o torneio interno.

O Clube, aliás, através de seus operosos diretores, vem realizando trabalho apreciável, não só pelo progresso e maior eficiência da classe, como, ainda incrementando a educação física através da prática dos desportos. Nota de realce foi a criação, recentemente levada a efeito, do Departamento Feminino da agremiação que se tem desdobrado em iniciativas úteis, quer no terreno desportivo e recreativo, quer no plano social, fortalecendo, por êsse meio, o intercâmbio e maior conagração entre as classes civil e militar.

### ATIVIDADES DO CLUBE

Realizou-se, em dezembro último um interessante torneio de voleibol, promovido pelo Departamento Feminino do Clube dos Oficiais, que contou com a presença do sr. cel. cmt. da Polícia Militar, professoras, oficiais e famílias, e várias pessoas gradas e com as representações dos Departamentos Femininos dos Colégios Brasil, Escola Aurelino Leal e Estréla Barra Clube, de Barra do Pirai, que aqui veio estreiar o seu novo uniforme e abrilhantar a bela festa desportiva.

Após o desfile das atletas, tendo à frente a banda de música da Polícia Militar, foi homenageada pela sra. ten. cel. Jonathan Dezerto Bastos, a sra. cel. Geraldo Lemos do Amaral, Presidente de Honra do Departamento mencionado, tendo agradecido com eloqüente improviso o sr. cel. cmt. Géral, Gerardo Lemos do Amaral.

Como sabemos, a educação física feminina constitue o primeiro capítulo de todo o aperfeiçoamento físico que é o alicerce sôbre o qual se baseia o revigoramento físico de uma raça. Des-

ta, nada se pode esperar quando a mulher não é preparada fisicamente para o cumprimento de sua elevada missão — a maternidade.

É baseada nisto, que o referido Clube, não se descuidando, resolveu incentivar por intermédio de seu Departamento Feminino o preparo físico de suas sócios, o qual já possui um conjunto aguerrido, que promete ser um dos grandes quadros desta Capital. O seu filial de Barra do Pirai, vem, de maneira extraordinária, praticando e incentivando o voleibol feminino da aludida cidade.

Realizada a pugna esportiva em que se sagrou campeã a equipe da Escola Aurelino Leal, o Departamento Feminino homenageou as estrélas do "Estréla Barra Clube", com um lauto almoço, seguido de um guaraná dansante, cuja animação excedeu à expectativa.

### RIO GRANDE DO NORTE

Passa, presentemente, por u'a fase de franca renovação a nossa co-irmã do Rio Grande do Norte. Temos a registrar com tôda satisfação o que de lá mandam nos dizer a respeito da transformação que se está operando de modo substancial na vida daquela corporação. Tudo indica que ela está caminhando a passos largos no sentido de, na sua categoria, nada deixar a desejar para o desempenho da missão comum, haja vista, não só o reaparelhamento material que vem de alcançar, mediante a renovação do seu material bélico e a aquisição de moderno e completo equipamento para a tropa, como também o amparo social que vem sendo dispensado aos seus servidores.

O cel. Luciano Veras Saldanha, levado para o respectivo comando geral,



Cel. Luciano Veras Saldanha, Cmt. geral da P.M.

pela mão do desafortunado governador Jerônimo Dix-Sept Rosado Maia, que pereceu no desastre aviatório de Aracajú, em julho do ano próximo passado tem revelado nas funções desse cargo um dinamismo admirável, capaz de tornar o seu comando como um dos mais fecundos possíveis. Na verdade s.s., contando de pronto com o amparo e boa vontade do eminente governador desaparecido, conseguiu, num "record" de tempo, realizar, por intermédio do Estado, a aquisição de vultosa cópia de material, já totalmente recebida, o que, inegavelmente, veio trazer sensível melhora ao nível de eficiência da corporação.

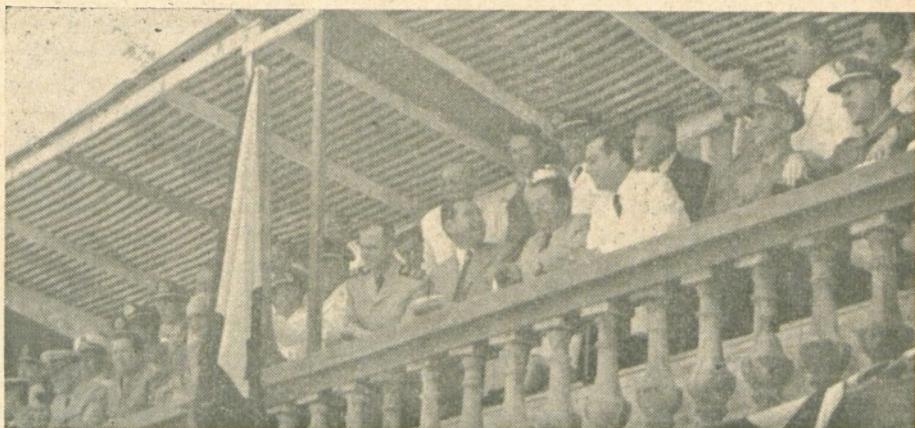
Por outro lado, tratou o comandante de promover o reajustamento financeiro dos seus comandados, empenhando-se nessa tarefa desde que fôra projetado o aumento de vencimentos re-

centemente concedido ao funcionalismo estadual, tendo então debatido pessoalmente com as autoridades civis a fixação das tabelas do pessoal da P.M., conseguindo-as, afinal, em bases razoavelmente justas. Providenciou também o estabelecimento de cantinas reembolsáveis que estão em franca atividade, a oferecer a todos inestimáveis vantagens nas suas vendas. Criara, outrossim, a Caixa de Economias e Assistência Social, um órgão interno que, pela sua natureza, se propõe a beneficiar grandemente a todos os componentes da corporação.

Outro ponto de destaque em tais realizações na P.M. do Rio Grande do Norte é o prosseguimento da construção do seu novo quartel, que, no julgamento autorizado do exmo. sr. gen. Fernando do Nascimento Fernandes Távora, comandante da Guarnição Militar de Natal, será uma linda caserna e, ao ser inaugurada brevemente, o maior, senão o melhor edifício público da capital potiguar.

Tudo isso conseguido em menos de um ano de administração, coloca evidentemente, em plano elevado, a ação do cel. Luciano Veras Saldanha, a qual, convém salientar, continua sendo bem compreendida e até mesmo estimulada pela bem intencionada direção que vem imprimindo aos negócios do Estado o atual governador Sílvio Piza Pedrosa.

Já a 10 de novembro do ano próximo findo, a corporação festejava, com uma bela demonstração de vitalidade, o seu 115.º aniversário de organização, festa que assinalou um acontecimento inédito na sua vida, sobretudo pela repercussão alcançada perante a sociedade natalense.



Um aspecto da assistência que compareceu ao velho quartel da Rua da Misericórdia para presenciar as comemorações do 115.º aniversário da Fôrça riograndense do norte.

Naquele ensejo compareceu ao velho quartel da rua da Misericórdia elevado número de pessoas gradas, destacando-se a presença de altas autoridades como os srs. governador do Estado, comandante da Guarnição Militar, que respondia pelo Comando da 7.a Região Militar, presidente do Tribunal de

Justiça e da Assembléia Legislativa Estadual, prefeito da Capital, demais secretários do Govêrno, comandantes e representações de todos os corpos de tropa sediados em Natal, bem assim os componentes da delegação enviada àquelas festas pela Polícia Militar da Paraíba, cel. Ivo da Fonseca Borges,



Pelotões de Fuzileiros executando números de ginástica músicada.

ten. cel. Edrisio Vilar, major José Asdrubal e cap. José Fialho, além de inúmeros outros convidados, e famílias.

Pela manhã daquele dia, depois da missa rezada em ação de graças pelo capelão da corporação, cônego Eugênio Sales, e da recepção às autoridades, tiveram lugar, no pátio externo do quartel, obedecendo o respectivo programa, diversas competições esportivas entre praças das sub-unidades do I B.I., alcançando tôdas o êxito desejado.

O ponto alto, porém, dessa parte das festividades foi a apresentação, por quatro pelotões de fuzileiros, de vários números de ginástica musicada, do que tiveram todos os presentes a mais lisonjeira impressão.

Em seguida foi inaugurada no interior do quartel uma bem instalada secção comercial e levada a efeito, no gabinete do Comando Geral, uma homenagem ao governador Sílvio Pedrosa sendo aí oferecida a s. excia., pelo cel. Luciano, u'a miniatura do estan-

darte da corporação, como reconhecimento à sua atitude no govêrno do Estado em relação à Polícia Militar que vem se sentindo apoiada em tôdas as iniciativas que visam mantê-la integrada no seu verdadeiro papel. Nessa ocasião também foram lidas, pelo cap. José Fialho, duas mensagens levadas pela delegação da milícia paraibana, de saudação à co-irmã aniversariante.

O Comando fêz então servir a todos farto coquetel.

À tarde desfilou perante o governador do Estado e demais autoridades, todo o contingente do I B.I. devidamente equipado, fazendo o Batalhão uma notável apresentação em público.

As festividades se estenderam até à noite, sendo encerradas com uma audição pela Banda de Música na Rádio Potí e com um jantar íntimo oferecido pelo comando e oficialidade aos oficiais paraibanos, transcorrendo o ágape num ambiente de estreita camaradagem e muita animação.



## Encerram-se... (Conclusão da pág. 72)

### Pessoal civil Fixo

Chefe do expediente 1; Protocolo, Fichário e Arquivo 2; Telefonistas 2; Relações com o público e distribuição 2; Datilógrafas 6; Motoristas 8; Fachineiro 1; Contínuo 1; Servente 1; Fotógrafo 1; Encarregados de Fiscalização de bares, restaurantes e similares 2.

Tais foram os resultados do trabalho levado a efeito pelos fiscais da extinta C.E.P., que as mais altas autoridades nacionais tiveram os seus olhares voltados para os apreciáveis serviços que poderão ser prestados pelos oficiais das PP.MM., nessa decisiva batalha contra o encarecimento do custo da vida. As-

sim é que lemos, jubilosos, as últimas notícias vindas do Rio de Janeiro, onde os nossos colegas foram convidados pelo sr. Benjamim Soares Cabello, para formarem na primeira linha do baluarte que defenderá a bolsa do povo carioca. Estamos certos que os nossos co-irmãos do Distrito, darão cumprimento integral à missão de que foram incumbidos. E o povo da maior cidade do Brasil, sentirá que não paga em vão os impostos, reclamados pelo govêrno, pois os seus policiais não se quedam nos quartéis, mas saem à rua, para defendê-lo contra os que desvirtuando as nobres finalidades do comércio, assaltam impunemente.

# Brilhante atuação dos oficiais brasileiros no pentatlo moderno realizado em Estocolmo



Flagrante, tomado no "Galeão", do embarque da representação brasileira, que se vê na escada de acesso do avião que a transportou.

Coube à Suécia, gloriosa terra de Pedro Ling e Breanting, organizar e promover o Pentatlo Militar Moderno de 1951. Estocolmo, a linda cidade do Báltico, a Veneza do Norte da Europa, como é denominada, com grande ufanía, pelos

escandinavos, recebeu representações de todo o mundo e as hospedou com a fidalguia característica da cultura nórdica.

Compareceu o Brasil ao magno certame, com adestrada e garrida representação do nosso Exército, integrada pelo capitão Tinoco Marques, campeão do recente Pan-americano de Buenos Aires, capitão Leal Medeiros, capitão Aloísio Borges e tenente Rocha Maia, este último da reserva. A chevia da delegação nacional foi confiada aos altos méritos do major Rui Duarte, cabendo a direção técnica ao capitão Sally, ambos esportistas de escol, e perfeitos conhecedores das lides pentatléticas.

Notável atuação desenvolveram os ilustres oficiais que receberam a missão de defender as cores desportivas do Brasil no Velho Mundo. Em confronto com os mais adestrados pentatletas de vários países, lograram colocações que muito dignificaram a cultura física brasileira e falam bem alto do grau de preparo físico-técnico do Exército Brasileiro. Vejamos as performances individuais

dos três melhores classificados da equipe nacional:

- Capitão Tinoco Marques
- Hipismo ..... 9.º lugar
  - Esgrima ..... 5.º lugar
  - Tiro ..... 13.º lugar
  - Natação ..... 5.º lugar
  - Country ..... 23.º lugar

Capitão Aloizio Alves Borges

- Hipismo ..... 16.º lugar
- Esgrima ..... 2.º lugar
- Tiro ..... 14.º lugar
- Natação ..... 6.º lugar
- Country ..... 14.º lugar

Na classificação geral, conquistou o capitão Tinoco Marques o 8.º



Equipe que participou do Panamericano do pentatlo moderno, em Buenos Aires: Brillhante, Aloisio Soly, Rui Duarte, Medeiros Llole inc. Tinoco Marques, o vencedor. Com exceção do primeiro os demais participaram do mundial de Stocolmo.

Capitão Eduardo Leal de Medeiros

- Hipismo ..... 8.º lugar
- Esgrima ..... 6.º lugar
- Tiro ..... 1.º lugar
- Natação ..... 2.º lugar
- Country ..... 21.º lugar

lugar, o capitão Leal de Medeiros o 5.º lugar e o capitão Aloisio Borges o 7.º.

Merecem os mais colorosos louvores os bravos atletas e brilhantes oficiais do Exército que tão di-

# Encerramento dos Cursos da Escola de Educação Física

No dia 14 de dezembro, às 9 horas, realizou-se, no histórico ginásio "cap. Delphin Balancier", a solenidade de encerramento dos cursos da Escola de Educação Física da Fôrça Pública.

Presidiu a cerimônia o ten. cel. dr. Erindo Salzano, vice-governador de São Paulo, e ex-professor do estabelecimento, onde lecionou, com brilho, por mais de dois lustros.

Os instantâneos abaixo focalizam dois aspectos das solenidades de encerramento dos cursos da E.E.F.. Em cima quando falava o ten. cel. José Hipólito Trigueirinho; em baixo, as diversas turmas que concluíram diferentes cursos.





O Comandante da E.E.F., professores e instrutores, despedindo-se do 1.º ten. Theseu Domingos Muniz, da P.M. de Santa Catarina, que concluiu o Curso de Educação Física.

O ginásio estava literalmente repleto por luzida assistência, notando-se a presença do vice-governador Erlindo Salzano que comparecia com as prerrogativas de seu alto cargo e como representante do sr. governador Lucas

Nogueira Garcez; do sr. Elpídio Reali, secretário da Segurança Pública, do sr. Cunha Lima, secretário do Trabalho, representantes dos comandos da 2.ª R.M. e da 4.ª Zona Aérea, representantes dos srs. secretários de Esta-



A turma de instrutores de educação física de 1951.



do, presidentes do Tribunal de Justiça Militar e do Tribunal de Contas, cel. Euryale de Jesus Zerbini, comandante geral da Fôrça Pública, acompanhado do D.G.I., cel. José Ribamar de Miranda, chefe do E.M., ten. cel. Luiz Gonzaga de Oliveira, comandantes das unidades da Capital, delegação da Polícia Militar do Distrito Federal, delegações de oficiais de todos os Corpos da Fôrça Pública, Major Silvio de Magalhães Padilha, diretor do D.D.E., cel. Arlindo Pinto Nunes, presidente da Federação Paulista de Atletismo, outros altos mentores esportivos, famílias e pessoas gradas.

Teve início a solenidade, com a leitura do Boletim Especial da Escola, alusivo à cerimônia, pelo ten. cel. José Hipólito Trigueirinho, seguindo-se a oração do representante dos diplomandos, 1º ten. Teseu Domingos Muniz, da Polícia Militar de Santa Catarina, que proferiu bela peça oratória e teceu um hino á Escola de Educação Física da Fôrça Pública. Após essa oração, foi dada a palavra ao Maj. dr. Armando Bergamini paraninfo dos recém-diplomados. O ilustre professor e chefe do Departamento de Medicina Especializada da nosso Escola, brindou a assistência com um formoso e erudito discurso, digno de um mestre do seu saber e da sua estatura mental.

Teve lugar, após as palmas que coroaram as palavras finais do paraninfo, a entrega de diplomas, feita pelas autoridades presentes, e a colocação dos distintivos de fisicultores no peito dos diplomandos, pelas respectivas madrinhas. Receberam prêmios culturais, correspondentes aos primeiros lugares nos cursos, o 2.º ten. João Viana Júnior, do B.G., no Curso de Instrutores de Educação Física; 1.º sgt. José Alberto Vieira Sobrinho, da E.E.F., no Curso

de Monitores de Esgrima; e 2.º sgt. Darcy dos Santos Guedes, no Curso de Monitores de Educação Física.

Encerrou a solenidade, com notável oração, o vice-governador Erlindo Zazano que louvou o trabalho da E.E.F., em cujo corpo docente militou por longos anos, teceu um hino à Fôrça Pública, onde declarou ter completado a sua formação, e para onde desejava regressar ao término das elevadas funções que ora exerce, extendendo-se, ainda, em outras considerações, em relação á cultura física, na qual é verdadeiro mestre. Calorosas palmas coroaram as últimas palavras do dr. Erlindo Salzano.

Foi servido, a seguir, um coquetel às autoridades e convidados que lotavam os amplos salões do ginásio "Delphin Balancier".

Os diplomados da Escola de Educação Física da Fôrça Pública foram:

#### *CURSO DE INSTRUTORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA*

1.º ten. Luiz Felipe Pessanha, do S.T.M.; 1.º ten. Antônio Silva, do B.P.; 1.º ten. Teseu Domingos Muniz, da P.M. de Santa Catarina; 1.º ten. José de Almeida Santos, do B.G.; 2.º ten. João Viana Junior, do B.G.; 2.º ten. Nelson Tranchesi, do B.P.; 2.º ten. Raul Humaitá Vila Nova, do R.C.; 2.º ten. Clóvis de Melo, do C.B.; 2.º ten. Jatir de Souza, do B.P.; e 2.º ten. Sinésio de Oliveira, do C.B..

#### *CURSO DE MONITORES ESPECIALIZADOS EM ESGRIMA*

1.º sgt. José Alberto Vieira Sobrinho, da E.E.F.; 2.º sgt. Thiers de Lima e Silva, do B.G.; 2.º sgt. Canuto de Souza Gandra, do R.C.. 2.º sgt. Mário José Vitoriano Filho, do B.T.A. e

civil Hugo Matos, do S.M.B. (aluno avinte).

### CURSO DE MONITORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

2.º sgt. Darcí dos Santos Guedes, do B.T.A.; 2.º sgt. Izodoque Carneiro de Albuquerque, do S.E.; 2.º sgt. Mário Macedo de Oliveira, do B.T.A.; 2.º sgt. Mário Gonçalves Bueno, do B.P.; e 2.º sgt. Diaulas Pereira dos Santos, do 4.º B.C..

Merece especial registro, a homenagem que a P.M. do Distrito Federal

prestou à Força Pública e à Escola de Educação Física, oferecendo duas lindas "corbeilles" de flôres. O chefe da prestação da milícia guanabarina, major Haroldo Fontenelle, do E.B., servindo em comissão naquela corporação, pronunciou formosa oração, exaltando a fraternidade policial-militar e fazendo a apologia da educação física. Esse gesto fidalgo da co-irmã carioca deu uma nota de excépcional realce à solenidade com que a tradicional Escola de Educação Física da Força Pública encerrou as suas atividades de 1951.

## Brilhante atuação...

(Continuação da pág. 92)



O Coronel Orlando Silva apresentando a taça disputada nos pentatlos dos anos 1926-27 e 30.

ganha do notável Guilherme Paransen. O mundo esportivo do Brasil acompanhou com interesse e entusiasmo a atuação dos nossos pentatletas e vibrou com suas arrancadas homéricas.

Não é possível esquecer nesta nota a figura inconfundível do coronel Orlando Silva, batalhador incansável pelo desenvolvimento dos pentatlos, entre a oficialidade do Exército. Sua obra vem de longe, do ano de 1921, naquela fase afanosa de preparativos para as lides desportiva do Centenário, e prossegue até nossos dias, sempre pontilhada de dedicação e entusiasmo. Deve o coronel Orlando Silva, sentir-se, a esta hora, orgulhoso desse resultado que é, em parte, fruto da sua obra de pioneiro.

gnamente representaram o Brasil, nas terras frias do Báltico. Devem eles ter sentido a mais viva emoção, a alma vibrar de contentamento, com o feito do capitão Leal de Medeiros, no tiro, fazendo a nossa Bandeira subir altaneira ao mastro da vitória, repetindo a brilhante fa-

«Militia» felicita o Exército Brasileiro, o seu Departamento de Esportes, o coronel Orlando Silva, e os jovens oficiais integrantes da nossa equipe pelo brilhante feito que virá aumentar os louros já conquistados, para a glória da educação física e dos desportos de nossa terra.

# Confraternização

## Policial-Militar

Como parte dos festejos comemorativos do 120.º aniversário da FORÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO, realizou-se o já tradicional torneio de confraternização com a co-irmã de DISTRITO FEDERAL, que cons-

Em cima: Após o improviso proferido pelo major Aroldo Fontenelle Bizerril, dois oficiais da P.M. do Distrito Federal oferecem uma corbeia de flores à Força Pública na pessoa do seu comandante, cel. Euryale de Jesus Zerbini.

Em Baixo: Entrega de prêmios aos melhores colocados



ta de dois jogos entre oficiais, sendo um de basquete e outro de voleibol.

A luzida delegação composta dos 1.º tens. Heitor de Abreu Soares, Newton Fernandes Dorna, 2.º tens. Alirio de Oliveira Brito, Ivan Ribeiro de Araujo Viana, Hernâni Carvalho Costa, Alberto dos Santos Duque Estrada Meyer, Francisco de Paula Ceciliano, Luiz Lopes Filho, Moysés Werneck, Ary Pereira Bacelar, Enyr Cony dos Santos, Abenante de Melo Souza e Asps. Ivo Ferreira Lima, Carlos Guimarães dos Santos e Sérgio Ferreira Secca, e chefiada pelo major Araldo Fontenelle Bizerril, do E.N., chefe do Departamento de Esportes da Polícia Militar, desembarcou em terras de Piratininga, onde permaneceu por uma semana, entre seus velhos camaradas da Milícia Bandeirante.

Mas, o que devemos salientar particularmente é a presença de mais três distintos oficiais daquela Polícia Militar, cap. Elmano Peres Moreira, 1.º ten. Arlindo de Almeida e asp. Alberto Caetano de Almeida, que, embora em gozo de férias, deixaram o conforto de seu lares ou de uma estação de veraneio, para virem prestigiar seus companheiros e confraternizar com os paulistas.

Os oficiais e praças da Fôrça Pública, sentem-se orgulhosos de poderem receber os camaradas de todos os Estados da União e conclamam os prezados amigos das co-irmãs para quando vierem a São Paulo, quer oficial ou particularmente, não deixarem de procurar os quartéis desta Corporação, que os acolherá carinhosamente.

O jôgo de basquete foi realizado na tarde de 13 de dezembro, tendo

as equipes se empenhado a fundo e com um equilíbrio que fazia delirar os assistentes. Finalmente, fazendo valer a sua melhor classe venceram os cariocas pelo escore de 45 x 44, que bem evidencia o calor da luta, embora os disputantes não perdessem a linha cavalheiresca característica dos bons desportistas.

A partida de voleibol, disputada na tarde de 14 de dezembro, teve também um desenrolar cheio de lances espetaculares, principalmente por parte dos cariocas, que fizeram defesas incríveis. Os paulistas fizeram predominar o seu entusiasmo, pois é um esporte que praticam há mais tempo e venceram por 2 x 0.

Durante a visita dos cariocas diversos oficiais foram designados para os acompanhar a passelos, cerimônias oficiais, etc. Finda a estada, homenagearam a Fôrça Pública na pessoa do 1.º ten. Antônio Silva, a quem ofereceram um mimo que salienta o enrijecimento cada vez maior dos laços que unem as tradicionais Milícias.

Assim, mais uma jornada de confraternização foi cumprida e esperamos a repetição de muitas outras pelos tempos em fóra.

#### Confraternização de sargentos

O Centro Social de Sargentos da Fôrça Pública promoveu uma homenagem à Corporação, pela passagem de seu 120.º aniversário e convidou a equipe de voleibol composta de sargentos do 2.º B.C.M. da P.M. do Estado de Minas Gerais. Chefiada pelo 2.º ten. Waldir Rosa Nazareth, daquela unidade, a brilhante delegação mineira chegou a São Paulo e conviveu alguns dias entre seus camaradas da milícia paulista.

(Continua na pg. 95)

# INAUGURADA

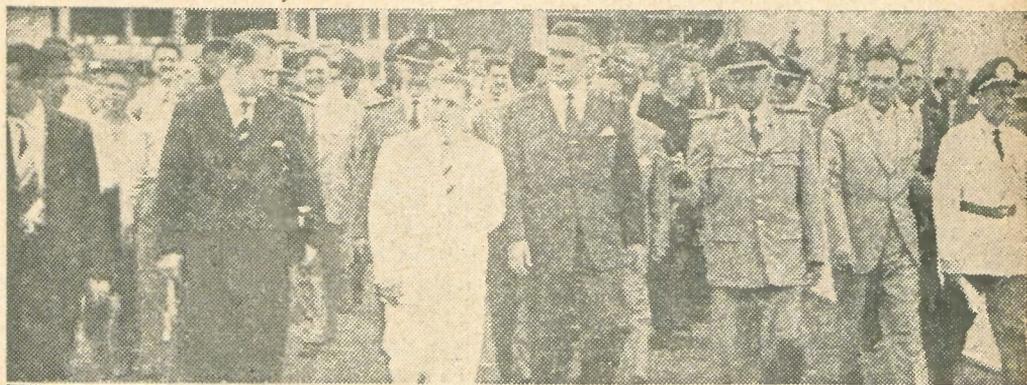
## A Praça de Esportes do 6.º B.C.

*Esteve presente o sr. Governador do Estado. Discursos pronunciados. Almoço no Hotel Martini.*

Acompanhado pelo sr. secretário da Segurança Pública, dr. Elpidio Reali, comandante geral da Fôrça Pública, cel. Euryale de Jesus Zerbini, e do dr. Portugal Gouveia, presidente da Comissão Central de

Compras do Estado, chegou a Santos no dia 23 de dezembro, s. excia. o senhor Governador de São Paulo, a fim de presidir a inauguração da praça de esportes do 6.º B.C. No quartel foi o governador paulista

Dois flagrantes das solenidades comemorativas da inauguração da Praça de Esportes do 6.º B.C.. Em cima, o sr. Governador Lucas Nogueira Garcez, ladoado pelo prefeito de Santos e pelo Comandante do Batalhão, dirige-se para a praça de esportes; em baixo, s. excia. quando falava, por ocasião do almoço que lhe foi oferecido.



ta recebido pelo ten. cel. Cícero Bueno Brandão, comandante da unidade. eng. Joaquim Alcaide Valls, prefeito de Santos; cel. Milton de Souza Laemon, comandante do Destacamento Misto Militar; comandante Américo Jaques Mascarenhas da Silveira, capitão dos portos; dr. Idílio José Soares, bispo diocesano; Quíneu Correa, diretor do Serviço do Caça e pesca; Laurindo Chaves, vereador à Câmara Municipal; Artur G. Parloe, decano do corpo consular; dr. Teixeira Pinto, delegado auxiliar de polícia de Santos; Francisco José da Nova, inspector chefe interino da Polícia Marítima; d. Marina Magalhães Santos Silva, presidente da Legião Brasileira de Assistência em Santos; prof. Luiz Damasco Pena, delegado regional do ensino; srs. Urbietta e Peralta, consules do Paraguai e da Argentina; cap. Limongi França, comandante da 1.ª C.I.B.; dr. Lincoln Feliciano, deputado estadual; general Pinto Pessoa; Rubens Ferreira Martins, deputado federal; dr. José Francisco Franco, delegado de Ordem Política e Social e inúmeras outras personalidades cujos nomes escaparam à reportagem de MILITIA.

#### Inauguração da Praça de Esportes

Depois de haver pasado em revista a tropa postada para a continencia regulamentar, o sr. Governador do Estado dirigiu-se para a praça de esportes dando a mesma por inaugurada. Nessa ocasião foi lido o boletim comemorativo pelo subcomandante do Batalhão, major Luiz de Cico. Na mesma oportunidade, pelo ten. cel. Bueno Brandão, foi a

praça, recém-inaugurada, oferecida à cidade de Santos, na pessoa do seu dinâmico prefeito, que recebeu das mãos do comandante do 6.º B.C., a chave simbólica do campo de lutas esportivas. ?

A praça de esportes do 6.º B.C. possui campo de futebol, pistas para corridas e esportes atléticos, quadras de bola ao cesto, de tênis, de voleibol, etc...

#### Palavras do Prefeito de Santos

Agradecendo o oferecimento do campo de esportes do 6.º B.C. à mocidade santista, assim falou o prefeito Joaquim Alcaide Valls:

«É com imensa satisfação e profundamente grato que, em nome do povo de Santos, recebo esta chave simbólica.

Representa ela uma dádiva impar para a juventude esportiva de nossa cidade, pois que, de ora avante, poderá praticar o atletismo e esportes nesta magnífica praça, que a iniciativa, a dedicação e o patriotismo do sr. cel. Cícero Bueno Brandão fizeram com que se efetivasse esta magnífica obra, à qual não faltaram o apóio decidido do exmo. snr. Governador do Estado, por intermédio do seu ilustre secretário da Viação, dr. Nilo Amaral, e do digno comandante geral da Força Pública, bem como a colaboração da nossa Prefeitura.

Sendo o sr. cel. comandante do 6.º B.C. um velho esportista, pois que foi um dos primeiros alunos do prof. Fritjof Deto, em 1928, quando o mesmo iniciava um curso de Educação Suéca em São Paulo, e tam-

bem ter sido membro da Missão Pedagógica Paulista, na reorganização da Educação Física no Estado de Goiás, em 1930, não poderíamos esperar outra coisa de s.s. senão esta magnífica obra, que vem coroar seu devotamento à Educação Física em nossa terra.

Esta realização do Comando do 6.º B.C. vem afirmar e confirmar mais uma vez a afinidade e a harmonia que sempre existiram entre a Força Pública do Estado e os poderes constituídos, da qual é a guardiã da propriedade e da família, a sentinela do direito e da lei, para a honra de nosso Estado e para o prestígio de nossa querida Pátria.

Acrescenta, pois, v.s. sr. cel. Cícero, mais um título na sua fôlha de serviços aos muitos já prestados ao seu Comando, cuja dedicação patriótica e espírito disciplinador, se refletem na corporação que tão superiormente dirige.

Santos está, pois, de parabens e também sua mocidade esportiva, em nome da qual apresento a v.s. os agradecimentos sinceros do Governo da cidade, tornando-os extensivos a todos aqueles que tão bem

compreenderam suas altas finalidades, e prestaram seu valioso concurso para a concretização deste notável empreendimento.

Terminando estas breves palavras, desejo manifestar o meu agradecimento todo particular ao exmo. sr. dr. Lucas Nogueira Garcez, eminente Governador do Estado, cuja presença, hoje, neste ambiente de festa esportiva muito nos honra, e que vem demonstrar o seu alto espírito de administrador, dando o necessário amparo para que se tornasse realidade o sonho de tantos jovens desportistas. Muito obrigado, pois».

As 13 horas, no Hotel Martini, o comando do 6.º B.C. ofereceu um almôço ao governador do Estado e autoridades santistas. A sobremesa discursaram o ten. cel Cícero Bueno Brandão, o dr. Alcaide Valls e o governador Lucas Nogueira Garcez que se congratulou com o comandante do 6.º B.C. pela obra inaugurada e com o povo santista pela valiosa cooperação que tem emprestado à consecução do programa de governo apresentado por ocasião da sua campanha eleitoral.

---

## Confraternização...

(Continuação da pág. 86)

O jôgo realizou-se a 14 de dezembro, após o dos oficiais da F.P. com os da P.M.D.F.. Foi uma bellissima disputa, na qual os contendores mostraram suas qualidades técnicas a par de uma fibra leonina. A melhor de cinco partidas durou cerca de 3 horas, vencendo a representação bandeirante por 3x2 com escassa diferença de pontos no «set» derradeiro. A equipe visitante, fazendo jus à fama que a procedeu, demonstrou grande classe e em preparo

físico excepcional, e os Campeões Brasileiros, em número de dois, que integram essa disciplinada turma bem merecem o título que ostentam.

Desejamos somente que esses bravos camaradas continuem a nos visitar mais a miúdo, porque aqui estamos sempre com o abraço amigo e prontos para os receber, pois o que temos não é da Força Pública nem de São Paulo, mas do grande Brasil, nossa querida Pátria.



Os quadros do 2.º B.C. (em pé) e do B.P. antes do prêmio.

# Olimpíada Anual

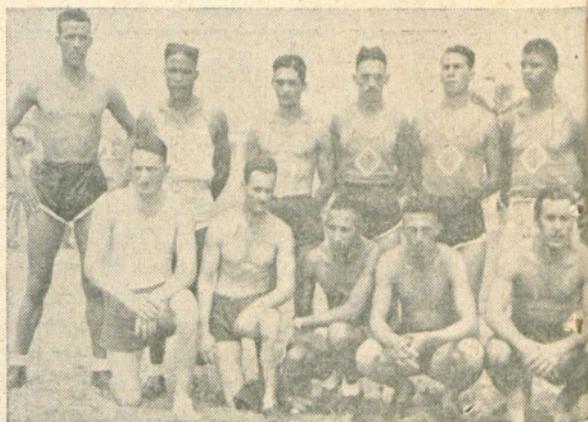
## Resultados finais \* “Prova Cabo Luiz Bento Ramos”

Dias de intensa vibração viveu o esporte militar de São Paulo, na primeira quinzena de novembro, com a Olimpíada da Fôrça Pública, certame que reuniu, no estádio da avenida Cruzeiro do Sul, da centenária Milícia, cerca de 500 atletas, de todos os postos da hierarquia militar, dos corpos da capital e das unidades sediadas no interior do Estado.

Previa o calendário da Olimpíada, pentatlos militar moderno e atlético, para oficiais; pentatlo clássico, para sargentos; esportes atléticos em geral, lutas e natação, para oficiais, sargentos, cabos e soldados; esgrima de florete, espada e sabre, para oficiais e sargentos; lançamento de granadas, esgrima de baioneta e futebol, para cabos e soldados. No dia 7 de novembro, às 8 horas, no estádio Cruzeiro do Sul, mais de quatro centenas de atletas formaram e desfilaram em continência ao Comandante Geral, cel. Euryale de Jesus Zerbini e altos chefes militares, ao som

de marchas militares, após terem proferido o juramento de «lutar com lealdade e cavalheirismo, na defesa das côres de suas unidades, para a grandeza do esporte da Fôrça Pública, para maior glória da educação física brasileira».

Quadros de basquete dos sargentos do B.P. (em pé) e do B.G..



De 7 a 14 de novembro, teve execução integral o calendário, em ambiente de entusiasmo e animação, com acentuado equilíbrio. Somente nos dois últimos dias é que a contagem começou a dilatar-se para as cores do Corpo de Bombeiros.

Foram os seguintes os resultados:—

### OFICIAIS

#### Pentatlo Militar Moderno:

1.º lugar, 1.º ten. Francisco A. Bianco Junior, do Q.G.; 2.º lugar, 2.º ten. Edgard Ruzzante, do R.C.; 3.º lugar, 2.º ten. Clóvis de Mélo, do C.B.

#### Pentatlo Atlético:

1.º lugar, 1.º ten. Roberto Silva de Carvalho, do 6.º B.C.; 2.º lugar, 2.º ten. João Bidin, do C.B.; 3.º lugar, 2.º ten. Sinésio de Oliveira, do C.B.

#### Lutas:

##### Categoria «A»

1.º lugar, 2.º ten. Brasília Broto, do C.B.; 2.º lugar, 2.º ten. Aldo Campanhã, do 6.º B.C..

##### Categoria «B»

1.º lugar, 1.º ten. Roldão Nogueira de Lima, do R.C.; 2.º lugar, aspirante Oswaldo de Oliveira Leite, do 7.º B.C.

#### 1.000 metros rasos:

1.º lugar, 2.º ten. João Bidin, do C.B.; 2.º lugar, 1.º ten. José de Almeida Santos, do B.G.

#### Natação:

1.º lugar, 2.º ten. João Viana Junior, do B.G.; 2.º lugar, capitão Antônio de Araujo, do B.G.



O homenageado entre os dois primeiros colocados na "Prova Cabo Luiz Bento Ramos"

#### Esgrima:

##### Florete:

1.º lugar, capitão Antônio de Araujo, do B.G.; 2.º lugar, capitão Adérito Augusto Ramos, do 7.º B.C.

##### Espada:

1.º lugar, capitão Antônio de Araujo, do B.G.; 2.º lugar, 1.º ten. Francisco A. Bianco Júnior, do Q.G.

##### Sabre:

1.º lugar, capitão Antônio de Araujo, do B.G.; 2.º lugar, 1.º ten. Francisco A. Bianco Júnior do Q.G.

### SARGENTOS

#### Pentatlo Clássico:

1.º lugar, 3.º sgt. Benedito Roberto Filho, do B.P.; 2.º lugar, 2.º sgt. Canuto de Souza Gandra, do R.C.; 3.º lugar, 1.º sgt. Euclides Tubero, do B.P.



O quadro do C.B., Campeão do torneio futebolístico da Fôrça Pública em 1951.

**Lutas:**

**Categoria «A»**

1.º lugar, 2.º sgt. Onofre Bonifácio, do B.-G.; 2.º lugar, sub-ten. Antônio Morgado, do 6.º B.C.

**Categoria «B»**

1.º lugar, 2.º sgt. Mário José Victoriano Filho, do 1.º B.C.; 2.º lugar, 2.º sgt. Lourenço Pereira Filho, do C.B.

**Revezamento de 4 x 100 metros:**

1.º lugar: — **EQUIPE DO B.G.**

2.º sgt. Thiers de Lima e Silva; 2.º sgt. Ramiro Silva Santos Junior; 2.º sgt. Mauro José de Souza e 2.º sgt. Joaquim Bezerra da Silva;

2.º lugar: — **EQUIPE DO B.P.**

2.º sgt. Luiz Aires de Oliveira; 2.º sgt. Mário Gonçalves

O vice-campeão, composto por elementos do S.M.B., tendo a direita o técnico cap. Rangel.



Bueno; 3.º sgt. Milton Silvério e  
3.º sgt. Sebastião Luiz Fonseca.

#### **Natação:**

1.º lugar, 1.º sgt. Daniel de Oliveira Leite, do C.B.; 2.º lugar, 3.º sgt. Heronildes Arcanjo Figueiredo, do C.B.

#### **Egrima:**

##### **Florete:**

1.º lugar, 2.º sgt. Canuto de Souza Gandra, do R.C.; 2.º lugar, 1.º sgt. Waldemar de Figueiredo, do B.G.

##### **Espada:**

1.º lugar, 1.º sgt. Antônio Joaquim Pereira, do Q.G.; 2.º lugar, 2.º sgt. Mário José Vitoriano Filho, do 1.º B.C.

##### **Sabre:**

1.º lugar, 2.º sgt. Canuto de Souza

Gandra, do R.C.; 2.º lugar, 2.º sgt. Mário José Vitoriano Filho, do 1.º B.C.

#### **Arremêso do Pêso**

1.º lugar, sub-tenente José Ricardo Rodrigues, do Q.G.; 2.º lugar, 3.º sgt. Manoel de Freitas, do R.C.

#### **«CABOS E SOLDADOS»**

##### **Arremêso de Granadas**

1.º lugar, sd. Francisco Gonçalves Neto, do 6.º B.C.; 2.º lugar, sd. Manoel Pereira da Silva, do Q.G.; 3.º lugar, sd. José Argemiro de Oliveira, do 4.º B.C.

##### **Egrima de Baloneta**

1.º lugar, sd. Francisco Gonçalves Neto, do 6.º B.C.; 2.º lugar, sd. José Meireles, do Q.G.; 3.º lugar, sd. Darci Vargas de Oliveira, do 5.º B.C.

O ten. cel. José H. Trigueirinho, cmt. da E. de Ed. Física, lendo o Boletim alusivo à solenidade.



### Revezamento de 10x100 mts.

1.º lugar: — EQUIPE DO 6.º B.C.; 2.º lugar: — EQUIPE DO 5.º B.C.

### 5.000 mts. «PROVA CABO LUIZ BENTO RAMOS»

1.º lugar, cabo Paulo Sebastião, do Q.G.; 2.º lugar, cabo Line Rosa Gaia, do Q.G.; 3.º lugar, sd. Aparício Pedro Costa, do 3.º B.C.; 4.º lugar, sd. Helder Meneghetti, do 3.º B.C.

### Futebol:

1.º lugar, EQUIPE DO C.B. — Campeã; 2.º lugar, EQUIPE DO S.M.B. — Vice-Campeã.

### Classificação Geral

Em 1.º lugar — Corpo de Bombeiros, com 33 pontos — Unidade Campeã; em 2.º lugar — Batalhão de Guardas, com 25,5 pontos vice-campeã; em 3.º lugar — 6.º Batalhão de Caçadores, com 21 pontos; em 4.º lugar — Quartel General, com 20,5 pontos.

Merecem citação especial o capitão Antônio de Araujo, do B.G., que venceu florete, espada e sabre e foi 2.º classificado em natação; o 2.º sgt. Canuto de Souza Gandra, do R.C., vencedor de florete e sabre e 2.º classificado no pentatlo clássico;

e o soldado Francisco Gonçalves Néto do 6.º B.C., vencedor do lançamento de granadas, esgrima de baioneta e do revezamento 10x100 metros.

Foi encerrada a Olimpíada em expressiva solenidade, no dia 15 de novembro, às 8 horas, no estádio da Escola. Presidiu a cerimônia o cel. Jesus Zerbini, estando ainda presentes o Diretor Geral de Instrução, cel. Ribamar Miranda, comandantes de corpo, esportistas e famílias. Foram proclamados os vencedores e entregues os prêmios e troféus conquistados em tão belos cotejos. Duas merecidas homenagens, uma ao veterano maratonista Luiz Bento Ramos estilista, campeão paulista, campeão brasileiro, campeão sul-americano, e a valorosa equipe de alunos-oficiais, vencedora do Campeonato de Voleibol de «A Gazeta Esportiva», e por nós publicada em outro local, constaram do programa da solenidade.

Notável, por todos os títulos, foi a jornada desportiva da Fôrça Pública, desta primeira quinzena de novembro. «Militia» acompanhou-a em seus mínimos detalhes e pode atestar o entusiasmo dos concorrentes, o espírito de cavalheirismo reinante e a impecável organização do certame.



*“Patriotismo não é verbalismo, é ação. Sê patriota, produzindo hoje mais do que ontem para o Brasil de amanhã”.*

# Gloriosa Carreira de Soldado e Esportista

Despediu-se, a 31 de dezembro último, da vida ativa de soldado e de esportista, após vinte e oito anos de ótimos serviços prestados nas fileiras da Fôrça Pública e nos campos esportivos, nacionais e estrangeiros, o veterano Bento Ramos.

A partir de 1923 tomou parte em todos os movimentos revolucionários nos quais a Fôrça Pública foi chamada a intervir, sempre se destacando como soldado valente e disciplinado, tendo mesmo, na revolução constitucionalista de 1932, conquistado a promoção ao posto de cabo, por ato de bravura. Não foi menos destacada sua atuação nas lides esportivas, onde conquistou duzentas e trinta e duas medalhas e dois troféus, em competições nacionais e no exterior, elevando dessa maneira, não apenas o nome da Corporação, mas de São Paulo e do Brasil. Foi por isso, que o vencedor de várias corridas de «São Silvestre», «da Fogueira», «da Chama Militar», o nos-



O sargento Bento Ramos entre a Bandeira Nacional e o estandarte da Escola de Educação Física.



O veterano e heróico Luiz Bento Ramos, com o peito coberto de medalhas, ladoado pelos cel. Zerbini e Hpólito Trigueirinho, comandantes da F.P. e da E.E.F.



Bento Ramos sendo saudado pelo sr. Erlindo Zalzano, vice governador do Estado e ex-professor da E.E.F.. Em baixo, o grande pedestrianista agradecendo em singelas e comoventes palavras.

so representante nos Campeonatos Sulamericanos de Atletismo, em Lima, no Perú, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, recebeu tantas provas de carinho e de amizade, dos seus superiores, colegas e subordinados, no dia em que foi atingido pela reforma compulsória, por ter com-

pletado 50 anos de idade. A imprensa esportiva de São Paulo assinalou, com relêvo, o acontecimento e MILITIA sente-se prazerosa ao transcrever em suas páginas o que publicou em 21-IX-51 o popular jornal dos esportes em São Paulo, «A Gazeta Esportiva»:



Oficiais, sergentos e praças da E.E.F., tendo ao centro o companheiro prestes a passar para a reserva, posam para MILITIA, em mais uma prova de amizade e apreço, a quem, na Corporação e no setor esportivo, teve vida exemplar.

*Em nossas edições de 15, última página e 16, pag. 9, referimo-nos às justas homenagens que a Fôrça Pública prestou, no estádio da sua Escola de Educação Física, ao cabo Luiz Bento Ramos, que tão alto elevou o nome esportivo brasileiro até no estrangeiro e que agora, após mais de 28 anos de bons*

*serviços ao Estado, vai deixar, por reforma, as fileiras da nossa gloriosa milícia.*

*Na solenidade, que contou com a presença do coronel Euryale de Jesus Zerbini, comandante geral, comandantes de corpo e chefes de serviço, oficiais esportistas, delegações de sargen-*

Dando o tiro de partida da "Prova Cabo Luiz Bento Ramos"



tos, cabos e da "A GAZETA ESPORTIVA", o cabo Bento Ramos recebeu o mimo, que a Fôrça Pública lhe ofertou, das mãos do cel. Zerbini, mimo por êle próprio escolhido — um relógio "Cuco".

Na custosa lembrança, o Comandante Geral mandou inscrever um cartão de prata com os dizeres: "Ao Cabo Bento Ramos, glória do pedestrianismo pátrio, homenagem agradecida da Fôrça Pública. São Paulo, 15-XI-1951.

Ao recebê-lo, todos os presentes cobriram o momento com calorosa salva de palmas, que valeu por uma consagração; e o velho Bento Ramos, visivelmente comovido, só pôde dizer ao seu comandante:

— "Não sei como lhe agradecer, meu comandante".

Quando foram chamados os atletas da Fôrça, vencedores da "Prova Cabo Bento Ramos", de 5.000 metros, para receber seus prêmios, o cel. Zerbini chamou o velho Bento Ramos e disse-lhe:

— "A você, Bento Ramos, como patrono da prova, dou a incumbência de entregar todos os prêmios"; e passou-os às mãos do velho herói.

Após entregá-los aos vencedores, colegas seus e subordinados, Bento Ramos teve um belo gesto de nobreza esportiva: pedindo prévia licença ao seu comandante, retirou do seu peito 6 das 60 medalhas que nele trazia, obtidas em

pelejas memoráveis, e entregou-as aos 6 melhores colocados na referida prova, dizendo-lhes:

— Lembrem-se sempre, ao correr, como eu me lembrava, do Brasil".

Após o desfile final, Bento Ramos foi cumprimentado pelos seus superiores oficiais e sargentos, e pelos cabos e soldados, ali presentes.

Ainda no dia 14, antes de dar o tiro de partida na sua prova, Bento Ramos dirigiu breves palavras aos corredores, das quais destacamos as finais: "O corredor nunca desiste da prova, o que é uma vergonha; êle vai até o final, ainda que seja para chegar em último lugar".

Na manhã de 16, quando estivemos naquele estádio, vimos Bento Ramos correndo na pista, treinando com Luiz Gonzaga e Laudionor Rodrigues, sob o sol escaldante daquela manhã.

Não pudemos resistir. Fizemo-lo parar e apertamos-lhe a mão, num cumprimento amigo e entusiástico.

Convencemo-nos do acêrto do título que demos à primeira notícia dessas homenagens, na última página da edição de 15: "Um exemplo de esportista e soldado". Bento Ramos, até na hora de deixar a atividade, por completar 50 anos de idade, não é "velho". é moço, de rija fibra, a dar exemplo aos esportistas jovens, exemplo sempre vivo na memória de todos, pela lembrança inesquecível de seus feitos".

— :: —

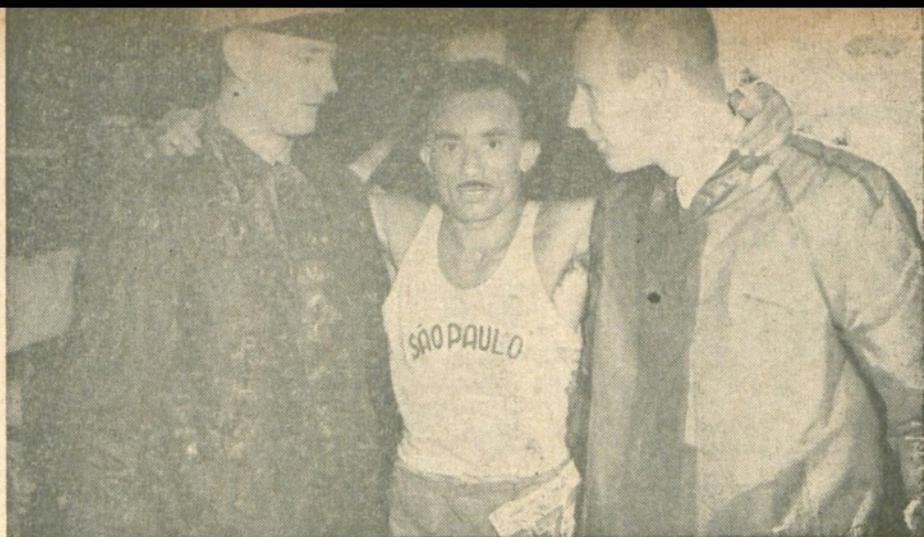
### VONTADE DE RECLAMAR

Um quotista do amazem Reembolsável procura o diretor-gerente e diz-lhe, em tom de reclamação:

— Há muitos artigos de primeira necessidade que o senhor não tem à venda.

— Por exemplo?

— Bem..., não me lembro agora!



# São Silvestre

## A MAIOR PROVA DE PEDESTRIANISMO DO MUNDO

Salve o herói brasileiro da São-Silvestre!

Luiz Gonzaga Rodrigues, soldado da Força Pública, competindo pelo Estréla de Oliveira", e selecionado pela Federação Paulista de Atletismo, para representar o nosso Estado, teve brilhante atuação de todos conhecida. No clichê está ladoado pelo ten. Fernando Thiele de Figueiredo, seu treinador, e por um reporter de "A GAZETA".

Os cinco primeiros colocados no pedestal da glória.

- 1.º — Alemanha
- 2.º — Luiz Gonzaga Rodrigues
- 3.º — Iugoslávia
- 4.º — Chile
- 5.º — Iugoslávia



# TIRO AO ALVO

## O que foi o IV Campeonato Brasileiro realizado em Pôrto Alegre



Sob os auspícios da Federação Sul Riograndense de Caça e Tiro realizou-se, em Pôrto Alegre, nos dias 10 a 18 de novembro último, o IV Campeonato Brasileiro de Tiro ao Alvo, cujas provas foram presididas pela Confederação Brasileira na pessoa dos preclaros amigos do tiro, dr. Antônio Guimarães e Cesar Torraca, respectivamente vice-presidente e secretário da C.B.T.A.

Sagrou-se campeã de 1951 a Federação Metropolitana e vice-campeã a Federação Paulista, classificando-se, a seguir, as Federações Sul Riograndense, Paranaense, Fluminense e Mineira.

Foram os seguintes os resultados individuais, pelos quaes podemos apreciar o progresso que vêm obtendo os nossos atiradores:

**1.ª Prova:— Pistola livre — 60 tiros a 50 metros.**

1.º Amaury Rocha, Distrito Federal, 525; 2.º Silvino Ferreira, Distrito Federal, 525; 3.º Evandro Guimarães, Distrito Federal, 523; 4.º Ademar Faller, Rio Grande do Sul, 516; 5.º Pedro Simão, São Paulo, 516; 6.º Harvey Villela, Distrito Federal, 515; 7.º João Conrado, Wolf, Rio Grande do Sul, 513; 8.º Rubens Teixeira Branco, São Paulo, 509; 9.º Carlos Cyrilo, São Paulo, 509; 10.º Vicente Brito, Paraná, 509; 11.º Jorge Mesquita de Oliveira, São Paulo, 508; 12.º Geraldo Dente Neves, São Paulo, 507; 13.º Milton Gomes da Silva, Rio Grande do Sul, 503; 14.º Hermano Wolf, Rio Grande do Sul,



Milton Sobocinski, campeão individual de carabina

A equipe paulista  
campeã brasileira  
da prova de cara-  
bina.



496; 15.º Luiz Renó, Minas Gerais, 492; 16.º João B. de Andrade, Rio Grande do Sul, 491; 17.º João Sales Filho, Minas Gerais, 490; 18.º Eugênio Amaral, Paraná, 490, 19.º Alan Sobocinski, São Paulo, 478; 20.º Roberto Cabral, Estado do Rio, 476; 21.º Luiz Novaes, Distrito Federal, 472; 22.º Guilherme Cavalcanti, Distrito Federal, 471; 23.º Carlos Amorety Osório, Paraná, 365.

**2.a Prova:— Carabina — Deitado  
50 100 metros.**

1.º Milton Sobocinski, São Paulo, 584; 2.º Luiz Novais, Distrito Federal, 582; 3.º Alberto P. Braga, São Paulo, 581; 4.º Matias Knobel, Estado do Rio, 580; 5.º Harvey Villela, Distrito Federal, 580; 6.º Luiz Artigas Martins, São Paulo, 580; 7.º João Sobocinski, São Paulo, 579; 8.º Severino Moreira, São Paulo, 577; 9.º Antônio Guimarães, Distrito Federal, 574; 10.º João F. Bizzoto, Estado do Rio, 573; 11.º Cesar Torraca, Distrito Federal, 572; 12.º Alan Sobocinski, São Paulo, 571; 13.º Ar-

thur Wolf Filho, Rio Grande do Sul, 570; 14.º Evandro Guimarães, Distrito Federal, 570; 15.º Roberto Cabral, Estado do Rio, 568; 16.º Fernando Bizoto, Estado do Rio, 568; 17.º Frederico Sichel, Estado do Rio, 566; 18.º Antônio Gusmã, São Paulo, 562; 19.º Gildo Russowsky, R.G. do Sul, 560; 20.º Evory Schimit, R.G. do Sul, 549; 21.º Roberto H. Cabral, Estado do Rio, 545; 22.º Vicente Brito, Paraná, 538; 23.º Carlos Amorety Osó-Paraná, 531; 24.º Eugênio C. do Amaral, Paraná, 501.

**3.a Prova:— Revólver — 60 tiros a  
50 metros.**

1.º João Conrado Wolf, R. G. do Sul, 511; 3.º Carlos Cyrilo, São Paulo, 506; 4.º Milton G. da Silva, R. G. Sul, 518; 2.º Ademar Faller, R. G. do Sul, 503; 5.º Pedro Simão, São Paulo, 503; 6.º Luiz Novaes, Distrito Federal, 502; 7.º Cláudio Thibau, Distrito Federal, 498; 8.º Geraldo Dente Neves, São Paulo, 495; 9.º Amaury Rocha, Distrito Federal, 495; 10.º Jorge M. Oliveira, São Paulo, 495; 11.º Rubens T. Branco, São

Paulo, 495; 12.º Vicente Brito, Paraná, 495; 13.º Fritz Eisenlohr, Distrito Federal, 494; 14.º Guilherme Cavalcanti, Distrito Federal, 493; 15.º Alan Sobocinski, São Paulo, 493; 16.º Evandro Guimarães, Distrito Federal, 491; 17.º Silvino Ferreira, Distrito Federal, 488; 18.º Harvey Villela, Distrito Federal, 481; 19.º João B. de Andrade, R. G. do Sul, 481; 20.º Hermano Wolf, R. G. do Sul, 479; 21.º Theodoro Spitzer, R. G. do Sul, 478; 22.º Luiz Renó, Minas Gerais, 475; 23.º João Sales Filho, Minas Gerais, 457; 24.º Ary Carlos Silva, Minas Gerais, 438; 2.º Eugênio Amaral, Paraná, 435; 26.º Roberto Cabral, Rio de Janeiro, 424; 27.º Carlos Amorety Osório, Paraná, 402.

**4.ª Prova: Carabina — 3 X 40 — 50 Metros.**

1.º Milton Sobocinski, São Paulo, 1112; 2.º Harvey Villela, Distrito Federal, 1098; 3.º Alberto P. Braga, São Paulo, 1096; 4.º Severino Moreira, São Paulo, 1095; 5.º Alan Sobocinski, São Paulo, 1091; 6.º Antônio Guimarães, Distrito Federal, 1090; 7.º Evandro Guimarães, Distrito Federal, 1090; 8.º João Sobocinski, São Paulo, 1083; 9.º Luiz Novaes, Distrito Federal, 1075; 1.º Antônio Guzman, São Paulo, 1073; 11.º Flávio Nascimento, 1073; 12.º Arthur Wolf Filho, R. G. do Sul, 1056; 13.º Cesar Torraca, Distrito Federal, 1031; 14.º Gildo Rossowsky R. G. do Sul, 1030; 15.º Fernando Bizzotto, Estado do Rio, 1019; 16.º Luiz A. Martins, São Paulo, 1004; 17.º Evory Schimit R. G. do Sul, 990; 18.º Roberto Cabral, Estado do Rio, 988; 19.º Ary C. Silva, Minas Gerais, 987; 20.º João Bizzotto, Estado do Rio,

965; 21.º Eugenio Amaral, Paraná, 958; 22.º Matias Knovel, Estado do Rio, 937; 23.º Frederico Sichel, Estado do Rio, 937; 24.º Vicente Brito, Paraná, 934; 25.º Carlos A. Osório, Paraná, 854; 26.º Roberto H. Cabral, Estado do Rio, 818.

**5.ª Prova: Tiro Rápido às silhuetas — 25 metros.**

1.º Guilherme Cavalcanti, Distrito Federal, 60-556; 2.º Luiz Novaes, Distrito Federal, 60-553; 3.º Alan Sobocinski, São Paulo, 60-553; 4.º Geraldo Dente Neves, São Paulo, 60-550; 5.º Ademar Faller, R. G. do Sul, 60-550; 6.º Silvino Ferreira, Distrito Federal, 60-547; 7.º João L. Viero, R. G. do Sul, 60-545; 8.º João C. Wolf, R. G. do Sul, 60-544; 9.º Amaury da C. Rocha, Distrito Federal, 60-542; 10.º Milton Sobocinski, São Paulo, 60-539; 11.º Luiz Renó, Minas Gerais, 60-538; 12.º Rubens Teixeira Branco, São Paulo, 60-535; 13.º Jorge Mesquita de Oliveira, São Paulo, 60-528; 14.º Vicente Brito, Paraná, 60-527; 15.º Natalino Mastrofrancisco, São Paulo, 60-512; 16.º Ary Carlos da Silva, Minas Gerais, 60-512; 17.º Fritz D. Eisenlohr, Distrito Federal, 59-534; 18.º Eugenio C. do Amaral, Paraná, 59-525; 19.º Aureliano S. Gomes, R. G. do Sul, 59-525; 2.º Theodoro Spitzer, R.G. do Sul, 59-522; 21.º Flávio Nascimento, Distrito Federal, 59-507; 22.º Léo Wolf, R. G. do Sul, 59-499; 23.º Cláudio Thibau, Distrito Federal, 58-525; 24.º Hermano Wolf, R. G. do Sul, 58-514; 25.º Harvey Villela, Distrito Federal, 58-509; 26.º João Salles Filho, Minas Gerais, 58-488; 27.º Pedro Simão, São Paulo, 56-518; 28.º Roberto Cabral, Estado do Rio, 53-452; 29.º Paulo Porto Pires, R.

G. do Sul, 29-247; 30. Carlos Amorety Osório, Paraná, 25-168;.

6.º Prova: Fuzil de Guerra — 3 X 20 — 300 metros.

1.º Armando Braga, São Paulo, 479; 2.º Harvey Villela, Rio de Janeiro, 479; 3.º Romeu de Almeida, R.G. do Sul, 465; 4.º Arthur Wolf Filho, R. G. do Sul, 463; 5.º Luiz Novaes, Rio de Janeiro, 448; 6.º Evandro Guimarães, Rio de Janeiro, 441; 7.º Severino Moreira, São Paulo, 437; 8.º João Sobocinski, São Paulo, 436; 9.º

midt, R.G. do Sul, 384; 17.º Vicente Brito, Paraná, 345; 18.º Carlos Amorety Osório, Paraná, 325; 19.º Eugênio C. do Amaral, Paraná, 303; 20.º Fernando Bizzotto, Estado do Rio, 283; 21.º Roberto Cabral, Estado do Rio, 280; 22.º Roberto Haroldo Cabral, Estado do Rio, 236; 23.º Matias Knobel, Estado do Rio, 222; 24.º João Bizzotto, Estado do Rio, 107.

Observações:— O resultado de 479 de Armando Braga constitui novo recorde Paulista.

O resultado dos 5 paulistas de 2.202, é o novo recorde Brasileiro por equipe.

—//—

Delegações de seis Estados compareceram a êsse certame embora alguns com número reduzido de atiradores, ultrapassando as expectativas da entidade organizadora, pois suas instalações foram preparadas não para tão elevado número de concorrentes.

Gildo F. Russowski, presidente da F.S.C.F., com seu dinamismo flagrante e espírito empreendedor, tudo fez para que fôsem coroadas de êxito essas realizações, o qual contou com o apóio eficiente e extraordinário do Comando da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, podendo-se mesmo dizer que foi a Brigada Gaúcha que, com seus entusiastas oficiais e devotadas praças, levou a bom termo êste Campeonato Brasileiro de Tiro ao Alvo.

Após a primeira prova, a Federação Metropolitana liderava o cam-



Três dos integrantes da equipe paulista de pistola livre, vice-campeã brasileira. Da esquerda para a direita: cap. Jorge Mesquita de Oliveira, Carlos Cyrilo, e Pedro Simão.

Flávio Nascimento, Rio de Janeiro, 435; 1.º Milton Sobocinski, São Paulo, 435; 11.º João Conrado Wolf, R.G. do Sul, 431; 12.º Hermano Wolf, R. G. do Sul, 421; 13.º Guilherme Cavalcanti, Rio de Janeiro, 415; 14.º Alan Sobocinski, São Paulo 415; 15.º Amauri da Costa Rocha, Rio de Janeiro 391; 16.º Evory Schi-

peonato e depois da terceira disputa, com a vitória dos Gaúchos, passou a Federação Paulista à vanguarda, nessa situação permanecendo até o final, quando em pelêja não havida igual, em fuzil de guerra, as três delegações são candidatas ao primeiro lugar. Surpreendente foi o desfêcho, levando a melhor a Metropolitana, ficando a 19 pontos da Federação Rio Grandense que por sua vez distanciou-se de oito pontos da Federação Paulista, o que motivou comentários da Folha da Tarde de Pôrto Alegre, nos seguintes termos:

«Foi assim uma pelêja duríssima e nunca um resultado tão satisfatório foi conseguido no estande da Brigada Militar».

Justa e brilhante foi a vitória alcançada pela selecionada equipe carioca. Em absoluto pretendemos diminuir o valor incontesteste dêste feito que marcará época na história do tiro ao alvo, mas necessário se torna esclarecer que, não para justificar a nossa atuação nem para lamuriar-se de uma derrota bem sofrida, não fôra o desastre ocorrido na prova de silhuetas com a arma de um dos nossos atiradores — grande e extraordinário atirador nacional — não fôra os três «Zeros» infelizes, na prova de fuzil de guerra, feitos pela nossa equipe, teríamos tido a feliz oportunidade de suplantarmos os adversários na contagem de pontos.

Não menos imprevista foi a perda da prova de revólver pela equipe carioca, favorita em todo os tempos, bela conquista da turma gaúcha, que soube impôr soberbamente a sua vontade. Com Conrado Wolf o Rio Grande do Sul marcou um momento

empolgante do Campeonato, mudando completamente a situação havida nas duas primeiras provas.

Sob o ponto de vista técnico podemos considerar bons os resultados obtidos, os quais poderiam ter sido melhores caso o tempo tivesse ajudado pois a chuva torrencial e o vento constante muito influíram para que não fôssem melhorados os recordes brasileiros.

O progresso do tiro em nosso País bem pode ser apreciado pelos seguintes dados obtidos no trabalho de Gildo Russowski (publicado na Folha da Tarde de 24-XI-51 — Pôrto Alegre):

**Carabina — 50-100 metros:**— A equipe brasileira obteve no Campeonato do Mundo 2901 pontos (7.º lugar), no Panamericano 2.896 (3.º lugar) e agora 2.907, o que nos teria dado, respectivamente, o 6.º e o 2.º lugar naquelas disputas.

**Carabina — 3 x 40:**— No Campeonato do Mundo obtivemos 5.480 pontos, no Panamericano 5.339 e neste Campeonato nossos cinco primeiros atiradores somaram 5.492 pontos.

**Pistola livre:**— No Campeonato do Mundo somamos 2.537 (7.º lugar) no Panamericano 2.572 pontos (4.º lugar) e neste Campeonato fizemos um total de 2.604 pontos, o que nos daria um 5.º lugar no Mundial, acima do Chile que conseguiu 2.583.

**Silhuetas olímpicas:**— No Mundial somamos 234 - 2.105 (5.º lugar), no Panamericano 239 - 2.166 (vice-campeã) e neste Campeonato os nossos quatro primeiros homens somaram 240 - 2.212, o que nos daria o 1.º lugar no Mundial pois perdemos para a Argentina por três pontos.

Da Delegação Paulista que compareceu ao IV Campeonato Brasileiro de Tiro ao Alvo todos obtiveram resultados assás compensadores, sendo, entretanto, dever ressaltar os atiradores Armando Braga e Milton Sobocinski que galhardamente venceram respectivamente as provas de fuzil de Guerra e Carabina.

O resultado de Armando Braga, em Fuzil de Guerra é recorde Paulista, melhorado de 35 pontos, e o resultado dos nossos cinco atiradores constitui novo recorde Brasileiro, por equipe, com 2.202 pontos.

O resultado de Milton Sobocinski em carabina 3x40, com 1.112 pontos é recorde paulista, melhorado de três pontos, avizinhandose do brasileiro que pertence a Harvey Villela, com 1.116 pontos obtidos no Campeonato em Buenos Aires em 9-XI-1949, e na posição em pé Milton Sobocinski conseguiu 360 pontos, que passam a constituir recorde Paulista e Brasileiro.

Nosso País não tem apresentado equipe de atiradores de fuzil em provas internacionais mas podemos antever o surgir de nova fase na atividade dessa modalidade de tiro pois Armando Braga e Harvey Villela conseguiram 479 pontos e outros dois conseguiram 465 e 463 pontos o que nos faz crer que nas próximas competições do Campeonato Mundial, a ser realizado em Oslo, no mês de Julho próximo, poderemos apresentar equipe, pelo menos para trazer ensinamentos novos, sempre valiosos e tão necessários para aquêles que principiam a atirar.

O exmo. sr. ministro da Guerra — gen. Newton Estilac Leal, aca-



Armando Braga, com 479 pontos, sagrou-se bi-campeão brasileiro de fuzil de Guerra.

ba de autorizar em aviso ministerial (769, de 8-XII-51), o empréstimo de fuzis e cessão de munição para exercícios de tiro ao alvo aos Clubes devidamente organizados, medida esta confortadora e que é o primeiro passo que vem de encontro aos desejos de nossas federações amadoras, pois só assim, ATIRANDO, é que poderemos fazer bons atiradores, futuros campeões e lídimos representantes do nosso País em provas internacionais de Tiro ao Alvo.

(Continua na pág. 114)

# Sociedade Hípica de Campinas

Plínio D. Monteiro

Comemorando a data de sua fundação, no dia 9 de dezembro, a Sociedade Hípica de Campinas, ofereceu à sociedade local uma festa hípica constando de duas provas, com os nomes de dois incansáveis batalhadores dessa modalidade de esporte: — os coronéis Cândido Bravo, da Força Pública do Estado, e vice-presidente da Federação Paulista de Hipismo, e Carlos Mena Barreo, do Exército Brasileiro.

Tiveram início as provas às 9 horas, com o concurso de exímios cavaleiros da Terra das Andorinhas, do 17.º R.C. de Piraçununga, e do Regimento de Cavalaria da Força Pública, e terminavam às 12 horas com o resultado que abaixo se segue:

## Prova Cel. Cândido Bravo — Classe «A»

1.ª Colocação: 2.º ten. Augusto dos Santos Cordeiro, da F.P., conduzindo «Guri»;

2.ª — dr. Luiz Gasparetti, da S.H.C., montando «Bico Branco»;

3.ª — dr. Guilherme P. Camargo, da S.H.C., sobre «Soberano»;

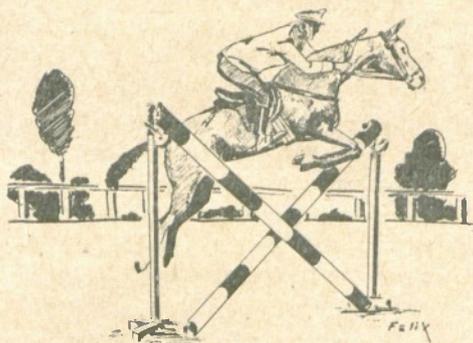
4.ª — 1.º ten. Roldão Nogueira de Lima, da Força Pública, montando «Shangai»;

## Prova Cel. Carlos Mena Barreto Classe «B»

1.º Lugar: — dr. Hélio M. Siqueira, da S.H.C.; montando «Índio»;

2.º Lugar: — ten. Roldão Nogueira de Lima, do R.C. da Força Pública, conduzindo «Corsário»;

3.º Lugar: — dr. Guilherme P. Camargo, da S.H.C., com «Soberano»;

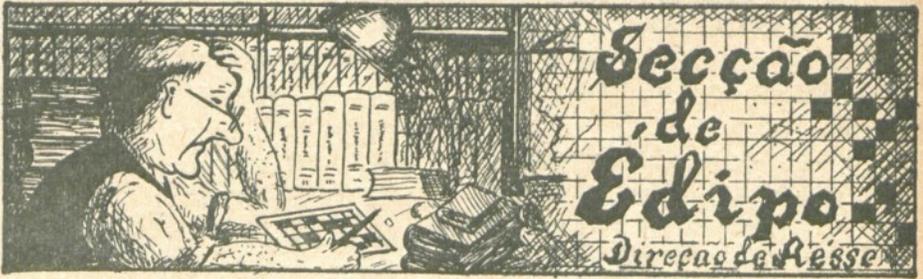


4.º Lugar: — 1.º ten. Roldão N. de Lima, da F.P.; montando «Shangai».

A par do carinho com que a Sociedade Hípica de Campinas se dedica à prática da equitação e a organização de provas hípicas, grande lugar está reservado aos campineiros nesse setor do esporte nacional, dado o incentivo a ela prestado pelo cap. Jossé Maximino e ten. Paulino, instrutores daquela Sociedade.

Durante a feijoada oferecida, após as provas, dirigiu a palavra aos presentes o dr. Porto, enaltecendo as qualidades morais dos homenageados, sendo o seu discurso respondido pelo sr. cel. Cândido Bravo e pela representação do 17.º R.C. do E.B.

Com a conquista de um primeiro, um segundo e dois quartos lugares, nas duas provas realizadas, encerrou nesse dia, o R.C. da Força, a temporada de saltos de obstáculos de 1951, com notável destaque dentro da arte equestre de São Paulo.



### LOGOGRIFO EM PROSA

1 — O atleta de volume enorme, 1-5-6-7 que no meio do povo 1-2-4-4-2 olha com doçura 1-7-6 para a mulher garrida 6-7-5-2 e que tem por sentença 6-7-1-2 fazer ginástica à vontade 6-7-3 e, na barra fixa ficar de mau humor, 6-8-2 gosta de cantar sambas, mas tem terrível aversão pela idéia de terminar seus dias em um sepulcro sutuoso.

Silvoski

### 2 — CHARADA AUXILIAR

+ ca = dinheiro  
 + co = bosque  
 + ca = abundante  
 + co = espécie de dança popular do nordeste

Conceito = relativo à terra

Joca

### CHARADAS NOVISSIMAS

3 — Acho graça ver o porco dar pulo. 1 — 1

Joca

4 — Se você é o único a saber esse segredo e cala-se, tem bom senso. 1 — 1

Dr. Sabenada

5 — O saco de couro bateu na parte anterior da cabeça do cavalo que tem a testa branca 2 — 2

6 — Um conselho de erudito é resistente como abrigo antiaéreo 1 — 2

Joca

7 — A perversa atirou um pedaço de louça quebrada no soldado da polícia 1 — 2

Lino

### CHARADAS SINCOPADAS

8 — A manteiga ficou mole no calor 3 — 2

Silvoski

9 — Está em perigo a segurança do criminoso quando se descobre a verdade 3 — 2

Dr. Sabenada

10 — Sobre casa muito grande é comum haver história 3 — 2

11 — Prudência não significa pavor 3 — 2

Silvoski

### CHARADAS CASAIS

12 — Bom enredo tem este pequeno romance. 3

13 — A explosão foi determinada pelo agente de polícia 2

14 — Bofetada de homem gordo e baixo não doi! 2

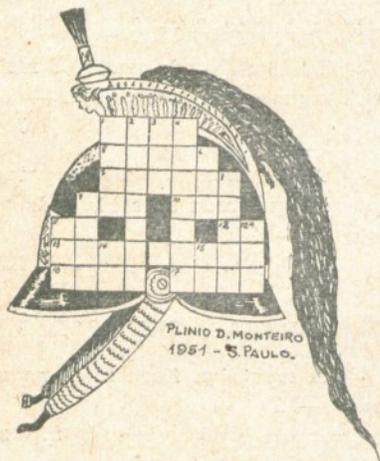
Kdt.

### CHARADA ANTIGA

15 — Para mim, digo, sem pejo, — 1  
Nada de algumas empresas . 1  
Que levei ou levo a termo,  
Apesar de meu desejo,  
É manancial de riqueza. — 2

Dr. Sabenada

### PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:— 1 — Nome de várias plantas da família das gramíneas, usadas em substituição às telhas.

5 — Armadilha para apanhar passaros.

7 — Achareis graça.

9 — Denominação genérica dos vegetais.

10 — Grei, partido.

11 — Nota musical.

12 — Esta Unidade não é melhor nem pior, é diferente...

13 — Ruído de muitos estouros.

16 — (Naut) Ponta da verga.

17 — Terra arroteada e própria para a cultura.

Verticais:— 1 — Mulher de Abrão; recobra a saúde.

2 — Os alemães afirmavam que eram...

3 — Colocar.

4 — Tragédia de Sófocles.

6 — Filha de Labão e mulher de Jacob, (inv).

8 — Mancha amarelada na pele.

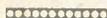
9 — Imposto de transmissão.

11 — Doçura; certa lua de duração incerta.

12 — A — Cano de moinho.

14 — Variação pronominal.

15 — Clima.



(Conclusão da pág. 111)

## Tiro ao Alvo...

No Congresso de Tiro ao Alvo, realizado durante o presente Campeonato, ficou deliberado que o V Campeonato Brasileiro será na cidade de Nova Friburgo (Estado do Rio de Janeiro). VI Campeonato Brasileiro (1953) no Estado do Paraná e o

VII Campeonato será em nossa Capital, por ocasião dos festejos comemorativos do IV Centenário da Cidade de São Paulo, atendendo pedido formulado pelo exmo. sr. Lucas Nogueira Garcez, governador do Estado.

# Gaveta de Cartas



*MILITIA* abre hoje a sua secção de correspondência.

Há muito sentimos a necessidade desta secção, no entanto, como nossa preocupação primeira fôsse a de colocar a revista em dia, só agora pudemos efetivá-la. São várias as vantagens que esta página trará à publicação e aos seus leitores e representantes. Cartas e telegramas enviados por nós aos representantes de *MILITIA*, têm-se extraviado. Por vezes são mensagens acusando o recebimento de pedidos de assinaturas ou de numerário remetido por nossos representantes, as quais não chegando aos seus destinatários, têm dado motivo a seguidos pedidos de confirmação da nossa parte.

Temos também recebido cartas de colegas de outras Polícias Militares, solicitando informações sobre o funcionamento de cursos na Fôrça Pública de São Paulo. Ora, a resposta sendo dada pelas páginas de *MILITIA*, servirá, não apenas ao consulente, mas ainda, aos outros leitores interessados no assunto. Temos certeza de que com a "Gaveta de Cartas", seremos mais úteis aos nossos prezados assinantes e colaboradores.



Ten. Francisco de Assis Veloso (Representante de Militia na P.M. da Paraíba) continue enviando-nos seus apreciados artigos e noticiários. Recebemos a relação dos novos assinantes e a importância correspondente. Parabens pelo trabalho desenvolvido.

Ten. José Belarmino F. F.º (Ex-representante de Militia na P.M. da Paraíba) agradecemos o trabalho desenvolvido pelo prezado colega e esperamos continuar contando com o seu apóio, no sentido da maior difusão desta revista que se propoz a ser o arauto das Polícias Militares brasileiras.

1.º ten. Renato Moro Ramos (Representante de Militia na Brigada Militar Gaúcha) tomamos nota da sua sugestão. Muito gratos.

1.º ten. Antonio Nilson Rodrigues (Representante de Militia na P.M. do Estado do Ceará) muito esperamos do seu trabalho no sentido de difundir Militia entre os componentes da brava P.M. do seu Estado. O Código de Vencimentos e Vantagens, o Regulamento do C.F.A. e a Lei de Promoções de Oficiais e Praças, serão enviados brevemente. O segundo está, atualmente, sendo modificado.

Major Darci Fontenele de Castro (Representante de Militia na P.M. do Distrito Federal) aguardamos novos noticiários da sua conceituada Corporação, e os resultados dos seus esforços no sentido da maior difusão de Militia entre os cultos colegas da P.M. do Distrito Federal.

1.º ten. Alfredo Pacheco Barroca (Representante de Militia na P.M. do Espírito Santo) recebemos o seu cheque n.º 178344 e a relação de assinantes. Belo trabalho, de difusão, parabens. Vamos examinar a data de vencimento das assinaturas.

Cap. Walter Zulmiro Pereira de Castro (Representante de Militia na P.M. do Estado do Rio) recebemos a lista dos novos assinantes. Os cinco números de Militia e o livro Manual de Instruções Policiais ser-lhe-ão enviados.

Major Luiz Pinheiro de Araujo (Representante de Militia na P.M. do Estado do Amazonas) ótimo trabalho com relação a coleta de novas assinaturas e a renovação das já existentes. Ao camarada da P.M. da Terra de Ajuricaba, os nossos agradecimentos.

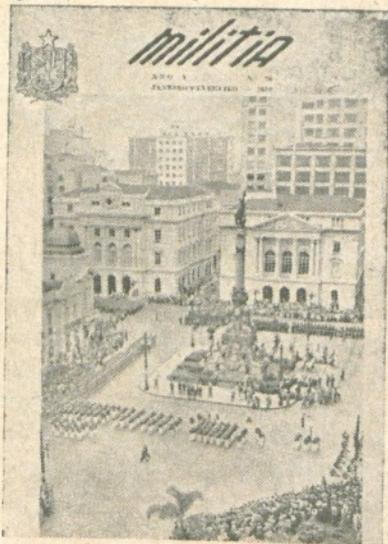
Major Luiz de Siqueira (Curitiba — Paraná) mandamos os quatro exemplares de Militia, pelo correio. Agradecemos e retribuimos os votos de um Feliz e próspero Ano Novo.

Cap. Moraes Netto (Representante Militia na P.M. do Rio Grande do Norte) recebemos seu telegrama de 8 de janeiro deste. Aguardamos a reportagem sobre o 115.º aniversário da sua Corporação e muito esperamos do seu trabalho no sentido de difundir na P.M. do Rio Grande do Norte, a nossa revista.

Ten. Nelson Joaquim Pereira (P.M. do Estado do Rio — Campos) já remetemos os exemplares pedidos em seu telegrama.

## Aos nossos representantes —

Em vista das dificuldades que o tesoureiro de MILITIA tem encontrado por parte dos estabelecimentos bancários, na retirada das importâncias que nos são remetidas pelos nossos representantes, pedimos que, de agora em diante, todo numerário nos seja enviado pelo Correio.



---

---

### NOSSA CAPA

Fixa um aspecto das comemorações do 398.º aniversário da Cidade de São Paulo, realizadas no pátio do Colégio, local onde Ancheta levantou, com suas mãos de apóstolo, a cabana rústica que mais tarde se transformaria no maior centro industrial da América Latina. No clichê, que nos foi cedido por gentileza da «Fôlha da Manhã», aparecem os contingentes da Marinha, do Exército, da Aeronáutica e da Força Pública, que formaram junto ao Monumento da Cidade.

---

---